

LUIZ CARLOS TEIXEIRA

INTENTIO OPERIS: ESCRITA E ORALIDADE EM CARTAS DE
MULHERES DE MINAS GERAIS, 1870-1890

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2011

LUIZ CARLOS TEIXEIRA

INTENTIO OPERIS: ESCRITA E ORALIDADE EM CARTAS DE
MULHERES DE MINAS GERAIS, 1870-1890

Monografia apresentada ao Curso de História do
Instituto de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito
parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo de Andrade

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2011

Para ...

Margarida,
Ephigenia,
Conceição,
Cristina,
Luciana,
Kelma,
Silvânia.

... (por ordem de entrada em cena)...

AGRADECIMENTOS

Pelo apoio institucional: Programa Voluntário de Iniciação Científica da Universidade Federal de Ouro Preto (PIVIC/UFOP), através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP/UFOP);

Pela confiança e apoio: Professor Doutor Francisco Eduardo de Andrade.

*Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci (...).**

*Aqui é uma monotonia,
que só se ouve a bulha do Rio,
que faz um atordoamento,
que é pior do que o silêncio.***

* ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 490.

** OTTONI, Cristiano; OTTONI, Bárbara Balbina de Araújo Maia. *Carta aos netos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1978, p. 72.

RESUMO

Esta monografia disserta sobre a prática da escrita de cartas pessoais entre mulheres de Minas Gerais na segunda metade do século XIX. Pretende-se analisar os aspectos composicionais do registro escrito e suas operações textuais elementares, através de metodologias paleográficas, diplomáticas e pragmático-linguísticas. Intenta-se com isso alcançar a horizontalidade do gênero textual, identificar marcas de elaboração, aspectos composicionais, dêiticos sociais, ilocutórios, espaço/temporais, circunstanciais e discursivos, com o intuito de apreender e colocar em discussão *como* as mulheres escreviam suas cartas no final daquele século.

Palavras-chave: texto; escrita; discurso; carta pessoal; paleografia; diplomática; escrita de si

ABSTRACT

This monograph elaborating on the practice of writing personal letters from women of Minas Gerais in the second half of the nineteenth century. It is intended to analyze the compositional aspects of the written record and textual elementary operations, through methodologies paleography, diplomatic and pragmatic-linguistic. It seeks to achieve this with the horizontality of the genre, making identifying marks, compositional aspects, social deictics, illocutionary, space/time, discursive and circumstantial, in order to seize and put into discussion as women wrote their letters at the end that century.

Keywords: text, writing; speaking; personal letter; paleography; diplomatic; writing itself.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Esquema de Jakobson – Circuito remetente - destinatário	28
FIGURA 2 - Esquema de Marcuschi – <i>continuum</i> fala-escrita	30
FIGURA 3 – Paleógrafo de Duarte Ventura – fac-símile	37
FIGURA 4 – Fragmento de carta de Francisca Salles – uso do papel	39
FIGURA 5 – Fragmento de carta de Constância Guimarães – uso do papel	40
FIGURA 6 – Fragmento de carta – uso das faces do papel	41
FIGURA 7 – Fragmento de carta de Maria Magdalena – uso do papel	41
FIGURA 8 – Efeitos do peso da escrita no papel	43
FIGURA 9 – Peso da escrita nas bordas do papel	44
FIGURA 10 – Fragmentos de marcas tipográficas	45
FIGURA 11 – Post scriptum (I) - Notícia fúnebre de carta	48
FIGURA 12 – Post scriptum (II)	48
FIGURA 13 – Post scriptum (III)	49
FIGURA 14 – Álbum de família	50
FIGURA 15 – Post scriptum (IV)	51
FIGURA 16 – Fragmento de carta de Maria Ideltrudes	52
FIGURA 17 – Sequência de protocolos	53
FIGURA 18 – Fragmentos de escritas tipográficas	56
FIGURA 19 - Lições paleográficas – cursividade das minúsculas “d” e “s” e “f” .	57
FIGURA 20 – Lições paleográficas – letras-padrão segundo BPR	58
FIGURA 21 – Fac-símiles de jornais para mulheres	59
FIGURA 22 - Fragmentos de não conformidades paleográficas	60
FIGURA 23 - Fac-símiles de cartas	61

FIGURA 24 - Fragmentos de escritas cartoriais / arcaicas	62
FIGURA 25 - Fragmentos de cursividades das letras maiúsculas	66
FIGURA 26 – Carta referência I (<i>mise-en-page</i>)	67
FIGURA 27 – Carta referência II (<i>mise-en-page</i>)	68
FIGURA 28 - Carta referência III (<i>mise-en-page</i>)	69
FIGURA 29 - Carta referência IV (<i>mise-en-page</i>)	70
FIGURA 30 - Transcrição de uma carta de Carolina Augusta (<i>mise-en-page</i>)	79
FIGURA 31 – Sequência narrativa, segundo Adam	83
FIGURA 32 – Sequência argumentativa, segundo Adam	84
FIGURA 33 – Fac-símiles capa dos paleógrafos	111

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Arquivos, Fundos e Coleções	18
TABELA 2 – Uso de papel por tipo	42
TABELA 3 – Proposta de Rita Marquilhas para a identificação de dêiticos na <i>mise-en-page</i> do texto escrito	77
TABELA 4 – Os <i>tipos textuais</i> , segundo Anna Rachel Machado	84

LISTA DE ABREVIATURAS

AHMI – Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência

AHMIFBC – Fundo Barão de Camargos

APM – Arquivo Público Mineiro

APMCG – Coleção Constância Guimarães

APMFAP – Fundo Alferes Luiz Antônio Pinto

APMFR – Fundo Família Rodrigues

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1. Delimitação do tema	11
1.2. Fontes	17
1.3. Problema e hipóteses	20
1.4. Metodologias	21

2. PRETEXTOS

2.1. <i>Intentio Operis</i>	23
2.2. Teoria do escrito	27
2.3. Remissão Bibliográfica	31

3. TEXTOS

3.1. Os Paleógrafos	37
3.2. Leitura Paleográfica	
3.2.1. Papel	39
3.2.2. Tinta e peso da escrita	43
3.2.3. Distinções tipográficas	45
3.2.4. Inclusões de escrita no papel	48
3.3. Leitura Pragmática/Diplomática	
3.3.1. Protocolos e dêiticos sociais	51
3.3.2. Escrita tipográfica, caligráfica, cartorial	55
3.3.3. Reduções e abreviaturas	63
3.3.4. Maiúsculas, capitulares e parágrafos	65
3.3.5. Apelidos, vocativos e diminutivos	70
3.3.6. Dêiticos ilocutórios	77

4. VONTADES DE DIZER

4.1. Representações do dizer escrito	82
4.2. Hypomematas e arquivos	87

5. CONCLUSÃO

90

6. REFERÊNCIAS

92

7. APÊNDICE

111

1. INTRODUÇÃO

1.1. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Considere-se uma proposição inicial algo axiomática: investiga-se aqui a prática da escrita de cartas entre as mulheres; tentar-se-á abstrair sobre *como* as mulheres escreviam. Logo, deve-se sair à procura das mulheres que escreviam cartas; a ideia parece bem simples; no entanto, como tudo relacionado à história das mulheres, nada é tão imediato quanto parece; daí a primeira argumentação deste trabalho: *na intensidade que se deseja* é praticamente impossível apreender a prática da escrita de cartas em Minas Gerais antes da segunda metade do século XIX.

Colocar-se-á, permita-se, algum lastro nesta premissa inicial procurando uma mulher-ideal, missivista contumaz, habituada ao exercício de registrar no papel linhas sobre si e sobre a vida acerca de si. Pede-se a este propósito considerar como quadro comparativo o ambiente colonial apresentado por Luciano Figueiredo para Minas Gerais no século XVIII:¹ a mulher-ideal que se procura praticamente desaparece por detrás de véus e xales, nas procissões, novenas e missas deste século. Esta mulher não é “falada”, simplesmente; os tríduos, novenários e setenários falam por esta mulher; pois, numa sociedade iletrada o livro de rezas e ladainhas em latim são os textos que herdamos da mulher setecentista.² Por outro lado, observe-se, quitandeiras, negras de tabuleiro, mulheres “fadistas”, concubinas, “vendeiras”, estas mulheres são “faladas” na história recente; porque mulheres de “ganho” subvertem a ordem, são transgressoras do *status quo* na sociedade colonial portuguesa e isto interessa à história. Certamente, estas mulheres “públicas” escreviam de si; apenas a possibilidade de encontrar entre estas mulheres as escritas de cartas de punho é que parece muito restrita, pelos motivos que se apresenta.³

¹ FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 141-188; idem, *O avesso da memória*. Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1999, p. 113-132; ibidem, *Barrocas Famílias*. Vida familiar em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997; SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *História da família no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1998, p. 87-94; 228-239.

² Cf. LIMA, José Arnaldo Coelho de Aguiar. *As novenas em Mariana*. Mariana: Ed. do autor, 2011.

³ Sobre a dimensão histórica desta prática, cf. CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: *História da vida privada 3* (org.). Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 112-161.

Pode-se intuir - e permita-se apenas intuir - uma nuance da escrita da história das mulheres: *um silêncio que convém à história* porque é confortável e não demanda esforço algum afirmá-lo e comprová-lo; e deste silêncio da história se pode inferir: a mulher que pretendemos localizar em Minas Gerais – presume-se também esposa, mãe, parente próxima, filha e devota – não é a mulher da escrita da história dos setecentos; esta mulher-desejada, nos setecentos, provavelmente observa em silêncio quase incontido o movimento das ruas pelas grades da janela colonial, absorvida pela curiosidade do dia, distraída de si, de seu refúgio e cárcere monasterial; e a rua nos setecentos, no quadro ilustrativo de Figueiredo, era grande ebulição e vozerio; isto é, a rua colonial portuguesa subtraiu, proibiu esta mulher de si. Ela é pura distinção, pudor e mistério; nos setecentos esta mulher é quase inacessível; porque ela, em resposta, se proíbe e se subtrai da rua; e tudo o que esta mulher menos deseja é ser “falada”. Para seu mal, tudo na rua dos setecentos mineiro é indistinção, ensina Marco Antônio Silveira.⁴ Nesse sentido, a mulher distinta e pudica, rezadeira e beata, escondida dos umbrais das janelas dos setecentos não interessará a esta investigação; conquanto escrevesse cartas, *na intensidade que se deseja* neste estudo, hábito que não se verifica nas mulheres deste período, ou seja, não se aplica ao século XVIII.

Encontrar-se-á a mulher idealizada na segunda metade do século XIX. Seu perfil agora é bem diferente da figura feminina captada pelos historiadores em testamentos, escândalos e devassas do século anterior. Maria Ângela D’Incao e Norma Telles,⁵ analisando esta nova página da história, apresentam-nos um quadro de mudanças significativas na sociedade, no estilo de vida das pessoas que transitam nas ruas da cidade pós-colonial e pré-republicana. Mary Del Priore também focaliza esta mulher nestes “tempos de desejos contidos, de desejos frustrados (...)”; considere-se: a experiência do tempo neste novo século Brasileiro adquiriu uma velocidade vertiginosa; e por que as mulheres não mudariam com as mudanças dos tempos?⁶ Para Priore, a mulher do XIX, pelo menos na visão dos homens, é

⁴ SILVEIRA, Marco Antonio. *O universo do indistinto*. Estado e sociedade nas Minas Gerais setecentistas (1735-1808). São Paulo: Hucitec, 1997; cf. em especial, *A vontade da distinção*, p. 169-186; este é um dos grandes dilemas Brasileiros, a oposição entre a casa e a rua, segundo a visão antropológica de MATTÁ, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema Brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980, p. 70-79.

⁵ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa; TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 223-188; 401-442.

⁶ Cf. KOSELECK, Reinhardt. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 21-39; 305-327; considere-se tal experiência em *todos os campos* da sociedade Brasileira poscolonial e pré-republicana, justamente quando o tempo passa a constituir ele próprio um problema a ser solucionado pelos homens desse tempo, cf. adverte ARAÚJO, Valdei Lopes. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional*

esta “criatura complexa, capaz de reunir o melhor e o pior” da espécie humana.⁷ Isto significa uma criatura para ser desejada e abominada, ao mesmo tempo. Na visão ampliada de Priore, a história dos homens só pode ser escrita com a história das mulheres.⁸

Quem escreve este tipo de história reconhece no XIX um aspecto crucial, elementar, um marco metahistórico que redefine e resignifica a participação da mulher na sociedade Brasileira: o “aburguesamento” da família, o refinamento dos costumes da sociedade rumo a “civilização”. Claro está: se se entende a família como uma tradição efetivamente consolidada no período, o que parece controverso, pelo menos em relação às mulheres.⁹ Segundo D’Incao, tal efeito é decorrente de “um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade”.¹⁰ Com efeito, as mulheres, no contexto do XIX, são vistas sobretudo como “anfitriãs” da casa “burguesa”, boas esposas, boas mães e boas filhas, como se disse. Estas mulheres não cuidam somente da imagem da família; *cuidam da imagem do homem da família*; e este homem, segundo D’Incao, está rodeado de mulheres por todos os lados; em certa medida, este é o esteio do patriarca, sua base política na sociedade: a família e as mulheres da *sua família*.¹¹ Portanto, esta mulher pode ser exibida à distância sem os véus e os xales espessos, sem os missais e novenários dos setecentos, com o devido controle da visão. Percebe-se, gradativamente, mesmo entre os homens, uma nova percepção da mulher: o “belo sexo”, belo para ser apreciado e, em muitos casos, cobiçado com fervor.¹²

Neste contexto, escreve Norma Telles, apreende-se sem esforço alguns aspectos novos e muito recentes da intimidade dessa mulher dos oitocentos; observe-se: nas horas modorrentas dos dias deste século algumas *escreviam coisas*. Para alguns homens isto é um acinte, uma presunção intelectual, uma liberalidade jamais imaginada. Interessa a este estudo, independentemente de Narcisa Amália, Maria Benedita Borman, Júlia Lopes de Almeida, Ana

Brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 57 et seq.; isto colocado, é justo inquirir, com maior insistência inclusive: por que, neste contexto histórico, as mulheres não mudariam?

⁷ PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 195-196; 220.

⁸ PRIORE, 2009, op. cit., p. 7.

⁹ Sobre isto cf. HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-22; sobre a relação tradição e história, cf. GUMARÃES, Manoel Salgado. Reiventando a tradição: sobre Antiquariado e Escrita da História. In: *Humanas*, Porto Alegre, vol. 23, n. 1 – 2, p. 111-143, 2000.

¹⁰ D’INCAO, 2005, op. cit., p. 228.

¹¹ Cf. PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005, p. 33-43; 45-87.

¹² Para isto, basta recorrer sem mais à figura feminina nos contos de Machado de Assis, lente e consciência-limite do século XIX; cf. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos completos*. [org. Djalma Moraes Cavalcante]. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003, 2 vol. A presença da mulher é um *topos* na produção machadiana; a carta, por sua vez, é quase um personagem, uma entidade, um espectro pairando sobre todos componentes das tramas.

da Barandas, Auta de Souza - entre outras tantas -, que uma rebelião silenciosa e de certo modo irremediável está em curso no interior da família Brasileira.¹³ Estas pequenas transgressões femininas, como escrever romances e publicar poesias em jornais, revelam tão-somente uma particularidade do *fin-en-siècle* Brasileiro: a reorganização de valores do “sexo gentil” numa sociedade patriarcal e androcêntrica por tradição portuguesa. Escrever, fumar charutos, usar calças quem sabe, o que mais esperar destas mulheres “afrancesadas”, pergunta-se o mais liberal e moderado representante masculino do século que chega a termo. Observando-se de perto, assiste-se na segunda metade do século XIX a uma rebelião silenciosa na família tradicional; não somente na família: são mudanças evidentes na sociedade Brasileira como um todo. Dois aspectos exteriores à família fundamentais são para esta “reorganização” de valores, são fatores condicionantes e elementares para a individualização do “novo caráter” feminino: (i) o acesso das mulheres à instrução pública;¹⁴ e (ii) a disponibilidade da informação, numa sociedade que reestrutura-se com base na nova cultura impressa.¹⁵

Observe-se: nossa mulher-ideal é sonhadora e romântica; por isso mesmo é transgressora e uma espécie singular na história das mulheres Brasileiras; poucas vezes encontrar-se-á uma submissão tão insubmissa, é o que se quer dizer. Considere-se: nem mais portuguesa, nem tanto monarquista, nem ao menos republicana; a mulher que interessa a este

¹³ Alguma coisa acontecia de fato neste final de século; pelo menos, com relação à “simpleza” antiga, e à “bulha” da cidade, na concepção da sexagenária Bárbara Ottoni; cf. COSTA, Suely Gomes. Tornado à “simpleza antiga”. Rio de Janeiro, fins do século XIX. *Tempo*, Niterói, v.12, n. 24, p. 173-193, 2008; OTTONI; OTTONI, 1978, op. cit. p. 72.

¹⁴ A historiografia das mulheres na escola e da educação Brasileira em geral é discutida sobejamente hoje em dia; trata-se de um verdadeiro campo de investigação; recomenda-se LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, 2009, op. cit., p. 443-481; HILSDORF, Maria Lucia Spedo. As iniciativas dos republicanos. In: *História da Educação Brasileira: leituras*. São Paulo: Thompson Learning, 2003, p. 57-66; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional Brasileira. In: FREITAS, Marco Cezar. *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 329-353; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação no Brasil. A constituição histórica do campo e sua configuração atual. In: *As lentes da história: estudos de história e historiografia da Educação*. São Paulo: Autores Associados, 2005, p. 88-87; LOPES, Eliane Martha Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Introdução; História da Educação: uma disciplina, um campo de pesquisa. In: *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001; PETITAT, André. O surgimento dos sistemas escolares estatais: premissas e contradições. In: *Produção da escola/ produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 141-149.

¹⁵ Cf. JINZENJI, Mônica Yumi. Gênero e virtudes; Imprensa e educação escolar. In: *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 171-245; ONG, Walter. *Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra*. Trad. Angélica Scherp. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1987, p. 117-136 [cf. cap. *Lo impreso, el espacio y o concluído*]; sobre a perspectiva história para a conquista do letramento, considerar GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. Trad. Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Paulistana, 2006; segundo Roger Chartier, “há uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso, embora durante muito tempo se tenha acreditado numa ruptura total entre uma e outra”, em CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p. 9.

estudo é, sobretudo, *contemplativa* e, segundo os homens, afetados homens, recatada, introspectiva e, percebe-se a armadilha ideológica, cientes de seu “papel” na sociedade.¹⁶ Este é o papel que os homens lhes dão: cuidar da família, dos interesses da família, que são nuclearmente os interesses da nação.¹⁷ Com tamanha insensibilidade, ela - mulher-ideal - pensa e escreve em segredo; trama em silêncio; fia seu destino. Esta mulher, a despeito dos homens, se dividiu irremediável e irredutivelmente entre a família que zela e um mundo exterior imenso que se abriu a si neste novo século, através das revistas de moda, dos figurinos de vestidos, espartilhos e chapéus, dos livros de romances e das novelas de folhetim publicadas nos jornais para moças e senhoras românticas.

Permita-se ilustrar melhor a cena: estão elas reunidas, as matriarcas, as filhas das matriarcas e os filhos das filhas das matriarcas dentro da casa oitocentista finissecular; a luz invade a janela do sobrado e ilumina o dia da casa patronal como as cores da luz do dia no belo óleo de Pedro Bruno, retratando uma família republicana.¹⁸ Poder-se-ia sentir, acurando o olhar, a ausência das mulheres mais jovens, as adolescentes da casa. Estas mulheres se encontram sentadas nos bancos das escolas, aprendendo as artes da escrita e da leitura, a *bela-letra* ensinada pelos paleógrafos;¹⁹ isto é: a escrita e as mulheres mais jovens da família burguesa saíram do espaço íntimo do lar²⁰ e alcançaram a escola primária Brasileira através dos exercícios da caligrafia, das citações, das recitações mentais, da escrita ditada pelas professoras normalistas. Algumas dessas meninas normalistas escrevem diários, cadernos de

¹⁶ Os jornais republicanos destinados ao sexo feminino comprovam, de certa forma, como esta perspectiva androcêntrica percebe o papel da mulher nesta sociedade em construção, conforme veremos adiante neste estudo quando tratamos da relação entre escrita tipográfica e escrita caligráfica; cf. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa do século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, n. 104, p. 144-161, julho, 1998

¹⁷ Nunca é demais mencionar a visão idealizada da mulher entre os “homens de ação” republicanos, sobretudo os positivistas, cf. CARVALHO, José Murilo de. República-mulher: entre Maria e Marianne. In: *A formação das almas*. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 75-96.

¹⁸ BRUNO, Pedro. *A Pátria* (óleo, 278 x 180 cm, moldura). Rio de Janeiro: Museu da República: Coleção Presidência da República, 1919. Disponível em http://www.republicaonline.org.br/index_site.htm; acessado em 10/01/2009.

¹⁹ Os paleógrafos, livros manuscritos impressos de caligrafia, e sua relação com a prática da escrita de cartas pessoais serão considerados neste estudo em seção à parte; cf. os estudos adiantados de BATISTA, Antônio Augusto. Papéis velhos, manuscritos impressos: paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das letras; São Paulo: Fapesp, 2005, p. 87-116; idem, Paleógrafos ou livros de leitura manuscrita: elementos para o estudo do gênero. In: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/Batista/batista.htm>; acessado em 08/05/2011.

²⁰ Cf. RANUN, Orest. Os refúgios da intimidade; FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 211-266; 331-370.

apontamentos, desenham garatujas nas margens das fotografias e dos cartões-postais, coisas suas, coisas pueris para se lembrar e esquecer.²¹

Perceba-se: as mulheres que interessam a este estudo frequentam agora – acompanhadas, diga-se - lugares públicos, teatros, operetas e soirées; ou seja, ampliou-se o espaço de locomoção da mulher na sociedade urbana Brasileira para além das missas e das procissões. A sociedade Brasileira também mudou em relação aos setecentos; com isso elas podem, por exemplo, visitar parentes, viajar, conhecer lugares, pois a família Brasileira cresceu e dispersou-se, rumo à cidade.²² Algumas, e estas sim interessam a este estudo, frequentam agências dos correios para postar as notícias da família, mandar telegramas, enviar notícias que elas próprias escreveram de punho para seus parentes distantes, para o irmão que foi estudar no seminário, para o pai ausente envolvido com correligionários e com interesses da política, para as primas, comadres, genros, noras que moram longe dali.²³

O assunto, conteúdo do que foi escrito nestas notícias da família em cartas interessam; mas interessa sobretudo o meio usado dado a conhecer estas notícias, isto é, a própria carta pessoal. Estamos falando, observe-se, da segunda geração de normalistas, se se entende neste caso, de forma determinista e reduzida, que somente a geração anterior educa a geração do presente.²⁴ Em todo caso, a Lei de Instrução Pública está prestes a completar meio século,²⁵ o exame anual da escola pública é um acontecimento social de grande importância, uma efeméride municipal que praticamente paralisa a cidade e a família oitocentista. As moças capricham no figurino para demonstrar seus conhecimentos nos cálculos da álgebra e

²¹ Cf. p. ex. MAGALHÃES, Bernardina Botelho de. *O diário de Bernardina: da Monarquia à República*, pela filha de Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; CUNHA, Maria Amália de Almeida. Dimensões da condição feminina no final do século XIX, nas páginas do Diário “Minha Vida de Menina” (1893-1895). In: *Horizontes*, Bragança Paulista, n. 19, p. 29-41, jan./dez., 2001;

²² Segundo o censo demográfico, as mulheres representavam no final do século XIX pelo menos a metade da população Brasileira; cf. IBGE. *Série Estatística & Série Histórica do IBGE*, in: http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=0&no=10; acessado em 30/06/2011.

²³ Eis uma mudança sutil que interessa: a substituição gradativa do “portador” pela agência postal; o *portador* é aquela figura de “confiança” que leva a carta de alguém para alguém; esta mudança só acontece no Brasil na segunda metade do século XIX; sobre a evolução das agências dos correios nas cidades de Minas Gerais, cf. LIMA, Kleverton Teodoro de. *Práticas missivistas íntimas no início do século XX*. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 50 et seq; HOT, Amanda Dutra. *Cartas à Viscondessa: cotidiano e vida familiar no Brasil Império* (Ouro Preto, 1850 – 1902). Mariana, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciência Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, p. 101-102.

²⁴ Sobre isto, considerar DURKHEIM, Emile. A educação – sua natureza e função. In: *Educação e sociologia*. Trad. Lourenço Filho. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978, p. 33-56; neste caso específico - a educação no século XIX Brasileiro, entre as mulheres - temos algumas dúvidas razoáveis sobre qual geração ensina qual geração; é bem razoável que as netas “educassem” de alguma forma as avós analfabetas; e por que não? Cf. também PETITAT, 1994, op. cit., loc. cit.

²⁵ Cf. VEIGA, Cyntia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 413.

no trato da língua portuguesa.²⁶ Perceba-se: a escrita é um acontecimento social como nunca antes. Não é pouco isso: os Brasileiros comuns, meninos e meninas, adolescentes, começam a escrever o que falam e como falam no papel pautado dos cadernos escolares.

Este é o contexto deste estudo; aumentado o lastro de argumentos para a primeira premissa, encontrar a missivista-ideal, começa aqui a investigação, de fato: três décadas de práticas da escrita em cartas pessoais de mulheres - normalistas ou não -, matriarcas, mães, filhas e avós, na segunda metade do século XIX. Inicia-se este estudo de 1870, sete anos antes do jubileu de ouro do marco inicial desta rebelião silenciosa: a entrada das normalistas na escola de instrução pública.²⁷

1.2. FONTES

Encontrar-se-á sem esforço em arquivos privados, cartas pessoais de mulheres do século XIX dispersas em instituições públicas mineiras. O volume parecerá pequeno a primeira vista mas bastante precioso, em última análise.²⁸ Utiliza-se neste estudo apenas cartas da *correspondência ativa* dessas mulheres, coerentes com a proposta de examinar a prática do escrito, o modo de escrever, a paleografia dos documentos.²⁹ Estas fontes manuscritas são encontradas no Arquivo Público Mineiro (APM)³⁰ e no Arquivo Histórico do

²⁶ JINZENJI, 2010, *op. cit.*, p. 234-238.

²⁷ Sobre a necessidade de tal investigação para a história, cf. a microscopia social em BURKE, Peter. *História social e teoria social*. Trad. Klauss Gerhardt e Roneide Majer. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 60-66; SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação & Realidade*, 20(2), p. 71-99, jul./dez., 1995; idem, História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 63-96;

²⁸ Sobre as armadilhas dos arquivos privados, cf. PROCHASSON, Christophe. “Atenção: Verdade!”; arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. Trad. Dora Rocha. *Revista Estudos históricos*, vol. 11, n. 21, p. 105-119, 1998; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2064>; acessado em 15/03/2011; FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Revista Estudos históricos*, vol. 11, n. 21, p. 59-87, 1998; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2060>; acesso em 11/12/2010; acesso em 11/12/2010; HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória, e resíduo histórico. Uma reflexão sobre os arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Revista Estudos históricos*, vol. 10, n. 19, p. 41-66, 1997; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2041>; acessado em 09/10/2010.

²⁹ Sobre a importância da paleografia como ciência auxiliar da história, cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. Paleografia. In: SERRÃO, Joel (org.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas Editores, 1981, p. 528-534.

³⁰ Cf. APM. Inventário do Fundo Alferes Luiz Antônio Pinto. Ago. 2007. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes_brtacervo.php?cid=37; acessado em 15/06/2010; APM. Inventário da Coleção Constância Guimarães. Jan. 2005. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colecoes/CG/INVENTARIO%20DA%20COLECAO%20CONSTANCIA%20GUIMARAES.pdf; acessado em 15/06/2010; APM. Inventário da Coleção Família Rodrigues

Museu da Inconfidência (AHMI), duas instituições respeitadas pelos serviços prestados à preservação da memória em Minas Gerais. Não será surpreendente dizer que as missivas das mulheres estão dispersas nas séries e subséries dos fundos e títulos masculinos, nos chamados arquivos avulsos e diversos pessoais dos patriarcas, dos políticos, escritores e celebridades da sociedade mineira. A única exceção, o único título de fundo ou coleção examinado nos arquivos com nome feminino de qual far-se-á uso é a *Coleção Constância Guimarães*.³¹

Ou seja: do surpreendente espólio epistolar do Barão de Camargos no AHMI, entre as suas correspondências a correligionários políticos, apadrinhados, parentes e amigos, encontrar-se-ão as cartas de Maria Leonor, sua esposa, de suas filhas, sobrinhas e primas; no fundo do Alferes Luis Antônio Pinto, combatente na Guerra do Paraguai, arquivo-referência no APM, nos seus diversos, as cartas de suas irmãs, de sua madrasta, das mulheres da família do patriarca. No arquivo da família Rodrigues também do APM, berço de desembargadores e juízes oriundos de Conselheiro Lafaiete, encontrar-se-á uma curiosa carta de Mariana Angélica, a pedir favores, prática comum e assunto bastante recorrente no epistolário feminino da época, sobretudo, conforme veremos, das viúvas e das parentes mais velhas desamparadas da figura de um homem. Um resumo desta pesquisa, apresenta-se na tabela seguinte:

TABELA 1 – Arquivos, Fundos e Coleções³²

Arquivo	Fundo Coleção	Ente Produtor	Número de cartas
APM	LAP	Ana Carolina Ferreira	2
		Carolina Augusta de Moraes	5
		Maria Ideltrudes de Moraes	2
		Maria Magdalena de São José Pinto	4
		Francisca de Salles Moraes Pinto	8
	CG	Constância Guimarães	8
	FARP	Mariana Angélica da Conceição	1
AMHI	FBC	Maria Leonor de Magalhães Teixeira	12
		Maria Leonor [filha]	1
		Rosa Monteiro de Castro	1

Pereira. Jan. 2005b. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colectoes/FRP/INVENTARIO%20DA%20COLECAO%20FAMILIA%20RODRIGUES%20PEREIRA.pdf; acessado em 15/06/2010

³¹ No APM pode-se encontrar, p. ex. a *Coleção Joaquina Bernarda de Pompúu* [disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colectoes/brtacervo.php?cid=58], não adequada a periodização proposta neste estudo; fora isto, em termos de arquivos privados, prevalece o nome titular masculino.

³² Doravante faremos referências aos arquivos, fundos e coleções com as seguintes notações: APM (Arquivo Público Mineiro); APMLAP (Fundo Alferes Luís Antônio Pinto); APMCG (Coleção Constância Guimarães); APMFARP (Fundo Família Rodrigues); AHMI (Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência); AHMIFBC (Fundo Barão de Camargos); com relação às missivistas, permita-se o tratamento pelos prenomes, para facilitar a exposição.

	Isabel Maria de Oliveira	2
	Francisca Teixeira Baeta Neves	2
	Francisca Benedita Duarte	1
	Elisa Malvina Teixeira	6
	Joanna Perpétua de Oliveira Santos	2
	TOTAL	57

Neste sentido, a *Coleção Constância Guimarães*, musa do poeta decadentista Alphonsus de Guimaraens,³³ ganha uma importância bastante singular; seus parentes e herdeiros, ao doar a coleção ao APM, antecipam a investigação desta memória, porque percebem de alguma forma a importância de oito cartas.³⁴ Estas parecem ser apenas um resíduo ínfimo, uma amostra bastante reduzida da prática da escrita desta tia distante no passado, colhida pela tuberculose, ainda adolescente. No entanto, são cartas que se multiplicam em face do silêncio em seu entorno, do mistério de Constância, inspiradora de Ismália, a Ofélia de Alphonsus. Não são ilustres afinal apenas o pai Bernardo e o primo Alphonsus.³⁵ As cartas extraviadas, incineradas, jogadas no lixo e/ou retidas em casa pelo escrúpulo dos herdeiros, ausentes dos arquivos patriarcais, potencializam e certificam o silêncio da história em relação às mulheres.³⁶ Para ilustrar melhor, considere-se as palavras de Hamilton de Mattos Monteiro para a matriarca Bárbara Ottoni: “as cartas de D. Bárbara, a

³³ Cf. MOISÉS, Massaud. *A literatura Brasileira*. O simbolismo (1893-1902). Vol. 4. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1962, p. 98-99; MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Breve história da literatura Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 146-147; PACE, Tácito. *O simbolismo na poesia de Alphonsus de Guimaraens*. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1984, p. 60; sobre Bernardo, cf. também ADEOTADO, William Magalhães. O romantismo do século XIX na formação da linguagem: oralidade na obra de Bernardo Guimarães e legitimação da língua. In: SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Scortecci, 2001, p. 21-54.

³⁴ Conforme comprova o zelo explicativo de seu sobrinho-neto em APMCG. Notação CG 2- Cx.01; TEXTOS [datilografados] de José Guimarães Alves sobre a família de Joaquim Caetano da Silva Guimarães e Romana Guimarães Dechamps, tios de Constância Guimarães. Notas explicativas sobre as expressões usadas por Constância Guimarães em suas cartas; s.d.; APMCG. Notação CG 2 - Cx. 01; NOTAS [datilografadas] sobre as cartas de Constância Guimarães relatando o cotidiano em Ouro Preto; notação CG 2 - Cx. 01; sobre a importância dos herdeiros e seus escrúpulos, s.d.; sobre a importância dos herdeiros e seus escrúpulos cf. MUZART, Zahidé Lupinacci. Cartas muitas íntimas; escrúpulos de herdeira. *Revista Brasil de Literatura*. Disponível em: http://revistaBrasil.org/revista/arqmorto/arquivo_morto.html; acesso em 17/01/2011

³⁵ Constância é filha de Bernardo, romancista no Império, autor de *A escrava Isaura*, *O Seminarista*, *O elixir do pajé*, entre outras obras; Alphonsus, o poeta simbolista, é seu primo: para decepção dos pesquisadores, seu nome é citado nas cartas sem o “calor” da paixão que se espera dos amantes nesta idade tenra; pelo contrário: Constância está mais interessada em Pandiá Calógeras, assim como sua prima Elisa (Sinhoca) com quem o moço viria a se casar, após a morte de Constância, em 1888. De qualquer forma, vale a pena conferir nestas cartas como os rapazes assediavam as casas das moças em idade de noivar, como é o caso da missivista, que não teve esta felicidade em vida.

³⁶ Sobre o arquivo, instituição, cf. HESPANHA, António Manuel. Organização arquivística e história do poder. *Vértice*, 2. Série, n. 4, p. 111-112, jul. 1998; sobre o arquivo como lugar da história, cf. NORA, Pierre. Entre memória e história; a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993; sobre escrúpulos de herdeiros, cf. também VASCONCELOS, Eliane. Carta missiva. *Revista Brasil de Literatura*. Disponível em: http://revistaBrasil.org/revista/arqmorto/arquivo_morto.html. Acesso: 07/02/2011.

dindinha dos gostosos doces de caju e dos pães doce, de que tanto gostava Misael, *completam este quadro* de uma família Brasileira de fins do século passado”.³⁷

1.3. PROBLEMA E HIPÓTESES

Apresentada a mulher-missivista, os arquivos consultados e as fontes selecionadas os trabalhos, esclarece-se melhor que tipo de abordagem das cartas pessoais e das oralidades do *gênero textual* pretende-se empreender nesta monografia.³⁸ Eis as proposições:

- (i) o escrito é sempre horizontal;
- (ii) o texto, o discurso, as literaturas, o estilo são verticalizações do escrito; e
- (iii) sendo horizontal a escrita do texto, as metodologias aplicáveis para a sua compreensão, em sua horizontalidade, deverão ser diferenciadas das técnicas de interpretação discursivas, literárias e estilísticas.

Neste sentido, as cartas se nos apresentam como *produções textuais com elevado nível de complexidade composicional* e podem ser apreciadas como tal a partir de metodologias adequadas à horizontalidade da sua escrita. Portanto, a interrogação essencial a fazer às fontes examinadas em face das metodologias propostas e das suspeições iniciais neste estudo não é exatamente *quando* ou *onde* ou *por que* escreviam, mas *como* as mulheres escreviam. Respondendo a isso ficarão esclarecidas as demais circunstâncias do escrito, é o que presume-se e o que pretende-se analisar.

³⁷ OTTONI, OTTONI, 1978, op. cit., p. 19.

³⁸ Gêneros textuais: “telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conservação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante”; cf. MARCUSHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 23 [grifo nosso]; para uma imersão na genealogia da carta pessoal como gênero textual, ver BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social de gêneros diferenciados. In: *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 83-99

1.4. METODOLOGIAS

Pretende-se *apreciar* as cartas em sua horizontalidade. Laurence Bardin, em sua *Análise de Conteúdo*, oferece-nos uma proposta bastante aproximada do que deseja-se aqui: uma “*leitura flutuante*”. Este termo é fundamental na construção de argumentos e raciocínios neste estudo. Para Bardin, uma leitura flutuante consiste em uma “segunda leitura”, onde o investigador é atraído “pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”.³⁹ Permita-se neste estudo fazer da segunda leitura de Bardin a primeira leitura desta análise. Propõem-se uma leitura periférica, circunloquial, orbital, uma simples “conversa” com o documento. Assim, dividimos esta exposição em três momentos específicos: teoria, prática e reflexão.

Na seção *Pretextos* trata-se da teoria; se o objeto é a prática do escrito, o que é o texto? E o que é o escrito? E qual a relação, o nexos entre texto e escrito? Sem esta abstração, observe-se, como seria possível analisar a prática do escrito? A intenção, neste capítulo é reduzir o *texto escrito* ao sistema de objetos que o representa, ou seja, papel e tinta, mata-borrão.⁴⁰ Reduzir para ampliar, esta é a premissa metodológica deste trabalho: reduzir o texto ao escrito, ampliar o escrito ao texto. Somente assim, entende-se, é possível apreender a operação textual, a intenção do escrito, a composição inicial dos discursos.

Na seção *Textos* trata-se da prática do escrito do gênero textual. Daí a utilização intensiva de procedimentos paleográficos, protocolares, diplomáticos; daí, também, os recursos pragmáticos (estratificações, planificações, classificações, categorizações, etc.);

³⁹ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luis Antero reto; Augusto Pinheiro. 4. Ed. Lisboa: Edições 70, 2009; p. 11-10; 121-128; compare-se à perspectiva de Robert Darnton: “eu argumentaria em prol de uma estratégia dupla, que combinaria a análise textual com a pesquisa empírica. Dessa maneira, seria possível comparar os leitores implícitos dos textos com os leitores reais do passado e, através dessas comparações, desenvolver tanto uma história, quanto uma teoria da reação do leitor”, cf. DARNTON Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 229.

⁴⁰ O texto é um objeto tanto quanto a obra que ele materializa? [cf. BARTHES, *O rumor da língua*. Trad. António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 55-61]. Ora, Um relógio de pulso no sistema de representação (ou interpretação) é uma espécie de “aprisionamento do tempo”; ou, também, uma “cela-prisão do homem à dimensão tempo”; ou ainda, um procedimento abstrativo de controle do tempo; num sistema de objetos o relógio de pulso é simplesmente um artefato com a função específica de dar a conhecer as horas e os minutos de um dia; neste sentido, a carta é essencialmente papel e tinta, base e *medium* da escrita; sobre isto cf. BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 30-31; 101-103; cf. a genealogia da representação em FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 231-263.

recorre-se ostensivamente a exemplos e ilustrações caligráficas e tipográficas no esforço de se apreender os eventos da “tecnologização” da palavra correspondentes a escrita das cartas.⁴¹

Por fim, na seção *Vontade de Dizer*, concentram-se os argumentos na decodificação da prática, ou seja, numa espécie remissão e reflexão da experiência sobre a materialidade dos documentos manuscritos, sobre a prática do escrito e sua relação com o falar cotidiano das mulheres no núcleo familiar e em espaços mais amplos de sua sociabilidade, sem a preocupação *conteudista* e *contextualista* da pesquisa-média. Ocupa-se em responder aqui, na periferia inferior do discurso, na interface de texto e literaturas, de uma forma bastante genérica e abstrativa como foram manuscritos os documentos, que operações textuais são mais relevantes e que intenções operacionais denotam a mulher missivista mineira no final daquele século.

⁴¹ Cf. ONG, op. cit., 1987, p. 17-19; 86-87.

2. PRETEXTOS

2.1. INTENTIO OPERIS

A dicotomia *autor/leitor* coloca a escrita da história em suspeição. Hayden White suspeitou do escrito na história: grande “metáfora”, diz ele, literatura é o que a escrita da história lhe parece.⁴² Como se sabe, a história-narrativa, a história de gesta, aristocrática e asséptica permanece sob suspeita. O problema da escrita está no autor.⁴³ E o álibi do autor em contrapartida é o documento, a prova, a evidência irrefutável na nota bibliográfica do rodapé da página escrita.⁴⁴ Perceba-se: o autor é o leitor, na medida em que escreve e reatualiza o escrito anterior.⁴⁵ E quando registra *por escrito* a reatualização é de novo autor, outro autor, num círculo contínuo. Neste circuito, o documento original perdeu-se, dissipou-se; o documento derivado resistirá incólume até a reatualização, a nova revisão, a próxima remissão; o autor/leitor se escondeu no escrito, até ser redescoberto, revisitado.⁴⁶ Escrever a história a “contrapelo”⁴⁷ é, em grande medida suspeitar do autor/leitor que se escondeu no

⁴² WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 97-116;

⁴³ Objeta-se, a propósito disso: o autor morreu? Ou, ainda: o autor deu cabo da palavra? Na literatura, segundo Barthes, algo aconteceu [cf. BARTHES, 1987, op. cit., p. 49-53]; Quem é o autor? Diz Chartier sobre isto: “o *auctor* é aquele que produz ele próprio e cuja produção é autorizada pela *auctoritas*, a de *auctor*, o filho de suas obras, célebre por suas obras. O *lector* é alguém muito diferente, é alguém cuja produção consiste em falar das obras dos outros. (...) Corremos o risco de investir todo um conjunto de pressupostos inerentes à posição de *lector* em nossas análises das leituras, dos usos sociais da leitura, da relação com a escrita e das escritas com as práticas. [Completa ele] (...) existe uma escrita das práticas?”, em CHARTIER, Roger; BORDIEU, Pierre. A leitura: uma prática social; debate entre Pierre Bordieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 232

⁴⁴ Cf. REIS, Jose Carlos. *A história entre a ciência e a filosofia*. São Paulo: Ática, 1996, p.11-13; GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Metodo*. Salamanca: Sígueme, 1993, p. 331-377; PROST, Antoine. Criação de enredos e narratividade. In: *Doze lições sobre a história*. Trad. Guilherme Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 211-252; FURET, 19[8-], op. cit., p. 81-89; LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 525-541.

⁴⁵ Cf. CHARTIER, BORDIEU, 2001, op. cit., p. 231-253; ainda sobre a figura do autor cf. CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Ed. UNB, 1999, p. 33-65.

⁴⁶ Cf. a Introdução e o caso de Lorenzo Valla em GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 13-45; 64-78; ver também o caso das falsificações e dos excessos da erudição em GUYOTJEANNIN, Olivier. A erudição transfigurada. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Trad. Marcella Mortara; Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998, p. 163-182.

⁴⁷ Sobre escrever a história a “contrapelo”, cf. BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rounaet. 7. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994, p. 225

escrito. Duvidar é suspeitar inclusive da falta de escritos;⁴⁸ se não se têm inventa-se como os *quantitativistas*, como os estatísticos.

A reatualização é de certa forma a intuição, o preenchimento dos vazios existentes dos não-dizeres da história. Não dizer em história não é incomum, nem escandaloso, nem mesmo calamitoso; ao autor/leitor, conforme se disse, reputar-se-á no máximo o erro, o lapso de memória, o excesso de estilo ou de zelo, talvez. Faz parte do ofício, dir-se-á sobre os esquecimentos.⁴⁹ Esta lacuna será preenchida na próxima revisão bibliográfica, na fortuna crítica, nas reatualizações futuras. A leitura do passado, neste sentido, já é suspeita por si, pelo simples fato de basear-se em escritos. Que dizer da falta do escrito, do aparentemente exótico, do pitoresco popular, dos “resíduos de indecifrábilidade”, das memórias incomuns, como aponta um especialista no assunto, o italiano Carlo Ginzburg.⁵⁰

Neste sentido, em relação à escrita da história, a leitura/escrita ulterior atualiza as leituras/escritas anteriores sucessivamente, indefinidamente, sistematicamente; a escrita é a submissão do texto resultante à autoridade dos historiadores.⁵¹ O conhecimento é, neste sentido, o assomo de escritas sobre a história; ou seja, a historiografia. A suspeita desta historiografia sobre seus escritos: este tal texto quer dizer da história, sobre a história ou algo sobre a história?⁵² Em parte, esta “acumulação” da escrita da história constitui por si um “depósito de sentido”,⁵³ um *pagus*,⁵⁴ uma comunidade pseudofechada de saberes, preceitos,

⁴⁸ Cf. p. ex., FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*; um caso de parricídio do século XIX. Trad. Denize Lezan de Almeida. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997; GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem*: feitiçaria a cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Trad. Jonatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁴⁹ Cf. FURET, 19[8-], op. cit., loc. cit.

⁵⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 26 et seq.; sobre tais memórias “indecifráveis”, considerar POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989; HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p. 53-89.

⁵¹ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 65- 119; HARTOG, François. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. Trad. Francisco Murari Pires. *Revista de História*, São Paulo, n. 148, p. 9-34, julho, 2003; ALBERTI, Verena. A existência da história: revelações e risco da hermenêutica. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 17, p. 31-57, 2006; BARTHES, 1987, op. cit., p. 121-130.

⁵² Sobre a literatura, pelo menos, Barthes reconhece: “a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [;] (...) a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (...)”; cf. BARTHES, Roland. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 18; um poeta-limite como Fernando Pessoa dirá ainda melhor: “e os que leem o que escreve,/ na dor lida sentem bem,/ não as duas que ele [poeta] teve,/ mas só a que eles [leitores] não têm”; ou seja: ninguém garante que o leitor compartilhe da *dor do autor* ao escrever, da mesma intensidade de sofrer que o atormenta; cf. esta passagem em PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 1998, p. 98, [poema *Autopsicografia*].

⁵³ Cf. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Modernidad, pluralismo y crisis de sentido. ¿Qué necesidades humanas básicas de orientación deben ser satisfechas? *Estudios Públicos*, n. 63, Invierno, 1996; disponível em

conceitos e significados. Sabendo disso, como não objetar da plausibilidade de qualquer escrito que se ofereça à leitura/atualização?

É aqui que entra a defesa do texto:

“[Santo] Agostinho, em *Doctrina Christiana* dizia que uma interpretação, caso pareça plausível em determinado ponto de um texto, só poderá ser aceita se for reconfirmada – ou pelo menos se não for questionada – em outro ponto do texto. É isso que entendo *por intentio operis*.”⁵⁵

Umberto Eco faz referência nesta passagem à mesma dicotomia mencionada que assusta os hermeneutas – *auctoris/lectoris* – acrescentando-lhes uma posição intermediária – *operis* - interessado, evidentemente, não na história ou na historiografia, mas “esquema gerativo” da linguagem, na criação, na composição da escrita, na “dinâmica abstrata por meio da qual a linguagem se coordena em textos com bases em leis próprias e cria sentido, *independentemente da vontade de quem enuncia*.”⁵⁶ Pois, percebe-se, as leis que orientam a[s] dinâmica[s] da linguagem são mais profundas e anteriores que a realização do escrito e a compreensão desta lógica escapa a maioria dos *conteudistas* e *contextualistas*. Neste sentido, as dicotomias autor/leitor, leitura/atualização, remetente/destinatário, parecem ingênuas e redutoras quando não consideram posições intermediárias; a vontade, neste caso, se prolonga no gesto, no balbuciar das palavras, na elaboração de idéias e na escrita consequentemente. Pensar em posições intermediárias permite transitar por variados sistemas de representação: na apreciação de objetos, na interpretação dos significados, a produção de sentidos.⁵⁷

Intentio, segundo Umberto Eco, é “a intenção daquele que olha a coisa”.⁵⁸ *Operis*, é a operação primária, o primeiro gesto de composição, o esforço de elaboração, do qual dependem as realizações humanas e a materialização das ideias; ou seja, a junção da intenção

<http://courseware.url.edu.gt/PROFASR/Estudiantes/Facultad%20de%20Ciencias%20Pol%C3%ADticas%20y%20Sociales/Poder%20y%20Pluriculturalidad%20Social%20en%20Guatemala/Textos%20te%C3%B3ricos%20de%20apoyo/Luckman%20y%20Berger-%20Modernidad,%20Pluralismo%20y%20crisis%20de%20sentido.pdf>; acesso em 01/02/2011; idem, *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Trad. Edgar Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁵⁴ Esta expressão preciosa vem de LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 59 para referir-se e pensar territórios conhecidos, demarcados, consuetudinários, “um campo delimitado, apropriado, semeado de sinais arraigados”.

⁵⁵ Cf. ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 1-18.

⁵⁶ ECO, Umberto. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. Atílio Cancian. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 35-49.

⁵⁷ Os semiólogos são referências nesta matéria; cf. p. ex. BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Trad. Isidoro Blikstein. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 39-59.

⁵⁸ ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 55. Certamente há um modo diferente de ver as coisas, modo sobre o qual perdemos o controle em algum lugar; cf. para isto GOODMAN, Nelson. *Linguagens da arte*. Uma abordagem a uma teoria dos símbolos. Trad. Vítor Moura; Desidério Murcho. Lisboa: Gradiva, 2006, p. 35-72.

e do gesto criativo resulta nos objetos; *intentio operis* é, neste sentido, vontade e ação, teoria e prática, pensamento e resultado objetivo, artesanato, arquitetura, projeto e execução. Para Eco, “o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros”.⁵⁹ Neste sentido, a escrita é a extensão do ato de criação; o autor prevê o leitor, escreve para o leitor - seja ele quem for -, projeta determinado resultado da escrita, presume um efeito, um impacto, uma leitura qualquer. Há, como se percebe, uma carga aristotélica e pragmática na composição do escrito, no esquema gerativo.⁶⁰ Os fins justificam os meios, pretende-se dizer; a última consequência é sempre drástica: o esquecimento, a dispersão; ou, ao contrário, a verticalização, a imortalidade e também a dispersão no infinito.⁶¹

Para Eco o “o leitor empírico tem naturalmente deveres ‘filológicos’, ou seja, tem o dever de recuperar, com a máxima aproximação possível, os códigos do emitente”.⁶² Isto significa: ler as entrelinhas, preencher os espaços vazios dos não-dizeres, completar as incompletudes da escrita. Perceba-se o detalhe: os códigos do emitente são quase sempre as intenções do autor [*intentio auctoris*]; se não é ao leitor [*intentio lectoris*] conhecê-lo, imagina-se seus movimentos, as leis que orientam sua vontade, as operações que realiza para compor o texto; isto é interpretar, ou seja,

(...) compreender as questões que um pensador formula, e o que ela faz com os conceitos a seu dispor, equivale a compreender algumas de suas intenções básicas ao escrever (...) implica em esclarecer exatamente o que ele pode ter querido significar com o que disse – ou deixou de dizer. Quando tentamos situar desse modo um texto

⁵⁹ ECO, 2004, op. cit., p. 39; se colocar no lugar de outro, no entanto, envolve “aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a idéia de tentar *por-se no lugar do outro* e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo. Trata-se de problema complexo pois envolve as questões de *distância social e distância psicológica*”, cf. VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 37

⁶⁰ Cf. POE, Edgar Allan. *Filosofia da Composição*. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 19; recomenda-se vivamente a leitura do prefácio de Pedro Süsskind, p. 9-13, sobre a lição aristotélica de Poe, particularmente esclarecedor e adequado ao nosso estudo.

⁶¹ Cf. KUNDERA, Milan. *A cortina. Ensaio em sete partes*. Trad. Tereza Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 138-139; 142-143 et seq.; segundo Barthes, “o milagre dessa transmutação [do horizontal para o vertical] faz do estilo uma espécie de operação supraliterária, que carrega o homem até o limiar do poder e da magia. Por sua origem biológica, o estilo se situa fora da arte, isto é, fora do pacto que liga o escritor à sociedade. Pode-se então imaginar autores que preferem a segurança da arte à solidão do estilo”, em BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. Seguido de novos ensaios críticos. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

⁶² Eco, 2004, op. cit., p. 46-47.

em seu contexto adequado, não nos limitamos a fornecer um “quadro” histórico para nossa interpretação: ingressamos já no próprio ato de interpretar.⁶³

Segundo Eco, mais pragmático que abstrativo, algumas vezes o texto independe do contexto:

reconhecer a *intentio operis* é uma estratégia semiótica [porque] (...) qualquer interpretação feita de uma certa parte de *um texto* poderá ser aceita se for confirmada por *outra parte do mesmo texto*, e *deverá ser rejeitada se a contradisser*”.⁶⁴

2.2. A TEORIA DO ESCRITO

Eco deixaria os *conteudistas* apreensivos em relação ao texto, sobretudo para a escrita da história: que plausibilidade se poderia subtrair de um documento manuscrito? Como admiti-lo, se suspeita-se em termos da escrita da história? Permita-se ilustrar a resposta através de uma parábola didática; Ezra Pound usa a analogia do peixinho no aquário para explicar o escrito aos seus alunos de crítica literária: um professor insta um aluno a descrever determinado peixe; o aluno diz o nome popular do peixe; não satisfeito consigo recita oralmente a taxonomia do peixe; o professor, também não satisfeito, faz o aluno *descrever* o peixe, *por escrito*; o aluno volta ao mestre com sua consulta aos manuais enciclopédicos sobre a tal espécie; ainda não satisfeito, o professor pede ao aluno uma descrição completa da espécie do tal peixe; três semanas depois, o aluno volta com um ensaio de quatro páginas bastante substancioso sobre o tal peixe, que, àquela altura, havia morrido no aquário.⁶⁵ Esta breve parábola de Pound nos dá o alcance da palavra escrita e ser-nos-á bastante útil para entender o percurso da fala em direção à escrita e às literaturas.⁶⁶

⁶³ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Trad. Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13; cf. também SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o “contextualismo linguístico” na perspectiva de Quentin Skinner. *Revista Fênix*, vol. 5, n. 4, p. 1-19, out./nov./dez. 2008,; disponível em http://www.revistafenix.pro.br/PDF17/ARTIGO_16_VANDERLEI_SEBASTIAO_DE_SOUZA_FENIX_OUT_NOV_DEZ_2008.pdf; acessado em 15/03/2011.

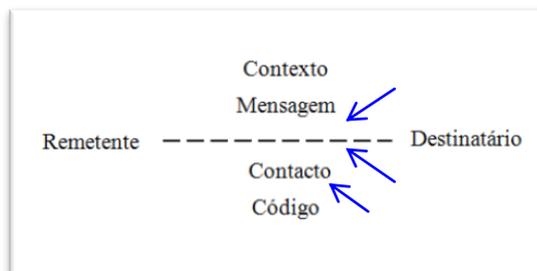
⁶⁴ ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 76; [grifos nossos].

⁶⁵ POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 23-24.

⁶⁶ Sobre a relação texto, discurso, literatura, cf. ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Literatura – Texto. Discurso*. Vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, p. 11-40; claro que não entraremos na interface fala/língua [cf. BARTHES, 2006, op. cit., p. 17-36] muito menos nos problemas da fronteira língua/língua [cf. RICOUER, Paul. *Sobre a tradução*. Trad. Patrícias Lavelle. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011; BENJAMIN, Walter. A

Observe-se uma esquematização sobre esta operação:

FIGURA 1 - Esquema de Roman Jakobson – Circuito Remetente-Destinatário⁶⁷



Como na parábola, professor e aluno compartilham os mesmos códigos lingüísticos, ou seja, o falar comum cotidiano, o discurso científico e o idioma em que se fazem compreender mutuamente. No esquema de Jakobson, abaixo da linha da mensagem, no percurso entre remetente [autor] e destinatário [leitor], encontrar-se-á o plano de expressão; no caso da parábola, primeiro a fala, depois a escrita. Jakobson completa a idéia da esquematização

a mensagem requer um *contexto* a que se refere (...), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização. Um *código* total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente um *contacto*, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação.⁶⁸

Indistintamente, tudo é texto; na primeira tentativa o professor entendeu o nome popular do peixe, mas fez-se surdo; o texto que lhe interessava era o resultado de um escrito, o registro da fala inicial do aluno num meio material. Neste sentido, o escrito aparece como um registro, uma impressão de um texto oral num meio físico qualquer, num plano de expressão. Podemos abstrair ainda mais, a começar do código: um escrito intui-se de um texto qualquer, mesmo que se compartilhe dos códigos da linguagem em uso; observa-se isto numa *leitura flutuante* de uma inscrição qualquer numa língua estranha ao nosso entendimento; uma página do *Pravda* causam esta impressão; ao folhear suas páginas intui-se que a palavra

tarefa do tradutor. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Suzana Kampff; Ernani Chaves. São Paulo: Ed. 34; Duas Cidades, 2011, p. 101-119]; contentamo-nos com os limites escrito/texto.

⁶⁷ JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 123; [as setas foram incluídas pela autoria desta monografia]; para uma imersão neste esquema clássico, cf. uma a abstração em CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura Brasileira: o caso de Gregório de Mattos*. 2. ed. Salvador, FCJA, 1989, p. 18-27.

⁶⁸ JAKOBSON, 2003, op. cit., p. 123 [ítal. do autor; sublinhas nossas].

"дерево" ou a frase "Крупное растение с древесными стеблями"⁶⁹ são textos mesmo sem o domínio do código em questão, a escrita cirílica. Esta é a importância do compartilhamento do mesmo código escrito; a compreensão do escrito, a realização do texto. O contato, neste caso, é o plano de expressão onde o texto se realiza; ou seja, o papel do jornal. Portanto, para a realização do texto, neste caso, é preciso compreender a escrita cirílica, decifrar seus códigos, compreender-lhe a realização, a grafia, o desenho das letras, os significados de sua composição. O texto, segundo José Luiz Fiorin, é "a manifestação de um discurso *por meio de um plano de expressão*".⁷⁰ Para ele, plano de expressão é todo meio em que determinado texto possa se estabelecer, "verbal, *não-verbal*, pictórico, gestual, etc.", e de manifestar-se enquanto discurso. Neste sentido, o escrito precede o texto. Ou seja: o escrito é o registro do código conhecido.

Na parábola de Pound, o escrito eleva-se ao discurso quando o aluno decide escrever quatro páginas sobre uma única palavra "peixe". Considere-se outra ilustração: uma árvore é uma árvore [palavra] ou ainda "um vegetal de grande porte com caule lenhoso" [discurso];⁷¹ portanto, tenho um discurso sobre a palavra que designa a coisa [árvore]. Ou seja, o discurso é tudo que excede ao significado da palavra. Neste caso, transforma-se o nome das coisas no momento em que se deixa de apreciá-la para explicá-la; em outros termos, há uma diferença entre olhar, dizer e interpretar. Na tentativa de interpretar, verticaliza-se o significado das coisas em direção ao infinito. É isto que Barthes chama estilo literário.⁷²

Para Barthes, a força da palavra está no "aflorar da língua"; ou seja, a prática do escrito, na horizontalidade da palavra; daí a obsessão pela escrita horizontal, pelo ponto zero desta prática.⁷³ Isto também se ilustra: uma árvore é a palavra [árvore]; mas também as palavras [tree], [baum], [arbol], [albero], [дерево], e assim por diante; dado que a palavra pode ser traduzida em códigos diferentes, os discursos sobre tais palavras também têm a característica de hibridar conforme a situação em que se vê pronunciada (ou se escrita). No

⁶⁹ Respectivamente, "árvore" e "um vegetal de grande porte com caule lenhoso", escrito em russo; língua, considere-se "é normalmente definido como um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre membros de um grupo social ou de uma comunidade lingüística", segundo MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de lingüística* (org.). São Paulo: Contexto, 2008, p. 16; não entraremos nos sistemas das línguas, mas é bom considerar também que a interface linguagem/língua; segundo Paul Ricoeur a linguagem é um critério de humanidade; daí poder-se entender por linguagem "signos que não são coisas, mas valem por coisas", cf. RICOEUR, 2011, op. cit. p. 34.

⁷⁰ FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 4. ed.. São Paulo: Ática, 1995, p. 83; cf. também: idem, (org.) *Introdução à lingüística II*. Princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 209-211;

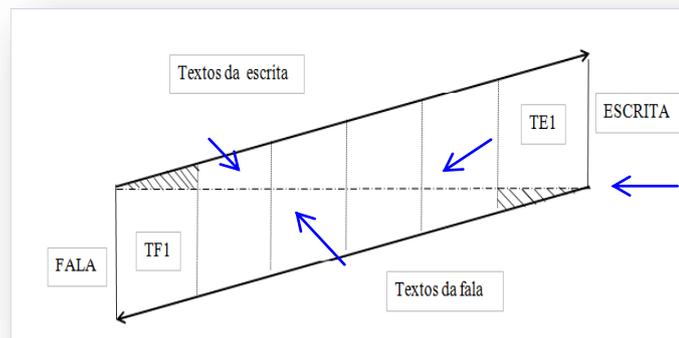
⁷¹ FIORIN, 1995, op. cit., p. 81.

⁷² Entendo, diz ele, "por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo de pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente o texto, isto é, o tecido de significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua (...), 2007, op. cit., p. 16.

⁷³ BARTHES, 1987, op. cit. p. 19-29; idem, 2004, op. cit., p. 9-15; 63-67.

contexto de Jakobson, remetente e destinatário, conhecedores do código, estabelecem uma comunicação, ou seja, um compartilhamento de sentidos, uma situação sociodiscursiva. Toda esta operação acontece na linha horizontal em que a mensagem se faz compreender por autor [remetente] e leitor [destinatário]. Isto vale para a fala e para a escrita, conforme se pode observar na seguinte esquematização de Luiz Antônio Marcushi:

FIGURA 2 – Esquema de Marcushi – *continuum fala-escrita*⁷⁴



Percebe-se que aqui também aparece uma linha imaginária separando *textos da fala* e *textos da escrita*; percebe-se também níveis de oralidade na escrita e níveis de escrita na fala (as áreas hachuradas foram acrescentadas pelo estudo). Daí dizer que o sentido é verticalizado em direção às literaturas, ao discurso, ao estilo, quanto mais se mostra denso a expressão textual, isto é, o registro materializado da fala. O escrito que interessa está na área imediatamente acima da linha imaginária, na confluência onde a escrita e a fala se encontram e se justapõem; por isto o plano horizontal, aludido. Posto isso, numa *leitura flutuante* o escrito é a primeira visualização do texto que se pretende interpretar; deste contato psicológico, imediato, sensitivo, perceptivo, depende tudo o que o texto representará como código, mensagem e discurso. Não se dominando os códigos do escrito cirílico, sem conhecer o idioma russo, o *Pravda* é apenas uma curiosidade, uma peça pitoresca.

Assim sendo, a direção para a qual este estudo aponta indicam as sequências texto-discurso e escrito-texto. Quanto primeira sequência, não cabe aqui a simplificação do

⁷⁴ Cf. MARCUSHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 193; BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 57-77; KOCH, Ingedore. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003, p. 77-81; KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência verbal*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 53 et seq.

tipo discurso = texto – contexto. O texto é mais do que isso. Da sua compreensão depende toda uma fundamentação teórica sobre *coerência* e *coesão* textual indispensáveis para o entendimento dos discursos e das literaturas. Separar escrito, discurso, condições de produção, contextos, pode ser apenas uma questão metodológica.⁷⁵ Não entrar-se-á nesta seara teórica, senão quando tratar-se das discussões sobre as transcrições dos manuscritos e no momento de identificar os dêiticos ilocutórios. Permite-se apenas sugerir o discurso, os contextos, as circunstâncias, os itens de verificação sem o quais é impossível entender o escrito. Quanto à segunda sequência, pretende-se esclarecer melhor na seção prática, interpretando o texto na horizontal, observando como as missivistas operam o escrito, como desenham as letras e as palavras, como constroem as frases, os parágrafos, as orações, como ocupam o papel, como manuseavam os instrumentos de escrita, pena, tinta e papel. É dessa horizontalidade que nos ocuparemos, mais adiante.

2.3. REMISSÃO BIBLIOGRÁFICA

Parece comum nos empreendimentos acadêmicos recentes, em particular aqueles que usam cartas pessoais como fontes primárias de estudo, um resgate do cotidiano dos missivistas, dos espaços e refúgios da intimidade, os contextos que permitem a produção dessa espécie de “solução pessoal” para a manutenção das redes particulares de sociabilidades na transição dos séculos XIX e XX.⁷⁶ Revisitando as cartas de Armando Lemos, por exemplo, um cidadão comum, um simples contador na pacata São Caetano, distrito de Mariana, Kleverson Lima revela também o músico, o escrivão, o compositor, além de resgatar um rico corolário de linguagens coevas e de usos da escrita muito específicos á época.⁷⁷

Amanda Hot consegue o mesmo efeito, analisando as correspondências da baronesa, depois viscondessa de Camargos.⁷⁸ Trata-se, porém, de outro universo social, a família aristocrática, ungida pelo título de nobreza, privilegiada pelas posses, pelo prestígio social e político dentro da sociedade ouropretana oitocentista, então sede do governo da

⁷⁵ Cf. MARCUSHI, 2008, op. cit., p. 81-86.

⁷⁶ Cf. CHARTIER, 1991, op. cit., p. 112-161; sobre os contextos de produção dos escritos cf. BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003, p. 93; 109.

⁷⁷ Ver p. ex. as observações da Profª. Hebe Rola com relação aos usos da escrita nesta rica correspondência, em LIMA, 2007, op. cit., p. 134 (nota 117 et seq.).

⁷⁸ HOT, 2010, op. cit., loc. cit.

província. Não se pode negar a influência dessa mulher, viúva com longe sobrevivida ao marido, matriarca prestigiosa na grande família tradicional mineira, sem desconsiderar sua enorme capacidade de agregar à sua órbita familiar grande número de pessoas e de capital social.⁷⁹ Interessa a este estudo que os investimentos intelectuais citados escapam - cada um à sua maneira - às fórmulas comuns utilizadas pela grande maioria de trabalhos acadêmicos, dos quais faz-se remissão a dois tipos bastante comuns: (i) a busca pelo estilo literário, pelo gênio criador do missivista revisitado; e (ii) a tendência biográfica, uma busca pela origem, reconstituição da vida e das realizações da pessoa que escreve cartas pessoais.⁸⁰ Se não, mais vejamos.

Maria Rothier Cardoso, por exemplo, num artigo precioso da revista *O Eixo e a Roda*, coloca em confronto as correspondências pessoais de Machado de Assis e Mário de Andrade,⁸¹ dois fecundos missivistas, fontes inesgotáveis de empreendimentos acadêmicos.⁸² Este notáveis escritores, se sabe, jamais corresponderam entre si. O confronto dos duelistas imaginado por Rothier Cardoso acontece num jogo de cartas virtual - numa mesa de pôquer, por exemplo, sob a luz concentrada de uma luminária pendente, sob a espessa fumaça de charutos e cachimbos. Magalhães Azeredo e Murilo Mendes,⁸³ seus respectivos parceiros, pouco ou nada interferem nas estratégias do jogo em curso; são coadjuvantes inexpressivos, àquela época, são eles os menores trunfos neste jogo de cartas diante da gigantesca estatura de Machado de Assis e Mário de Andrade. Rothier Cardoso, a certa altura, deixa escapar uma

⁷⁹ Utilizando esta expressão preciosa para a construção do pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu; cf. BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. 10 ed. Trad. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 42 et seq.; sobre os gostos de classe e estilos de vida das famílias pequeno-burguesas, cf. idem, *Sociologia*. Org. Renato Ortiz; Trad. Paula Monetro; Alícia Auzmendi. São Paulo: Ed. Ática, 1983, p. 83-121; há, como sugere o sociólogo, todo um universo de representação, de simbolismo, de sentimento de “classe”, sobre os quais dever-se-á atentar na leitura das cartas da baronesa; sobre isto ver BOURDIEU, Pierre. A classe como representação e como vontade. In: *O poder simbólico*. 15. ed. Trad. Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2011, p. 157-161.

⁸⁰ Em história, pelo menos, a obsessão pela origem não é novidade [BLOCH, Marc. *Introducción a la historia*. Trad. Pablo González Casanova. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1982, p. 27 et seq.]; vale uma ressalva sobre as armadilhas do biografismo sugeridas por LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 167-182; é preciso compreender que “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história (...) talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” [p. 185].

⁸¹ CARDOSO, Maria Rothier. Jogos de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, n. 4, p. 59-70, 1985.

⁸² Cf. artigos de João Roberto Faria, Maria Helena Werneck, Telê Ancona Lopez, Marcos Antônio de Moraes e Eneida Maria de Souza, em GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 129-136; 137-145; 275-285; 287-295; 297-306.

⁸³ CARDOSO, idem, loc. cit.; suas referências a Murilo Mendes e Azeredo Magalhães: VIRGILIO, Carmelo (org.). *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: INL, 1969; ANDRADE, Mário. *Cartas a Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981; Azeredo foi celebrado diplomata carioca, jornalista, poeta, nascido em 1872, falecido em 1963; seu espólio epistolar encontra-se arquivado na Academia Brasileira de Letras; Mendes, médico e poeta mineiro, nascido em 1901 em Juiz de Fora, falecido em 1975, tido como expoente do *surrealismo*.

opinião acerca desta parceria entre mestres e discípulos: “*difícilmente se podem extrair trechos de interesse artístico ou informativo dessa correspondência*” [p. 65-66].

Esta asserção nos é preciosa; por “trechos de interesse artístico” entende-se o estilo literário, o gênio criador, a capacidade intelectual de composição textual/discursiva desses dois grandes mestres da literatura, suas performances pessoais, seus “voos solos”, o mais íntimo e despreocupado. Por “trechos de interesse informativo” entende-se também passagens que refazem traços biográficos dos missivistas, os detalhes mais ou menos evidentes de seu caráter pessoal, de suas idiossincrasias, seus usos, seus hábitos e manias desconhecidas do seu público leitor. A isto chamou-se aqui a pouco “tipos” de investimentos acadêmicos; por um lado, a busca por resíduos do estilo, em princípio literaturas, nuances do gênio criador; por outro, a ilusão: o azo biográfico e a aura autobiográfica que presume-se encontrar nas escritas íntimas dos grandes autores que, em geral, são contumazes escritores *também* de cartas pessoais.

Considere-se um ponto: não há nenhuma restrição a este empreendimento; aliás, a crítica literária, os estudos da literatura, os estudos linguísticos, todos os campos do conhecimento que utilizam a linguagem como tema de abstração dependem desse esforço acadêmico: a crítica. Em que pese a divisão entre *formalistas* e *funcionalistas*, o objetivo comum é criticar o texto, apreendê-lo, absorvê-lo.⁸⁴ Pretende-se chamar atenção apenas para quão longe encontram-se os prefácios de coletâneas de cartas dos grandes escritores, as remissões críticas das correspondências de autores consagrados, de políticos importantes, de celebridades em geral, dos patriarcas da “família mineira”. Pretende-se também inferir que para as modestas proposições deste estudo, o grande número de teses e dissertações disponíveis no Banco Nacional que utilizam cartas pessoais como tema de pesquisa não se encontrarão muitas propostas correspondentes,⁸⁵ sobretudo no campo da história.

No entanto, encontrar-se-ão exemplos bastante instigantes. Por exemplo, o estudo de Débora Clasen de Paula⁸⁶ em relação às cartas da baronesa de Três Rios, família nobre oriunda de Pelotas, Rio Grande do Sul. Amélia Hartley, a baronesa, era uma missivista contumaz, assim como sua filha; De Paula analisa 151 cartas escritas por ela no Rio de

⁸⁴ Sobre esta diferença, considerar CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 14-16; interessa quebrar a dicotomia dos paradigmas, apreender a transitividade do texto, ou seja, o “que vai além, que se transmite” [idem, p. 25].

⁸⁵ Consultou-se 288 resumos recentes de trabalhos recentes no Banco Nacional de Teses e Dissertações [disponível em <http://bdtd.ibict.br/>; acessado em 15/04/2011]; o objetivo foi identificar os trabalhos que mais se aproximam da proposta desta monografia; selecionou-se, a partir disso, apenas os trabalhos que declaradamente faziam referência a passagem do século XIX e XX, próximos, segundo se entende da proposta desse estudo.

⁸⁶ PAULA, Débora Clasen de. “*Da mãe e amiga Amélia*” – cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XIX). São Leopoldo, 2008. Dissertação (Mestrado em História).

Janeiro, no período compreendido entre 1885 e 1910, em sua maioria para a filha Amélia Aníbal, que permaneceu em sua terra natal morando no solar da família, onde hoje funciona um memorial. As preocupações da pesquisadora neste trabalho são as mesmas de Amanda Hot: apreender o cotidiano familiar burguês em uma família da nobreza, no final daquele século. Recomenda-se uma visita ao capítulo em que De Paula trata da religiosidade das missivistas, professoras admiradoras do espiritismo, algo bastante incomum naquela época, pelo menos em famílias desta “estirpe”.

Carla Rodrigues Gastaud, utiliza-se do mesmo espólio epistolar da baronesa, mas a sua abordagem é bem outra, o que demonstra as amplas possibilidades do historiador diante da fonte manuscrita.⁸⁷ Gastaud está preocupada com os usos e hábitos da escrita, com habilidades no uso do papel e tinta, com conformidade das cartas em relação aos manuais de etiqueta epistolar, tão comuns naquela época.⁸⁸ Entre os estudos de cartas é aquele que mais se aproxima da aludida *escrita horizontal*, sobretudo na seção que cuida exclusivamente da correspondência da baronesa, quando apresenta excertos e instantâneos da escrita na forma de fotografias. Isto porque seu recorte temporal é mais extenso (1880-1930), envolve mais duas séries de famílias diferentes, de condições sociais diferentes, dentro do mesmo contexto espacial. De certa forma, percebe-se neste estudo a indissociabilidade entre a escrita caligráfica e a escrita mecanográfica, datilográfica do século XX; por isso mesmo, apreende-se a evolução no trato da escrita de cartas em diferentes situações de produção. Ressente-se, pelo mesmo motivo, de um aprofundamento nas das materialidades da prática da escrita, i. e., na *paleografia* do documento manuscritos. Neste sentido, Gastaud ao privilegiar os manuais de etiqueta da época, sem dúvida bastante influentes, concentrar-se na superfluidade do objeto carta, sem ater-se aos aspectos mais profundos das caligrafias, dos hábitos manuscritos [ou caligráficos] dos documentos em pauta, ricos, conforme se pode perceber nos surpreendentes excertos que a autora apresenta, em possibilidades de investigação.

Outro exemplo surpreendente nos oferece Marcos Profeta Ribeiro;⁸⁹ a questão no trabalho de Ribeiro que nos impressiona não é tanto o recorte espaço-temporal, bastante

⁸⁷ GASTAUD, Carla Rodrigues. *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e praticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Educação), UFRS

⁸⁸ Cf. BASTOS, Maria Helena Câmara. Uma face do amor; a arte de escrever cartas. In: *Congresso de Leitura do Brasil*. (14: 2003, Campinas); disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Cinda.html#b; acessado em 21/02/2011; CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras. Um estudo sobre os manuais de civilidade e etiqueta. In: *Anais do 3º Congresso Brasileiro de Educação*. Curitiba, SBHE; disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/488.pdf>; acessado em 07/05/2011.

⁸⁹ RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia* (1901 a 1927). São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica, p. 15.

próximo de nossas pretensões de pesquisa (1901 a 1927), nem o tipo de abordagem do pesquisador, bastante “histórico”, por assim dizer. A questão que impressiona é o enorme espólio deixado pela missivista Celsina Teixeira Ladeia, parenta do Barão de Caetité, algo realmente incomum entre as mulheres daquela época: Ribeiro dá notícias de cerca de 1.500 cartas [!] no arquivo público daquela cidade, entre correspondências ativas e passivas. Esta quantidade permitiu, sem dúvida, um resultado impecável e elegante. Quando pontua-se sobre a quantidade obtida nesta pesquisa, pretende-se alertar que a escrita observada como prática social, não alcança somente mulheres burguesas, de família, educadas para casar, ou seja, que o ato de escrever em segredo alcança camadas mais desfavorecidas da sociedade; é o caso, p. ex. dos estudos de Yonissa Wadi sobre as cartas de Pierina Cechini,⁹⁰ imigrante de origem italiana, enlouquecida pela fome, pela pobreza e pelo frio do sul do país, na transição do século XIX; num de seus vários acessos de insanidade Pierina mata sua filha de 17 meses e é internada num manicômio, onde, por incitação dos médicos, escreve cartas, libelos de sofrimentos e atormentações por quais passa uma mulher fragilizada pela sua condição miserável. Observando as citações textuais de Wadi às cartas da imigrante, percebe-se de que oralidades pretende-se falar aqui, de quais interfaces [fala/escrita; escrito/texto] pretende-se tratar neste estudo.

Existem amplas possibilidades para abordar cartas pessoais de membros da aristocracia, das famílias tradicionais, das classes abastadas [que afinal compõem a maior parte do espólio arquivístico em instituições públicas] como fizeram, por exemplo, os pesquisadores das cartas dos imperadores Brasileiros a suas amigas e “amantes”.⁹¹ Ou, ainda, dos grandes baluartes da literatura nacional, de políticos e celebridades; tudo é uma questão, conforme bem ilustrou Rothier Cardoso, de um “jogo de cartas”.⁹² Mas há, sem dúvida,

⁹⁰ WADI, Yonissa Marmitt. A história de Pierina e as interpretações sobre processos de sofrimento, perturbação e loucura (RS/Brasil, século XX). In: *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 21, p. 83-103, jan./dez. 2003; disponível em [http://161.111.47.133/PDF/Yonissa%20Wadi%20\(Horizontes\).pdf](http://161.111.47.133/PDF/Yonissa%20Wadi%20(Horizontes).pdf); acessado em 07/06/2011.

⁹¹ MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. *Pedro e Luísa. Construções de si: a escrita epistolar de D. Pedro II e da Condessa de Barral*. Florianópolis, 2009. Tese (Doutorado em Teoria da Literária). Universidade Federal de Santa Catarina;

⁹² Cf., p. ex.: CASAGRANDE, Rosângela Fonseca. *Análise da correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Campinas: 2004. Tese de doutoramento. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Universidade Estadual de Campinas; SILVA, Milena de Souza da. *Cotidiano, escrita de si e coronelismo: a correspondência de Manoel de Freitas Valle filho a Borges de Medeiros (1903-1916)*. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em Histórias) - PUCRS; SILVA, Otoniel Machado da. *Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas*. João Pessoa, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPB; CARVALHO, Maria da Conceição. *Cordialmente, Eduardo Frieiro: fragmentos (auto) biográficos*. Belo Horizonte, 2008. Tese (Doutorado em literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; GALVÃO; GOTLIB, 2000, op. cit., loc. cit.

também um imenso território a explorar: as pessoas comuns do povo, figuras que preenchem a cena urbana, representantes das classes subalternas da sociedade finissecular oitocentista.⁹³ Pessoas, como elegantemente ressaltou Walter Benjamin, com direito à existência, uma existência privada, é verdade, mas uma existência considerável: “quem não os conhece [objeta Benjamim], com seus olhos de bebê atrás dos óculos de aros de tartaruga, suas bochechas grandes e embranquiçadas, sua voz arrastada, o fatalismo dos seus gestos e da sua maneira de pensar?”⁹⁴ São estas pessoas que leem e que escrevem a maioria das cartas manuscritas preservadas nos arquivos. Há, evidentemente, as tendências biográficas, as armadilhas autobiográficas e das escritas de si, conforme mencionou-se aqui a pouco.⁹⁵ Existe, conforme faz-se questão de enfatizar, a tendência de pesquisar os fenômenos do refinamento literário e a procura obsessiva por discursos [conteúdos] e circunstâncias [contextos]. Objeta-se apenas que as cartas em questão *também* são práticas, hábitos, exercícios e materializações de condutas pessoais.

⁹³ Cf. COSTA, 2008, op. cit., p. 173-193; CASTRO, Celso; LEMOS, Renato. Introdução; uma janela para o tempo. In: MAGALHÃES, op. cit., 2009, p. 7-16.

⁹⁴ BENJAMIM, 1994, op. cit., p. 73-74.

⁹⁵ CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: *Estudos históricos*, 1998, n. 21, p. 43-58; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2071>; acessado em 08/08/2011; GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: *Estudos históricos*, 1998, n. 21, p. 121-127; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2069>; acessado em 15/08/2011

3. TEXTOS

3.1. OS PALEÓGRAFOS

Pretende-se utilizar neste estudo os paleógrafos como referências para as seções práticas. Estes livrinhos manuscritos/impressos foram utilizados intensivamente nas escolas públicas durante todo o século XIX - e em grande parte do século XX - para ensinar os Brasileiros os segredos do “belo escrever”. Na figura 2, temos o paleógrafo de Duarte Ventura, editado desde pelo menos 1868, segundo Antônio Augusto Gomes Batista.⁹⁶

FIGURA 2 – Paleógrafo de Duarte Ventura – fac-símile⁹⁷



No que interessa a este estudo, aproveita-se dos paleógrafos particularmente as lições de cursividade caligráfica, os desenhos sugeridos das letras maiúsculas / minúsculas e as relações de abreviaturas e reduções textuais “abandonadas” pela escrita no decurso do

⁹⁶ Cf. BATISTA, op. cit.. loc. cit.; estes surpreendentes livrinhos não continham apenas desenhos de letras maiúsculas e minúsculas; eram verdadeiras lições de moral religiosa e de civismo, em seções manuscritas; no paleógrafo *Curso Graduado* [1888, op. cit.] p. ex., é curioso o elenco de personagens históricas apontadas: Mariano José Pereira da Fonseca, o *Marques de Maricá* [p. 13-15]; Salvador de Mesquita [p. 16-18]; o Bispo Azeredo Coutinho [p. 19-21]; *Paraguaçu*, ou Catarina Alves [p. 24-30], etc.; já no paleógrafo de BPR [s.d., op. cit.], editado depois do advento da República, os nomes citados são Bartolomeu Bueno da Silva [p. 59-60], Bartolomeu Lourenço de Gusmão [o *Padre Voador*, p. 93-95], o General Osório [p. 97]; José Bonifácio [p. 9; 113-115]; Silva Alvarenga [115-116], entre outros; no paleógrafo de Lindolfo Gomes, as alusões são a Tiradentes [p. 55-57], Felipe dos Santos [p. 82-83], Nóbrega e Anchieta [149-152]; a seleção de textos nos dá a medida da compreensão da história por estes educadores, através do exercício da escrita.

⁹⁷ RAÍZES, por Lusa Vilar; 12/02/2011; in: <http://raizeslusavilar.blogspot.com/2011/02/paleografo-do-seculo-xix-parte-i.html>; acessado em 15/04/2011; O paleógrafo apresentado na ilustração, pertence à família Piancó, de Pernambuco; segundo o autor[a] da fotografia: “pertenceu ao meu bisavô Serafim Piancó, e posteriormente a João Inácio de Lima, meu avô. (...) Publicado no século XIX, com fortes indicadores que se trata da 1ª edição (1830)” [!].

tempo.⁹⁸ Não parecerá novidade aos pesquisadores da escrita paleográfica a proximidade da caligrafia sugerida nestas lições com a escrita tipográfica sugerida pelos jornais femininos da época. Claro, percebe-se uma distância considerável entre tais escritas, conforme se observa na simples comparação entre a primeira lição de Duarte Ventura e a folha de rosto do mesmo livro apresentado na página geminada. A escrita tipográfica, observe-se, é uma escrita marcada pelo minimalismo, pela busca da economia de traço, pela economia do “tipo”, pela redução de arestas, bordados e rebuscamentos. Considere-se também a economia de tinta, de tempo de composição, tanto do *tipo* [objeto] das letras quanto da página desejada. Considere-se a economia do tempo de impressão e de secagem da tinta: esta é a escrita tipográfica. A escrita caligráfica, manuscrita, paleográfica no início do século XIX é a escrita aristocrática de Domitila, de Luisa Portugal e de seus nobres correspondentes na Corte do Rio de Janeiro.⁹⁹ É uma escrita construindo-se no decorrer do século.

Esta construção, organização ou racionalização da escrita aponta para uma padronização, para uma espécie de normalização, que resultará numa caligrafia mais “limpa”, mais “inteligível”, mais “apreciável” ao nível estético da apreciação da página escrita - por assim dizer.¹⁰⁰ Lógico que os juízos de valor estético são referenciais; a referência deste estudo é a escrita contemporânea, a mesma que estabelece as fontes com as quais escrevemos cotidianamente nos computadores, isto é, os tipos de letras que compõem as palavras escritas nesta monografia. Interessa a este estudo a “faxina” estética que aparece numa escrita mecanográfica, nos tipos de uma máquina de escrever [ou de datilografar] do início do século XX e que, principalmente, esta “faxina” aparece nas lições caligráficas dos paleógrafos e na escrita cursiva como um todo. Que efeitos tais tecnologias trarão para a escrita das pessoas é um caso a considerar; porém, não se poderá negar que a matriz desta escrita “moderna” é a escrita rebuscada e “desenhada” dos antigos documentos cartoriais dos quais trata a ciência da Paleografia.

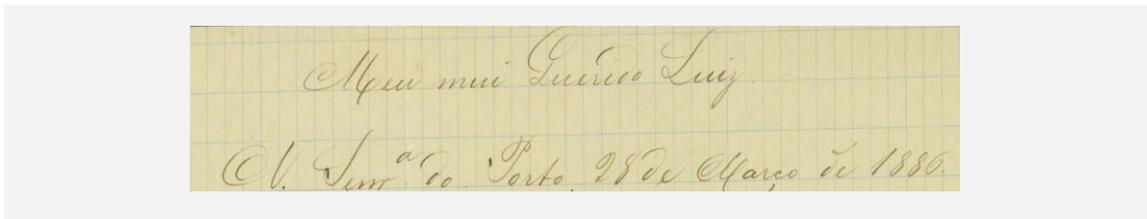
⁹⁸ Cf. também OLIVEIRA, Nelson Henrique Moreira de. *Apostila de Paleografia*; Material referente a primeira oficina de paleografia oferecida pelo PET – História. Rio de Janeiro: UFRJ, s.d.; disponível em http://www.ufrj.br/graduacao/PETHistoria/arquivos_PET/atividades/paleografia/Apostila_Oficina-Paleografia-I.pdf; acessado em 08/05/2011

⁹⁹ Ver p. ex. SOTO, Ucy. *Cartas através dos tempos*; o lugar do outro na correspondência Brasileira. Niterói: Ed. UFF, 2007, p. 133; 140; 152-153

¹⁰⁰ Permita-se utilizar o termo *mise-en-page* como referência a esta apreciação da página, cf. as lições pragmáticas de MARQUILHAS, Rita. Conceitos de Pragmática Linguística na *mise-en-page* do texto escrito. In: ABREU; SCHAPOCHNIK, 2005, op. cit., p. 83 et seq.

3.2. LEITURA PALEOGRÁFICA

FIGURA 4 – Fragmento de Francisca Salles – uso do papel¹⁰¹



3.2.1. Papel¹⁰²

Inicia-se esta a seção prática com a performance de Francisca Salles, não tanto pela caligrafia impecável da missivista, nesta carta em particular, mas pelo papel algo incomum dentro da série considerada. Perceba-se que se trata de um papel quadriculado, mais comum em desenhos técnicos e de escala, usado sobretudo em estudos de engenharia. Claro está: nunca se conhecerá a intenção da escolha deste *medium* para escrever esta carta - isto se houve alguma possibilidade de escolha. Interessa observar o alinhamento da escrita de Francisca no *medium*, o efeito quase compulsório da tipografia do papel na escrita cursiva apresentada no resultado final. Independentemente da escolha do papel percebe-se o esforço de Francisca Salles para *dominar* a sua a escrita. Este é o ponto comum, o nexo da caligrafia das cartas de todas as mulheres da série – umas mais outras menos - em termos de operação da escrita: o autocontrole da cursividade da escrita.

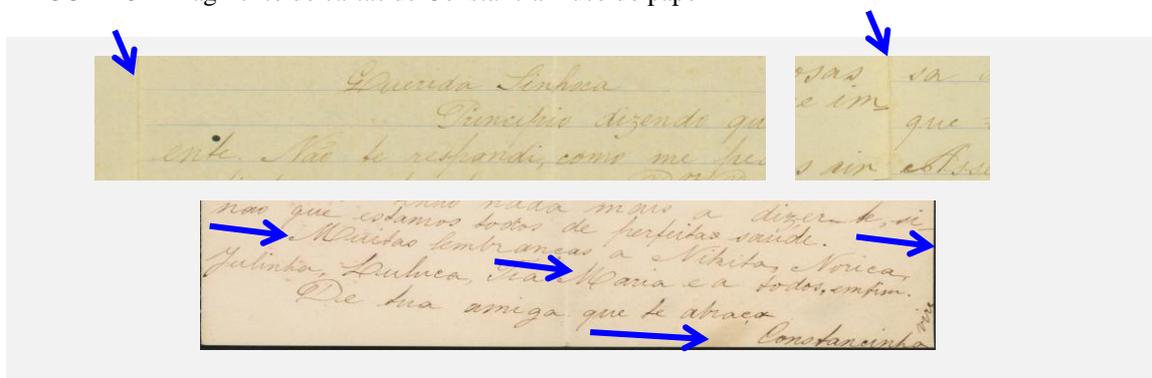
Veja-se outro exemplo; a escolha de Constância na amostra (fig. 5, p. seq.) foi subtrair o papel de carta de caderno, conforme se observa da marca de dobradura em destaque e as marcas de grampos [ou de linhas de costura, não se sabe] no corpo do *medium* papel. Constância foi normalista, i. e., uma representante das primeiras gerações de mulheres que frequentaram a instrução pública, conforme comprova-se de várias referências que ela faz à Escola Normal, aos exames anuais e, sobretudo, às notícias que dá sobre o desempenho de

¹⁰¹ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 85, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Nossa Senhora do Porto (MG); 28/03/1886

¹⁰² Considerar os conceitos de *medium* [singular de *media*] como meios de produção [papel, tinta, mata-borrão, etc.]; por *media* entenda-se os meios de propagação e circulação do objeto produzido [carta], ou seja, a própria carta, a agência dos correios, o envelope, o selo, o portador, o carteiro, etc.; cf. para isto DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: *Os dentes falsos de George Washington*. Um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 40-41; 50.

alunos conhecidos e de professores.¹⁰³ Por isso, não parecerá surpreendente, no caso de Constância, o seu domínio pessoal com os elementos de produção de suas missivas. Sua escrita é “limpa”, sóbria, organizada, econômica em ornatos e rebuscamentos. Percebe-se isso na escolha do papel, no trato com a pena e a tinta, com a falta de marcas de excessos e borrões, na leveza do peso de sua mão, um domínio “natural”, quase mecânico da sua escrita. Suas cartas, vale repetir, são escritas nas folhas de caderno; no único papel sem pautamento tipográfico de sua série ainda se percebe um esforço para alinhar a cursividade da escrita ao papel, um alinhamento diga-se “imaginário”:

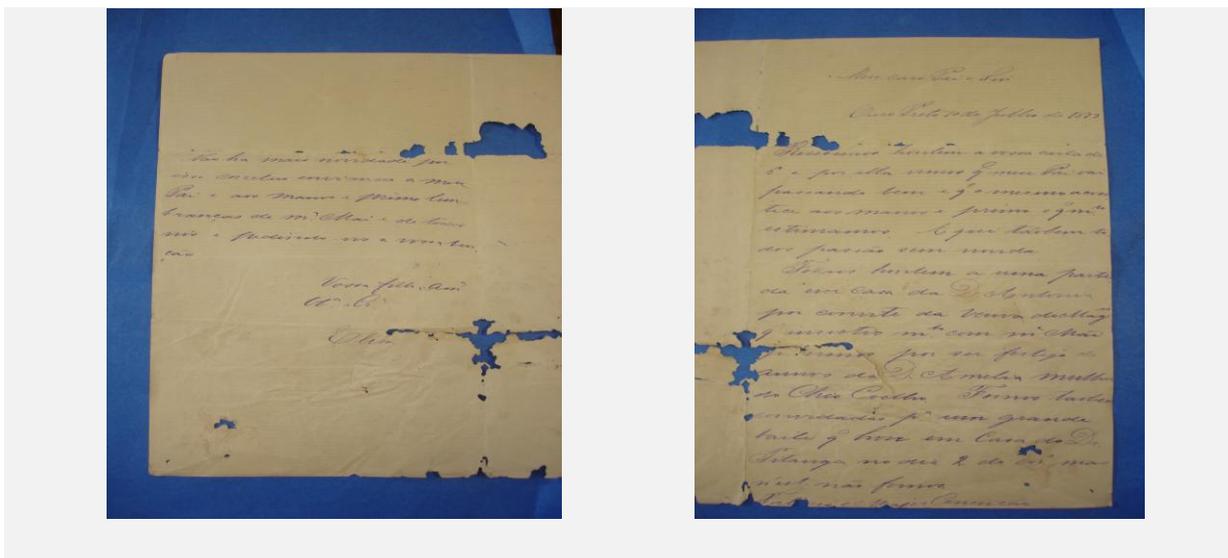
FIGURA 5 – Fragmento de cartas de Constância – uso do papel¹⁰⁴



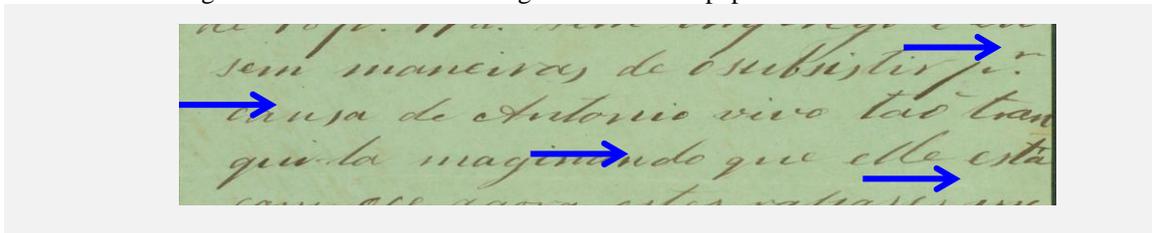
O uso do espaço do papel é outro item de verificação considerável. Constância, assim como as demais missivistas, não utiliza todas as páginas da folha de caderno; em geral apenas a primeira e a segunda face do papel, considerando quatro faces, como é o caso. Observe por exemplo uma fotografia que demonstra o uso médio do papel:

¹⁰³ APMCG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 03 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre respostas de cartas da prima, greve das normalistas e vida estudantil em Ouro Preto. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; APMCG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 05 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca pedindo discricção nas cartas, para não mencionar o nome de Calógeras e sobre a dúvida de Afonso Albino entre os cursos de Direito e Engenharia. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; APMCG. Notação CG 1- Cx. 01 [carta 06 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre seu estado de saúde, colocação de Calógeras nas provas, cartas escritas às escondidas, viúves de Angelina Catão, noivo de Etelvina e a volta de Nikita; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; Notação CG 1- Cx. 01; [carta 06 de 08]

¹⁰⁴ APMCG. Notação CG 1- Cx. 01 [carta 06 de 08], op. cit; APMCG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 02 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre a falta de notícias e visita de Calógeras; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; considere-se aqui as marcas de dobradura e as indicações [setas] referentes à direção da escrita em relação ao papel.

FIGURA 6 – Fragmentos de cartas – uso das faces do papel¹⁰⁵

Este hábito se estende a todas as mulheres da série. Trata-se, porém, de um procedimento médio; ou seja, esta ilustração sugere apenas o volume médio e a ocupação do espaço da escrita num papel de caderno comum; obviamente o tamanho das letras, a cursividade, a direção da escrita [esquerda/direita], estes “detalhes” interferem no resultado final;¹⁰⁶ é o caso a escrita de Elisa, menos compacta, mais espalhada, maior e mais grosseira que a escrita de Constância. Estes aspectos da escrita demonstram o maior ou menor domínio da escrita, maior o menor apuro com o trato da caligrafia, com o desenho das letras e com a confecção da caligrafia; trata-se, numa expressão, do artesanato das palavras no papel. Linhas no papel não implicam habilidade da artesã, objetar-se-á, com razão; observe-se o caso Maria Magdalena de São José Pinto:

FIGURA 7 – Fragmento de carta de Maria Magdalena – uso do papel¹⁰⁷

¹⁰⁵ AHMIFBC. Caixa Correspondência 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira, ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; Ouro Preto, 10/06/1873

¹⁰⁶ Cf. BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de Paleografia e de Diplomática*. 3. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008, p. 39.

¹⁰⁷ APMLAP. Notação LAP- 2/5 - doc. 43, cx. 04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto, madrastra do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG); 29/01/1871

Como percebe-se, outro tipo de escrita, outra cursividade, outro resultado. Contudo, performances como a Maria Magdalena são possíveis com um artifício muito sutil perceptível no manuseio das cartas, *in loco*, ao tato, à vista: um alinhamento artificial, provavelmente com o uso de lápis e régua. Maria Leonor utiliza este “recurso” na sua escrita, simula linhas e obtém alinhamento. Observe-se, a propósito disso, o número de papéis de caderno encontrados na série:

TABELA 2 – Uso de papel por tipo

Autora	CARTA														
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15
Ana Carolina	▲	▲													
Carolina Augusta	▲	▲	▲	▲	▲										
Maria Ideltrudes	▲	▲													
Maria Magdalena	▲	▲	▲	△											
Francisca de Salles	○	▲	▲	○	○	▲	▲	▲							
Constância Guimarães	▲	△	▲	▲	▲	▲	▲	▲							
Mariana Angélica	▲														
Maria Leonor	▲	▲	▲	▲	▲										
Maria Leonor [filha]	▲														
Rosa Monteiro	▲														
Isabel Maria	▲	▲	▲	▲											
Francisca Teixeira	▲	▲													
Francisca Benedita	▲														
Elisa Malvina	▲	▲	▲	▲	▲	▲									
Joanna Perpétua	▲	▲													

Legenda: Papel de caderno/ com pauta ▲
 Papel sem pauta △
 Outros ○

O importante para este estudo é verificar a *tendência*: o papel com linhas tipográficas para escrever cartas. Este papel ordinário de caderno tem em média 13,5 x 20,5 cm,¹⁰⁸ o que significa um espaço razoavelmente acanhado para letras grandes, exageros, excessos de cursividade, ornamentações; é o mesmo papel utilizado nas escolas para copiar as lições e exercitar palavras ditadas pelas professoras.

¹⁰⁸ Para situar esta média, simula-se em vermelho, a partir da extremidade superior esquerda, o tamanho do papel de caderno utilizado na maioria das cartas.

3.2.2. Tinta e peso da escrita

A tinta tem um reflexo direto na recuperação das cartas e na transcrição dos documentos. Interessa considerar a prática da época, o uso da pena, do mata-borrão (para retirar os excessos), o hábito das cópias e, principalmente, a tinta a partir do peso da escrita no papel.¹⁰⁹ Considere-se: a escrita é a modificação de um meio físico [o papel] por um *medium* [a tinta], de tal forma que a tinta deixa de ser tinta e o papel em branco deixa de ser um papel em branco. Este simples “detalhe” modifica a forma com a qual observamos o objeto carta. E é neste contexto que analisar-se a ação da tinta no papel das cartas, que é, por sua vez, resultado da ação das mulheres empunhando a pena sobre o papel de carta.

Observando as cartas sob esta perspectiva, perceber-se-á que a maioria das mulheres escreve com leveza, com cuidado, com parcimônia, sem pressa.¹¹⁰ Isto significa, em última análise, domínio da escrita, habilidade com os insumos de produção, controle sobre os movimentos e sobre as ações no papel. Em vários casos, conforme exemplificou-se aqui com Francisca Salles, com Maria Magdalena, com Constância, existe uma busca pessoal constante, de um estilo próprio, de uma forma para melhor escrever. Neste contexto, não se constata desempenhos regulares; ou seja, há altos e baixos em cada missivista; portanto efeitos diferentes do peso da escrita. Veja-se um caso diferente:

FIGURA 8 – Efeitos do peso da escrita no papel¹¹¹



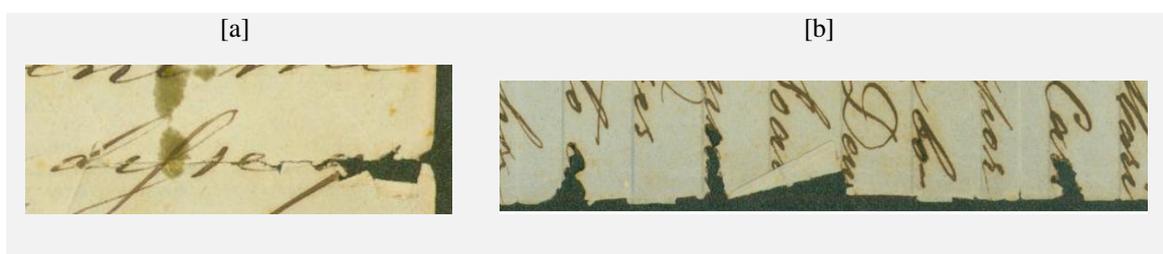
¹⁰⁹ Cf. BERWANGER; LEAL, op. cit., p. 82-84; 108

¹¹⁰ Normalmente, a cursividade está associada à rapidez e descuido da caligrafia cf. BERWANGER; LEAL, idem, p. 61

¹¹¹ APMLAP. Notação LAP -2/1- doc. 20, cx.01. Correspondência pessoal de Ana Carolina Ferreira para seu pai, Alferes Manoel Joaquim Ferreira Mendanha; Vila de Curvelo (MG); 06/10/1881

Poder-se-á verificar de que o peso da escrita de Ana Carolina aparece no documento em questão com o decorrer do tempo, tal é a força mecânica e a expressividade de sua escrita nesta performance. Certamente, o manuseio da carta neste lapso de tempo, entre a escrita e a consulta ao arquivo, contribuiu para o processo de deteriorização deste documento em especial. Não obstante, o peso da mão da missivista o fator decisivo para a ruína deste documento. Numa leitura paleográfica é necessário considerar este item de verificação. Mas não resta dúvida que este índice diz muito sobre como as mulheres escreviam, sobre os níveis de maior ou menor domínio pessoal sobre os insumos da prática da escrita. Observe-se isto na próxima amostra:

FIGURA 9 - Peso da escrita nas bordas do papel ¹¹²



Esta “força” da escrita aparece sobretudo nas bordas das cartas, onde o contato tinta/papel/pena é mais “crítico”, por assim dizer. De uma forma geral, as mulheres em questão não *imprimiam* grande peso em suas escritas, demonstrando razoável domínio sobre seus instrumentos da escrita. Não se poderá afirmar taxativamente quais ou de que estes instrumentos eram confeccionados, sobretudo em relação à pena [ou pena-de-aço, ou o que quer que seja].¹¹³ Porém, esta “força”, o peso da mão, permite pensar no significado da *impressão* desejada pelas missivistas; impressão em dois sentidos, pelo menos: (i) impressão no sentido de causar efeito, comoção, sensação; e (ii) impressão no sentido de marcar, registrar, sinalizar, registrar. Em ambos os sentidos, o peso da mão identifica, causa, produz, origina, gera, proporciona, motiva determinada percepção. Uma inferência bastante surpreendente de um paleógrafo na década de 1950 sobre o uso de canetas esferográficas em sua época, ilustra bem isso; dizia ele que tais modernidades reduziam o “*talhe* da letra”; e completa ele seu raciocínio: “a caneta esferográfica reduz as possibilidades de individuação

¹¹² APMLAP. Notação LAP-2/4- doc. 52, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto; madrastra do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG). (1871); APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 44, cx. 04. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Caeté (MG); 02/05/1871

¹¹³ Cf. BERWANGER; LEAL, op. cit., p. 108.

das letras e firmas”.¹¹⁴ Observe-se com isso quanto a tecnologia dos instrumentos de escrita interferem na prática diária da escrita. Eis a importância de investigar a habilidade individual no trato dos instrumentos da escrita, qualquer que sejam: “pequenas tecnologias” podem interferir substancialmente na vida das pessoas, sem que estas tomem consciência disso. Considere-se: estamos a um passo da escrita mecanográfica e da invenção da máquina de datilografar.¹¹⁵

3.2.3. Distinções tipográficas

Marcas tipográficas são itens de verificação importantes com relação ao papel: selos, estampilhas, brasões, carimbos, etc., são dêiticos sociais a que se poderia chamar, na falta de melhor dizer, de *distinções tipográficas*.¹¹⁶ Veja-se alguns exemplos:

FIGURA 10 – Fragmentos de marcas tipográficas¹¹⁷



¹¹⁴ Ubirajara Dolácio Mendes, analisando os efeitos da corrosão provada pela tinta e pelo peso da escrita no papel, problema para ele bastante significativo no que respeita a conservação e recuperação dos documentos manuscritos [cf. MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953, p. 48; grifos nossos].

¹¹⁵ Recentemente foi publicada uma notícia curiosa [“Adeus caligrafia”. In: *Piauí*, Agosto, 2011, n. 59, p. 74]: no estado de Indiana (EUA), o Departamento de Educação teria abolido o ensino da escrita cursiva nas escolas para que os estudantes se concentrassem em “áreas mais importantes do currículo”[!]. Claro que permite-se esta “evolução” em face das novas tecnologias na educação, sobretudo o uso de computadores pessoais cada vez mais portáteis, para um hábito muito antigo: escrever; esta interferência no ensino regular daquele país confirma o que disse recentemente um editor da revista *Wired*: hoje, tudo é tecnologia [KELLY, Kevin. A tecnologia nos faz melhores. In: *Revista VEJA*, Especial Tecnologias; disponível em http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia_2007/p_046.html; acesso em 09/01/2011]. Mas é interessante considerar nesta mesma notícia, a alusão ao pensamento de Martin Heidegger sobre a caligrafia e a transmissão do caráter do escritor para sua escrita cursiva, algo bastante significativo.

¹¹⁶ Cf. BERWANGER; LEAL, op. cit., p. 102;

¹¹⁷ Cf. [a] MARTINS, 2009, p. cit., p. 146; [b] BERNARDO GUIMARÃES (1825-1884), obra e vida, in: <https://sites.google.com/site/sitedobg/Home/iconografia/de-teresa-guimaraes-para-raul-guimaraes-de-albuquerque>; acessado em 15/04/2011; [c] APMCG. notação CG 1, cx.01, op. cit.; [d] APLAP. Notação LAP -2/1- doc. 21, cx. 01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para [seu irmão] destinatário não identificado; Caeté (MG); 04/02/1872

Como exemplo, apresenta-se o primeiro fragmento [a] fornecido por Vanessa Martins no seu estudo da correspondência da Viscondessa de Barral ao seu amigo Imperador. Esta marca tipográfica, sem dúvida, *distingue* o papel desta carta. Isto é importante: não se trata de *qualquer papel*; trata-se de um *medium* missivista preparado tipograficamente para distinguir uma casa nobre, uma família aristocrática, e – ainda - determinadas pessoas que escrevem e que são distintas entre todas as outras pessoas que escrevem. O fragmento [a] em particular nos apresenta um dêitico espacial muito específico: o Castelo de Barral, ou seja, produzido por uma pessoa de “sangue azul” que é o caso de Luísa Portugal. Este “detalhe” material, presume-se, não poderia passar despercebido para os pesquisadores, tanto que se mostra ostensivo e evidente.

Outro exemplo curioso disso nos é fornecido pelo sítio eletrônico mantido pela família Guimarães, endereço dedicado à memória do romancista Bernardo Guimarães,¹¹⁸ pai de Constância. O fragmento [b] trata de uma carta/bilhete de Tereza, viúva do escritor; pelo que sugere o documento, a família Guimarães se encontra àquela ocasião instalada na nova capital republicana mineira, na Rua Ceará, no início do século XX. O fragmento excede a periodização desta monografia, mas serve como exemplo ao que se pretende abstrair adiante. No caso, temos um dêitico pessoal/social impresso no papel da carta que distingue a pessoa que escreve: a “Viúva Bernardo Guimarães”. Enfatize-se: não se trata de uma *qualquer pessoa*, mas da “viúva” de um grande escritor. Neste caso, Tereza pede um favor a um parente residente em Conselheiro Lafaiete. Daí que a escolha deste papel – e não outro papel - faz uma diferença: a autora pretende fazer surtir determinado efeito na pessoa que lerá este bilhete. São estes dêiticos sociais impressos no papel que não se pode deixar escapar.¹¹⁹

Com relação à série considerada nesta monografia, encontrar-se-á apenas duas curiosidades desta natureza, de certa forma decepcionantes, mas não de todo inexpressivas.

¹¹⁸ Neste sítio eletrônico [op. cit., nota anterior, letra b] encontram-se também algumas curiosas cartas de Bernardo Guimarães, provavelmente pertencentes à coleção particular da família; chama-se atenção para aos já aludidos *escrúpulos de herdeiros*, inquietações familiares que ainda serão analisadas, adiante. Em todo caso, para efeito informativo, chama-se atenção para estas cartas “relicários” do famoso escritor; há p. ex., uma curiosa notícia de Bernardo datada em 05/09/1882 sobre o nascimento do seu filho Didico, com estas palavras: “tenho o prazer de participar-lhe que sua Comadre [Tereza], no dia 5 do corrente, deu à luz da publicidade mais um volume de carne e osso, do sexo masculino, nítida e solidamente encadernado. Não lhe comuniquei há mais tempo este esplêndido e glorioso sucesso, porque o resguardo não me permitiu. É mais uma verba para o orçamento da despesa, mas como as câmaras ainda estão abertas, vou pedir-lhes que votem a competente quota.”

¹¹⁹ Sobre estas marcas, considere-se que “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou. (...) cada réplica, por mais breve e fragmentaria que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir um posição responsiva”, cf. BAKHTIN, Mikhail. *Adendo; os gêneros do discurso; o problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas*. In: *Estética e criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 275

Por exemplo: a marca tipográfica “HC” ou “CH” do fragmento [c] pode querer dizer qualquer coisa: uma casa comercial, uma associação de classe, um entidade qualquer, pessoa física ou jurídica. Da mesma forma a inscrição em alto relevo “BATH” e sua respectiva “coroação” [!] tem um significado específico, sem dúvida, distintivo pelo menos em relação ao grande volume de papéis ordinários que compõem toda a série considerada.

Não se sabe – e talvez nunca se saberá com precisão - se tais marcas tipográficas faziam sentido para as próprias missivistas. Certamente faziam, é uma hipótese forte. Mas, a despeito disso, em relação ao papel e seus dêiticos sociais, encontrar-se-á aqui um falso problema ou, pelo menos, um problema sem importância. Pretende-se dizer que corre o risco de no final de um exaustivo investimento intelectual, nada desta pesquisa de *sentidos ocultos* faz sentido ou vale tamanho esforço. Seja como for, os dêiticos sociais que o papel apresenta podem ou não ter relação com a intenção do autor. No final, pode-se chegar a conclusão que o importante não é investigar os significados das marcas tipográficas do papel, mas investigar a *intenção do papel*; ou seja, por que este papel e não outro? Esta é a questão: ser ou não ser *contextualista*, ser ou não ser *conteudista*. Claro, interessam à história as intenções, os contextos, os conteúdos.¹²⁰ Estes exemplos servem para reafirmar a hipótese que em termos da escrita nem sempre as escolhas são compulsórias e nem sempre tão razoáveis, quanto aparentam ser.

Procurar significados [ou plausibilidades] para CH ou HC ou BATH equivaleria a uma *superinterpretação*.¹²¹ Ou seja: procurar tais significados equivaleria a tentar descobrir ideogramas ocultos, símbolos cabalísticos, mensagens misteriosas, animais fabulosos, criptogramas invertidos. É muito provável que as missivistas e suas correspondentes tenham identificado e compartilhado imediatamente dos significados de tais “códigos sociais” do papel timbrado. Parece mais interessante, no entanto, imaginar quais os efeitos que o papel poderia ter causador no destino, na primeira leitura. Reforça a ideia desenvolvida sobre a impressão: causar efeito, comoção, sensação; ou ainda marcar, registrar, sinalizar, registrar.

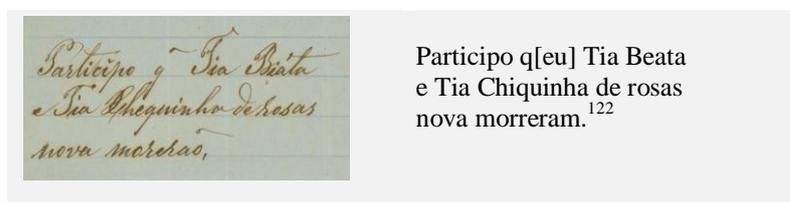
¹²⁰ Cf. SKINNER, 1996, op. cit., loc. cit.

¹²¹ Cf. ECO, 2005, op. cit., p. 53-77.

3.2.4. Inclusões de escrita no papel

Encontrar-se-á numa *leitura flutuante* marcas pessoais das missivistas, dir-se-ia extratextuais, complementos do escrito no *corpo do texto*, em alguns casos mais curiosos que o próprio texto. São apresentados na forma de adendos, nas margens, observações, *post-scriptum*, referências, sempre destacados, separados do texto, como a dizer algo além do a princípio intentou-se dizer; vejamos os exemplos:

FIGURA 11 – Post scriptum (I) - Notícia fúnebre de carta



Carolina Augusta coloca esta informação, a morte de duas parentes próximas e conhecidas do leitor-primário, porém como uma breve nota no final da carta, deslocada do texto à esquerda e abaixo, em letras menores, como um protocolo de saída e encerramento da carta. Percebe-se que Luís [o destinatário] conhecia ambas as falecidas; o curioso neste destaque é a forma da notícia, a entrada da informação no contexto visual da carta; vejamos um procedimento análogo no seguinte fragmento:

FIGURA 12 – Post scriptum (II)

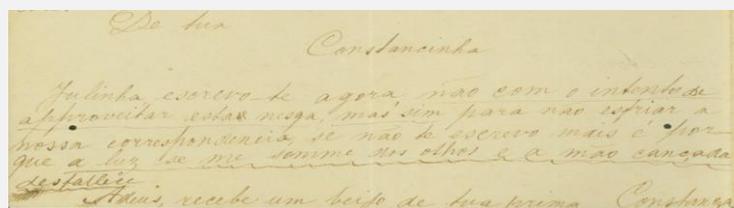


Este expediente, escrever notas ao final das cartas, quase sempre tão próximas dos procedimentos de saída, são ocorrências muitas vezes reveladoras. Constância, profícua em observações de rodapé, escreve:

¹²² APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 44, cx. 04, op. cit.

¹²³ APMLAP. Notação LAP -2/1- doc. 20, cx.01, op. cit.

FIGURA 13 – Post scriptum (III)



De tua

Constancinha

Julinha, escrevo-te agora, não mas com o intento de aproveitar esta nesga, mas sim para não esfriar a nossa correspondência, se não te escrevo mais é porque a luz some nos olhos e a mão cansada desfallece.

Adeus, recebe um beijo de tua prima Constança.¹²⁴

As cartas de Constância são endereçadas à Sinhoca [Elisa Guimarães], sua prima que mora na Corte. Seus assuntos preferidos são os rapazes, principalmente Pandiá Calógeras [1870-1934], com quem Elisa irá se casar pouco depois da morte de Constância em 1888. Interessa ao nosso estudo este hábito de co-endereçar cartas, cultivado pelas mulheres, sobretudo por Constância.¹²⁵ Este “bilhete” em forma de nota de rodapé à Julinha, irmã de Sinhoca, é um desabafo de uma pessoa bastante atormentada, colhida pela tuberculose, então uma doença fatal cujo nome não se ousava dizer em família; daí também porque “que a luz some nos olhos e a mão cansada desfallece.” Escrever cartas sob estas circunstâncias, doente, parece um hábito proibido às mulheres, sempre sob vigília, sempre sob o controle da família, dos olhares vigilantes; Constância confia a Sinhoca:

Não te respondi, como pediste, logo que recebi tua carta porque o Dr. Pedro me proibiu de fazer qualquer *trabalho que dependa de atenção, principalmente sendo preciso fixar o olhar. Se eu não estivesse vigiada teria escrito*, apesar de eu ter tido experiência que isso faz-me mal, porque, não sei se foi a comoção que senti quando li tuas cartas e a da Nikita, que me fez passar muito mal o resto do dia. *Agora não te*

¹²⁴ APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 08 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre seu estado físico e emocional, comemorações do aniversário da Escola de Minas, visita de Calógeras e Jaguaribe e bilhete para a prima Julinha; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; sublinhas da autora; itálicos nossos.

¹²⁵ P. ex. APMMLAP. LAP -2/1- doc. 20, cx.01, op.cit.; APMMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 51, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto; madrasta do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto e para Antônio, seu filho. Ouro Preto (MG). (1871)

*digo a moléstia porque ficarás assustada, deixa pra quando escrever outra vez, que, com certeza já estou sã. Hoje estou melhor.*¹²⁶

FIGURA 14 – Álbum de família¹²⁷



De todo modo, interessa que as cartas das mulheres são compartilhadas no endereçamento, para a leitura; ou seja, aquela que escreve tem certeza que sua carta será lida pelas pessoas da família a quem escreveu; por isso os pedidos de discrição à Sinhoca, sobretudo em relação à citação de nomes, principalmente dos rapazes:

quando me escreveres seja um pouquinho mais discreta porque é preciso esconder muito tuas cartas para que os outros não leiam, ou então queimá-las, isso me custa muito, prefiro não saber os teus segredos a traí-los, ainda que involuntariamente.¹²⁸

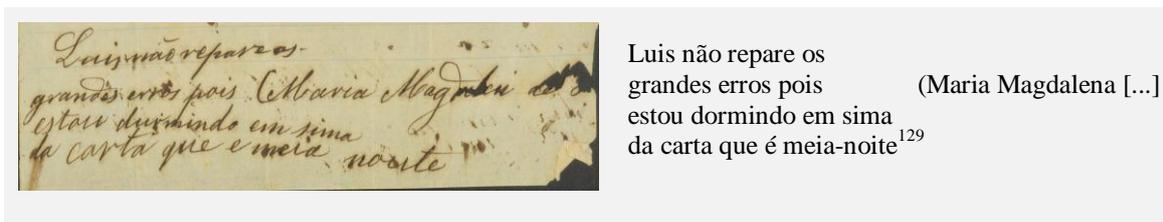
Esta certeza, é claro, interfere na escrita da carta. Este adendos, observações e notas no formato de *post scriptum*, podem contar a história da escrita da carta, como é o caso do próximo fragmento:

¹²⁶ APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 06 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre seu estado de saúde, colocação de Calógeras nas provas, cartas escritas às escondidas, viúves de Angelina Catão, noivo de Etelvina e a volta de Nikita; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; grifos nossos.

¹²⁷ [a] APM. Notação CG001. Acervo de fotografias. Constância Guimarães; 11,3 x 0,8 cm; p&b; [1885-1888?][erroneamente apontada pelo arquivo como irmã de Alphonsus, o poeta]; s.l.; s.d.; [b] APM. Notação CG004. Acervo de fotografias. Casal Pandiá Calógeras e Elisa [Sinhoca]; 8,7 x 12,2 cm; p&b; s.l.; s. d.; [c] APM. Notação CG003. Acervo de fotografias. Anna Guimarães [Nikita ou Miquita]; 8,5 x 6,3 cm; p&b; s.l.; s.d.

¹²⁸ APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 06 de 08]; p. cit.; grifos nossos.

FIGURA 15 – Post scriptum (IV)



Maria Magdalena tenta explicar e justificar sua escrita “desleixada” neste *post scriptum* ao seu genro a Luis, a quem parece respeitar com a um bom filho; o motivo da escrita desta missiva em particular foi a chegada do filho Antônio em Ouro Preto, ele mesmo portador da carta do cunhado, que, ao que parece, dá notícias do seu comportamento genioso e não muito educado em relação ao cunhado e aos amigos do cunhado. Ou seja: Antônio é portador de más notícias sobre ele próprio, motivo pelo qual foi “devolvido” à sua mãe pelo genro. Antônio chega às quatro horas da tarde em casa; Madalena parece bastante ansiosa para dar resposta às reclamações do genro em relação a Antônio. Daí porque escreve esta carta no mesmo dia, quase à meia-noite, mesmo “dormindo” sobre sua própria escrita. Pareceu-lhe importante ressaltar sua aflição ao genro estimado na forma de uma breve observação no final da carta.

3.3. LEITURA PRAGMÁTICA/DIPLOMÁTICA

3.3.1. Protocolos e dêiticos sociais

Segundo Berwanger e Leal,¹³⁰ protocolos são os expedientes usados para invocações, saudações, destinação, subscrições, datações, assinaturas, etc. No que interessa a este estudo, nestes protocolos geralmente encontram-se os dêiticos relativos ao onde, *lugar*

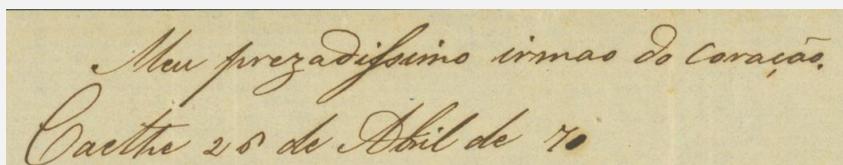
¹²⁹ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 47, cx. 04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto, madrastra do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG); 20/06/1871

¹³⁰ BERWANGER; LEAL, 2003, op. cit., p. 30-31; cf. também BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa oficial do Estado, 2002.

em que se escreve [dêiticos espaciais],¹³¹ ao quando, *tempo* em se escreve [dêiticos temporais], quem e a quem se escreve [dêiticos sociais], etc. Ou seja, em diplomática temos nos protocolos todos os ornatos e rebuscamentos discursivos alusivos as *entradas* e *saídas* da carta, referências à pessoa que escreve [*autor*] e ao destinatário [*leitor*], i. e., as informações sobre para quem se escreve [os tratamentos sociais, em geral abreviados, dada a extensão de muitas dessas reverências: por exemplo: ilustríssimo, reverendíssimo, excelentíssimo, etc.]. Importa que estes protocolos, conforme a missivista, podem se localizar no início [protocolo inicial] ou no final da carta [protocolo final ou escatocolos]. Trata-se também, e isso é essencial apreender, do estilo próprio cultivado pelo missivista.

Nesse sentido é vital distinguir e separar os protocolos do *corpo do texto*, tendo em vista que tais protocolos podem ser extensos e incluir recomendações, saudações, condolências, uma série de figuras de retórica que relacionam-se com a etiqueta da época para escrever cartas.¹³² Tome-se como exemplo, apenas para ilustrar, a esquematização básica de alguns protocolos iniciais muito comuns nas cartas pessoais analisadas:

FIGURA 16 – Fragmento de carta de Maria Ideltrudes¹³³



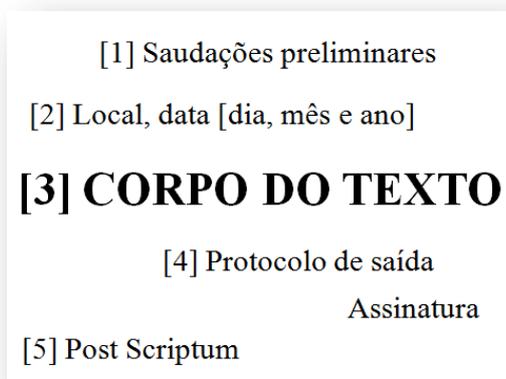
Conforme se observa, neste caso, as saudações preliminares antecedem os procedimentos de datação e indicação da origem da carta (cidade, local, etc.). Porém, este não é um procedimento-padrão dentro da série considerada, dado que diz respeito evidentemente à prática de escrever; tomando esta carta como padrão, temos a seguinte esquematização:

¹³¹ Cf. sobre isto também CERVONI, Jean. Trad. *A enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989, p. 16-18.

¹³² Estas etiquetas são analisadas nos estudos de Cf. BASTOS, 2003, op. cit.; CUNHA, s.d., op. cit.

¹³³ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 38, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Ideltrudes de Moraes, irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG); 26/04/1870

FIGURA 17 – Sequências de protocolos



A sequência neste caso [1-2-3-4-5] informa o modo de escrever utilizado por Ideltrudes na carta citada, mas não significa um padrão; na segunda carta da série desta mulher o padrão é [1-3-4-5-2]¹³⁴, ou seja, os dêiticos espaço-temporais [datação, localização] são escritos no final da missiva, após o post-scriptum. Objetar-se-á, com razão: duas cartas são amostras insuficientes para estabelecer uma regra, um procedimento padrão. Na série de Francisca Salles (8 cartas), apenas uma carta difere do padrão [1-2-3-4-5].¹³⁵ Na série de Maria Leonor (12 cartas) e de Elisa Teixeira, sua filha (6 cartas), o padrão [1-2-3-4-5] é mantido. Neste sentido, de um modo geral, esta é a forma composicional das cartas, com algumas variações bastante significativas; por exemplo: as cartas de Joanna Perpétua, Isabel Oliveira e Francisca Benedita, parentes próximas do Barão de Camargos, seguem o seguinte padrão: [1-2-1-3-4-5], ou seja, excede-se em protocolos, vocativos e reverências no início e no final das cartas, conforme observa-se neste exemplo:

Ilustríssimo Exceletíssimo Senhor Barão de Camargos
Mariana, 15 de janeiro de 1873
Meu Respeitável Senhor (...) [no protocolo]

(...) Com a mais consideração e respeito sou
De Vossa Excelência
Muito atenta e respeitadora criada [no escatocolo] [assinatura]¹³⁶

¹³⁴ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 55, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Ideltrudes de Moraes; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Caeté (MG); 18/11/1874

¹³⁵ APMLAP. notação LAP- 2/5- doc.74, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto, irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Nossa Senhora do Porto (MG); 28/09/1882

¹³⁶ AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Francisca Benedita Duarte; para seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Mariana (MG); 15/01/1873

Francisca escreve ao primo ilustre para solicitar o uso de sua influência política para obter determinada pensão; daí o uso de tantas vossas excelências (6 ocorrências) no breve corpo de texto, pouco mais de 15 linhas de uma página de caderno (em geral são aproximadamente 22 linhas/página). Mais econômica nos vocativos, Isabel escreve um bilhete para agradecer “eternamente” primo barão do império a “esmola” (pensão) de 20.000 reis.¹³⁷ As reverências e o zelo pelos vocativos superlativos tem uma razão objetiva, uma “segunda” intenção”, por assim dizer.

As cartas de Maria Leonor ao marido seguem sempre o mesmo padrão [1-2-3-4-5], assim como as de Elisa ao pai. Leonor começa sempre com a expressão “Meu caro esposo do C.[oração]”, enquanto a filha em geral começa com o vocativo “Meu caro [ou prezadíssimo] Pai e Snr. [Senhor]”. Quem destoa radicalmente deste “padrão” [ou tendência, se pode dizer] é Constância Guimarães. Com exceção de uma carta,¹³⁸ a missivista não utiliza de formalismos e protocolos em relação a *onde* e *quando* escreve; a maioria dos dêiticos espaço-temporais de sua série se intui no corpo do texto, são alusões à cidade de Ouro Preto, lugares, festas, efemérides, acontecimentos sociais. Por exemplo, o aniversário da Escola de Minas (outubro); a festa de São João e os exames anuais da Escola Normal (junho/julho), o jubileu de Bom Jesus (setembro), etc. Esta falta de referencias nesta série leva a intuir o uso de envelopes. Nos envelopes, em geral, haviam os dêiticos dos carimbos, dos selos e dos endereçamentos de punho dos próprios remetentes. Infelizmente não se cultivou, pelo menos nesta amostra, a preservação destes componentes do gênero. É provável que Constância, em razão de envelopar a carta, tenha dispensado tal protocolo. Percebe-se nos arquivos privados, notadamente no espólio do Barão de Camargos, o procedimento de dobraduras no papel para lacrar a carta por si mesma, sem o uso de envelopes. Comprova isto o fato de que em toda a série, em apenas uma carta encontra-se marcas destas dobraduras.¹³⁹ Em todo caso, quanto a isso, pode-se conjecturar que tal *informalismo epistolar* de Constância decorre do fato de que ela e suas primas tinham a noção clara de anterioridade epistolar, ou seja, da sequência lógica das cartas anteriores, o que sugere também uma correspondência familiar mais intensa do que faz supor esta coleção

¹³⁷ AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Isabel Maria de Oliveira [C.] Preta; para seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Inficionado (MG); 18/03/1873; o mesmo intuito se repete em AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Isabel Maria de Oliveira; para seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Inficionado (MG); 20/08/1873

¹³⁸ APMCG. Notação CG 1, cx.01 [carta 01 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre a partida de Nikita; Ouro Preto (MG); 27/05/1887

¹³⁹ APMLAP. Notação LAP -2/1- doc. 20, cx.01, op. cit.

Dispensar os protocolos, conforme faz Constância, sugere intimidade, cumplicidade, compartilhamento de significados, nem sempre apreensíveis ao pesquisador hodierno. Considere-se que esta missivista era adolescente à época (16/17 anos) escrevendo para iguais adolescentes (suas primas, no Rio de Janeiro). O humor histriônico de Constância às vezes melancólico, às vezes exaltado, faz de suas cartas uma espécie de crônica do cotidiano familiar burguês. Chamar os rapazes pelo prenome, os parentes pelo apelido e, principalmente, dispensar os rapapés, medidas e ornatos da etiqueta epistolar vigente, denota um universo muito distinto da visão romântica e asséptica da família finissecular, algumas vezes impenetrável, outras vezes enganoso. Pretende-se dizer com isso: percebe-se nesta coleção, como em toda série, o controle da “fala”, ou seja, a modulação da escrita, a sutileza de códigos muito restritos às correspondentes, conforme o efeito pretendido no desejar dizer o não-dito.¹⁴⁰ Este controle decorre, presume-se, principalmente da etiqueta familiar, do controle do *pater família*, da certeza que tais “falas” [escritas] seriam “ouvidas” [lidas] por toda a família.

3.3.2. Escrita tipográfica, caligráfica, cartorial

Várias caligrafias da série de cartas analisadas bem poderiam ser aproveitadas para compor os capítulos destes curiosos recursos didáticos, os paleógrafos. Estes livros propunham aos estudantes da língua portuguesa, em primeiro lugar, “ler” paleograficamente, e depois “escrever” paleograficamente. Este aspecto é sem dúvida, muito significativo e diz respeito ao domínio da escrita e da leitura. Por exemplo: tanto o *Curso Graduado* de 1888¹⁴¹ como as lições de Duarte Ventura, há uma clara estratégia de recuperar caligrafias antigas para “ensinar” também a leitura de “escritos antigos” ao seu público-alvo. Daí porque recuperam e apresentam caligrafias rebuscadas, ornamentadas, letras capitulares, tipos de maiúsculas góticas e românicas, etc., como exemplos de escrita. Mas, essencialmente, ensinam a caligrafar.

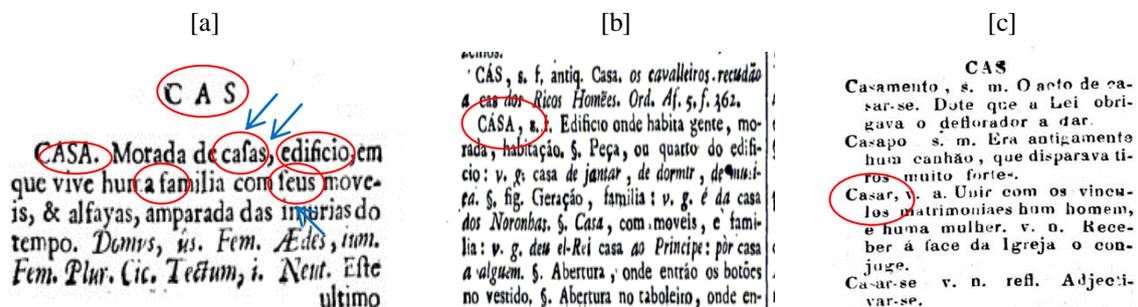
¹⁴⁰ Cf. para isto CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Uso e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 1998 p. 139- 147.

¹⁴¹ CURSO GRADUADO de leitura manuscrita em 21 lições composto para a mocidade Brasileira. 8. ed. Rio de Janeiro: B. -L. Garnier, 1888

Estes tipos de escrita concorrem com as escritas tipográficas que são os preâmbulos (capa, contracapa, página de rosto, índices, etc.) dos conteúdos. Portanto considere-se, há uma concorrência entre uma escrita manuscrita e outra escrita mecanográfica, conforme já mencionou-se aqui. No paleógrafo de BPR, a interferência desta escrita tipografia é mínima. A estratégia, apesar do título, é claramente o ensino da caligrafia. Lê-se no início de sua leitura: “aprovado e adoptado pelo Governo para as Escolas publicas do Estado”,¹⁴² Portanto, sem dúvida, são instrumentos de trabalho das professoras de letramento. Tanto que encontrar-se-á uma curiosa lição caligráfica [hipotética, é verdade] onde uma irmã admoesta severamente seu irmão dizendo: “minha mestra não me daria uma só nota boa, si eu escrevesse assim”¹⁴³

Outra razão considerável para levar adiante este investimento nos paleógrafos, além de sua longa permanência durante o século dezanove,¹⁴⁴ é um aspecto menos evidente que aparece numa leitura crítica destes instrumentos de trabalho das escolas públicas: as transformações e adaptações da escrita, tanto tipográfica quanto caligráfica; observe-se alguns exemplos:

FIGURA 18- Fragmentos de escritas tipográficas¹⁴⁵



¹⁴² BPR. *Leitura manuscrita*. Lições coligidas por BPR. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: livraria Francisco Alves; s.d., p. 4.

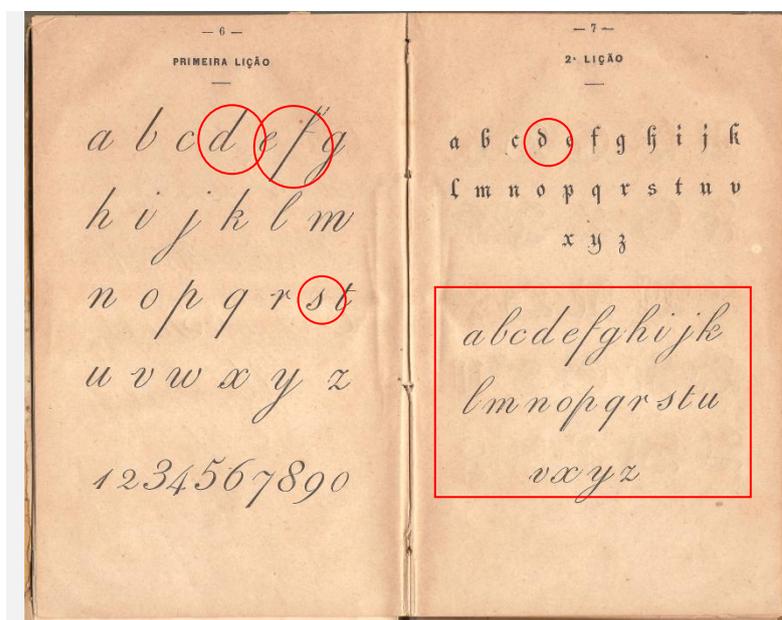
¹⁴³ Idem, p. 5-9 [na ortografia da época].

¹⁴⁴ Chegando quase ao hodierno, pelo menos à década de 1960, conforme se pôde constatar em Lindolfo Gomes GOMES, Lindolfo. *Exercícios de leitura manuscrita*. Trechos selecionados para o 3º. e 4º. ano das escolas primárias. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

¹⁴⁵ [a] BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.; [b] SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza* - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813; [c] PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832; cf. também Coleção Brasileira da USP, disponível em <http://www.Brasiliana.usp.br/dicionario/>; acessado em 03/04/2011

Escolhe-se o verbete [casa] e/ou palavras correlatas apenas como referência. Chama-se atenção principalmente para a grafia das letras “s” e “d” “f”, índices que sofreram uma drástica “intervenção” tipográfica no século XIX. Pretende-se demonstrar que a reatualização das grafias das letras dos tipos para o prelo é uma espécie de *solução*, ou, conforme se disse antes, uma “racionalização” da escrita; e a escrita é, não se pode perder esta noção capital, “qualquer semiótico de caráter visual e espacial da linguagem verbal”¹⁴⁶ O que acontece no prelo são adaptações, reformulações, ressignificações. Neste sentido, a transcrição é também uma adaptação da escrita antiga para seu significado contemporâneo;¹⁴⁷ e é interessante observar que tais atualizações contemporâneas acontecem de uma matriz tipográfica e não de uma matriz caligráfica.¹⁴⁸ No século XIX estas adaptações, reformulações, ressignificações estão em pleno curso; os paleógrafos e cursos de caligrafia reformulam, de certa forma, a escrita “antiga”; observe-se os “s”, “f” e “d” das lições do *Curso Graduado* e das escritas das cartas de mulheres:

FIGURA 19 – Lições paleográficas – cursividade das minúsculas “d” e “s” e “f”¹⁴⁹



Estas lições são *propostas* de escrita, *projetos* ou projeções de uma escrita-ideal, paleográfica, caligráfica, manuscrita. Considere-se propostas são muito mais abrangentes em

¹⁴⁶ BERWANGER; LEAL, 2008, op. cit., p. 39.

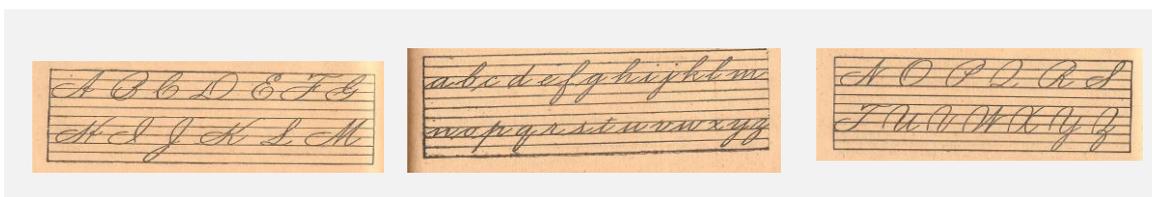
¹⁴⁷ Com este propósito, os paleógrafos editam normas para “fixar diretrizes, critérios e *convenções* para padronizar as edições paleográficas, com vistas a uma apresentação *racional e uniforme* das mesmas”, cf. BERWANGER; LEAL, 2008, idem, p. 99 [grifos nossos].

¹⁴⁸ OLIVEIRA, s.d., op. cit., p. 22.

¹⁴⁹ CURSO GRADUADO, 1888, op. cit., p. 6-7.

relação à cursividade das letras e à escrita das palavras em língua portuguesa como um todo, não apenas para uma letra ou outra em especial. Mas, percebe-se nos exemplos destacados, o esforço caligráfico para dominar determinadas letras mais “indolentes”, de enquadrá-las, de padronizá-las a um referencial-comum. Neste sentido, há letras e grafias mais “resistentes”, mais “indomáveis” do que outras; é o caso das minúsculas “s” e “d” e do “f”.

FIGURA 20 – Lições paleográficas – letras-padrão segundo BPR¹⁵⁰



Chama-se atenção para a escrita tipográfica dos periódicos femininos, dos livros de poesias e novelas, no que esta implica em relação às leituras e às escritas cursivas de todo dia. A imprensa é uma tecnologia recente, data da transferência da família real [1808] para o Brasil.¹⁵¹ A *cultura impressa* alcança não somente os homens, mas a sua família quando faz circular de mão em mão alguns produtos desta *tecnologia* também entre as mulheres da família.¹⁵² Veja-se exemplos fornecidos por Mônica Jimenji;¹⁵³ veja-se também um exemplo desta escrita tipográfica que nos é fornecido pelos semanários *O Sexo Feminino*, e *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, mencionados por Aparecida Maria Nunes [ver p. seq., fig. 21].

Comparando com a “proposta” paleográfica, observa-se que esta última encontra-se muito próxima da escrita tipográfica dos jornais e das revistas folheadas pelas mulheres na época; ver-se-á seus reflexos na escrita manuscrita comum, notadamente a supressão de alguns hábitos caligráficos da escrita portuguesa, diga-se “arcaicos”, “cartoriais”, “não-tipográficos”, “não-caligráfica” e portanto, não-conformes. Numa *leitura flutuante* é flagrante esta oposição entre a “nova escrita” sugerida pelos cursos paleográficos e a “velha escrita”. Poder-se-á observar isto na escrita aristocrática dos pedros da casa de Bourbon, mas também

¹⁵⁰ BPR, s.d., op. cit., p. 12; 14-15

¹⁵¹ JIMENJI, 2010, op. cit., p. 20-24.

¹⁵² Considere-se que a simples posse de livros já produzia em Minas Gerais, desde a metade do século XVIII, alguns “desvios” de conduta, ou algumas heterodoxias individuais; cf. para isto VILLALTA, Luiz Carlos. Os clérigos e os livros nas Minas Gerais da segunda metade do século XVIII. In: *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 19-52, jan./dez., 1995.

¹⁵³ JIMENJI, 2010, op. cit., p. 226; 239; 246; ONG, 1987, op. cit., p. 117-136 [cap. *Lo impreso, el espacio y o concluído*]...

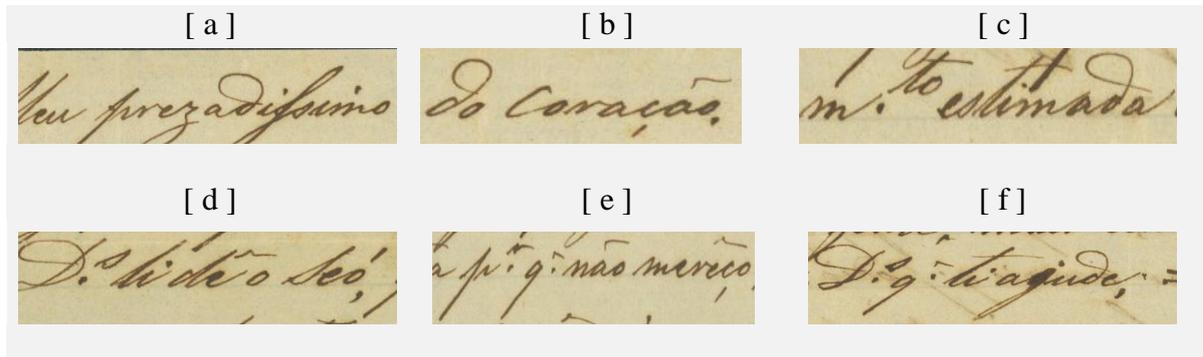
de Luisa Portugal e de Domitila.¹⁵⁴ Ou, ainda, melhor, ilustrando a pesquisa, na escrita cartorial dos arquivos eclesiásticos dos setecentos e do início dos oitocentos.¹⁵⁵

FIGURA 21 – Fac-símiles de jornais para mulheres¹⁵⁶



Conforme inferiu-se, seu maior reflexo na caligrafia das mulheres, num relance visual, incide de forma radical nos desenhos dos “s”, dos “ss” e dos “d” e dos “f”, mais do que qualquer outra letra do alfabeto escrito cursivamente.¹⁵⁷ Da mesma forma, as reduções e abreviaturas, sofrerão drástica revisão caligráfica a partir da circulação dos periódicos e jornais da época, uma vez que tais recursos de escrita [as reduções] não encontram correspondência na forma de escrever dos tipógrafos, em geral ampliando e “resolvendo” estas reduções do jeito manuscrito de escrever;¹⁵⁸ vejamos um pouco disso:

¹⁵⁴ Cf. SOTO, 2007, op. cit., p. 133; 140; 152-153
¹⁵⁵ Ver exemplos destas adaptações em OLIVEIRA, s.d., op. cit. p. 24-33; BERWANGER; LEAL, 2005, op. cit., p. 111-124; cf. também BLANCO, Ricardo Román. *Estudos paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987;
¹⁵⁶ Apud NUNES, Aparecida Maria. A imprensa oitocentista nas páginas de Dona Francisca Senhorinha. In: *Revista de Linguagem, Cultura e Discurso*, Ano 5 – Número 8 – Janeiro a Junho de 2008; disponível em http://www.unincor.br/recorte/artigos/edicao8/8_artigo_aparecida.html; acessado em 15/09/2011; cf. também PALLARES-BURKE, 1998, op. cit., loc. cit.
¹⁵⁷ Cf. BERWANGER; LEAL, 2005, op. cit.
¹⁵⁸ Refere-se aqui a um exame visual dos jornais mineiros da época, disponíveis em grande quantidade na coleção virtual do APM, cuja coleção abraça o período compreendido entre 1825 a 1900 e disponíveis em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php>; pede-se atentar para as reduções, os vocativos, e, principalmente, ao abandono de abreviaturas, diga-se “antigas”, “desnecessárias” ou “excessivas”, como, p. ex. D. para “Deus”; C. para “coração”; mto. para “muito”; p. para “porque”, “para”; etc., q. para “que”, “qual”, “quais”, etc.; numa curiosa lição de Reinaldo Pimenta sobre a etimologia da letra @, há justificativas sobre o uso de abreviaturas por economia de tinta e papel, insumos valiosos na Idade Média; não parece o caso,

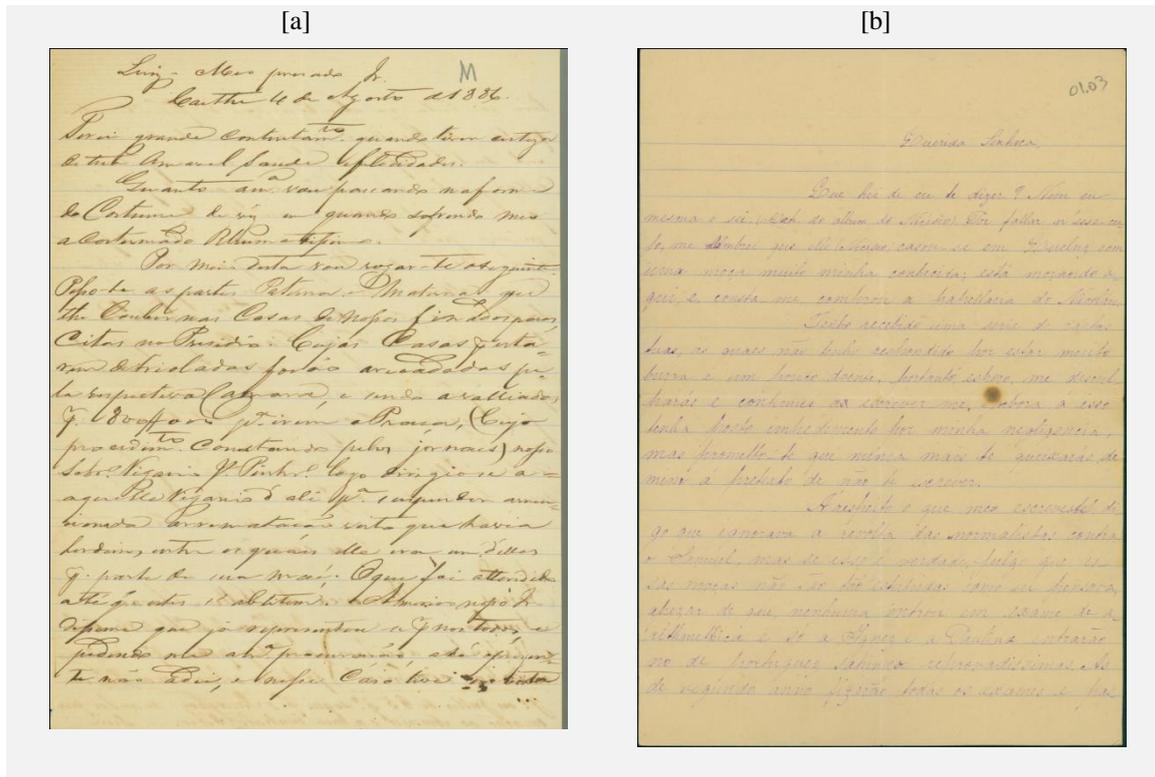
FIGURA 22 – Fragmentos de não conformidades paleográficas¹⁵⁹

Nesta amostra, apresenta-se uma escrita manuscrita tendendo ao modo antigo de escrever; na expressão [a] “meu prezadíssimo” observa-se duas não conformidades: o “d” virado e o “ss” dobrado; na expressão [b] “do coração” o “d” virado reaparece; no fragmento [c] o “muito” do fragmento aparece como excesso de redução, conforme veremos adiante; e novamente o “d” virado; em [c] o “Deus” da expressão “Deus te dê o céu” também aparece como excesso de redução; este é o mesmo caso de [e]: “porque não mereço”; também em [f] na expressão “Deus que te ajude”. Quanto às reduções, a tipografia, ou melhor, o modo de escrever tipográfico, tendo em vista a ampliação de leitores, ou seja, de um mercado leitor, tratará de resolver gradativamente. Neste sentido, a escrita manual seguirá esta tendência; no paleógrafo de Lindolfo Gomes, datado de 1960,¹⁶⁰ tais reduções estarão equacionadas de tal forma que praticamente sobreviverão apenas os vocativos de reverência a pessoas “ilustres” e “excelentes”, a “senhorias” e “reverências”. Não duvida que tais expedientes causam um *efeito visual* produto-texto, como resultado da prática da escrita; veja-se alguns exemplos de uma forma mais ampliada:

nas escritas de cartas, em Minas gérias, no final do século XIX; [cf. PIMENTA, Reinaldo. *A casa da Mãe Joana*. Curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. 10 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 11-13].

¹⁵⁹ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 38, cx. 04, op. cit.

¹⁶⁰ GOMES, 1960, op. cit., p. 5-6.

FIGURA 23 – Fac-símiles de cartas¹⁶¹

Não há exagero algum em dizer, do ponto de vista do *impacto visual* da escrita, no leitor contemporâneo que Constância Guimarães está mais próxima da escrita tipográfica do que Francisca Salles. Ou, o contrário, que Francisca está mais próxima da escrita arcaica, cartorial e aristocrática do que Constância. Não se trata, conforme se propôs anteriormente, de comparar caligrafias. Poder-se-ia alinhar diversas cartas, diversas caligrafias, diversos exemplos de práticas manuscritas sem se chegar a algum esclarecimento conclusivo. Contudo, basta uma breve análise visual das cartas para se convencer que a escrita de Constância encontra-se mais conforme com as lições paleográficas do que a escrita de Francisca Salles. Ou, melhor dizendo, que Constância domina melhor a tecnologia do escrito proposta nos paleógrafos do que Francisca. E o que seria uma escrita cartorial, arcaica, não-conforme com os paleógrafos? Vejamos alguns exemplos:

¹⁶¹ [a] APM LAP. Notação LAP-2/5- doc. 86, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Caeté (MG); 04/08/1886 [b] APM CG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 03 de 08], op. cit.

FIGURA 24 – Fragmentos de escritas cartoriais / arcaicas.¹⁶²

Neste sentido, escritas arcaicas são, grosso modo, as escritas das quais a caligrafia paleográfica tenta de afastar progressivamente no século XIX. Observando a série em análise neste estudo percebe-se que as principais adaptações imediatas são:

- (i) a redução do espaçamento excessivo entre letras de cada palavra escrita; percebe-se que as mulheres “desenham” cada letra preparando a próxima letra, “caudando” a finalização da cursividade de cada componente escrito da palavra; com este pequeno procedimento, observe-se, a escrita tende a separar palavras unidas pela cursividade rebuscada de antes;
- (ii) a ampliação do espaçamento reduzido entre palavras de uma frase, de tal forma que a escrita parecerá mais razoável, organizada, inteligível; é o que não se percebe por exemplo nas caligrafias de Francisca Salles, de Maria Ideltrudes e de Maria Magdalena [em algumas cartas]; é o que acontece por exemplo com as caligrafias de Constância, Maria Leonor e Elisa Teixeira;
- (iii) o abandono gradativo dos ornamentos, das letras capitulares, dos rebuscamentos das letras maiúsculas nos preâmbulos das cartas; ou seja, percebe-

¹⁶² [a] OLIVEIRA, s.d, op. cit. p. 33; segundo o autor, trata-se de um registro paroquial [Registro Paroquial de Conceição dos Guarulhos. Arquivo do Estado de São Paulo, livro 156, (1856)]; [b] MUSEU CASA ALPHONSUS DE GUIMARAENS. Cx. 01, doc. 9. Certificado de casamento de Alphonsus de Guimaraens com Zenaide Silveira de Lima. Ofício de Registro Civil da Cidade de Conceição do Serro; [07/08/1921][fac-símile; pagina 1 de 3].

se na escrita “antiga”, “cartorial”, uma tendência missivista a ornamentar todo o escrito, e não apenas as maiúsculas iniciais do parágrafo, mas de rebuscamentos em toda a escrita; da mesma forma identifica-se na escrita paleográfica uma propensão a racionalizar a escrita, a “sanear” os excessos da caligrafia;

(iv) neste sentido, o desalinho geral da escrita proporcionado pela escrita espetaculosa e barroca [ou rococó, permita-se] vem dar lugar a uma escrita enquadrada, proporcional, organizada no *medium* papel; é desta caligrafia que a lição inicial BPR vem dar notícia, a escrita ensinada na instrução pública; segundo esta lição:

devemos ser correctos nas maneiras, vestir-nos com asseio, fallar com cuidado e cortezia, e escrever de modo que, quem tiver de ler o que escrevemos, tenha uma impressão agradável. (...) Não é preciso bordar letras. Mas é preciso ser cuidadoso. (...) Para que um homem possa ter uma *letra regular, limpa, igual*, embora não seja uma letra bonita, é preciso que *em criança, na escola*, tenha sempre *o maximo capricho, não escreva uma só linha, uma só letra com falta de cuidado (...)*¹⁶³

3.3.3. Reduções e abreviaturas

Para se obter esta escrita limpa, igual e regular, foi preciso, conforme mencionou-se anteriormente, resolver as reduções e abreviaturas da escrita manual. No paleógrafo de Lindolfo Gomes, editado pelo menos desde 1926,¹⁶⁴ desaparecem os tais excessos de redução, permanecendo apenas os vocativos superlativos [ilustríssimo, excelentíssimo, reverendíssimo, etc.], conforme citou-se aqui a pouco.

Neste estudo, estratifica-se as principais recorrências da amostragem analisada e observa-se quantas reduções foram abandonadas. Na série de Maria Leonor, as abreviaturas mais usuais são C. [“coração”, para referir-se a Manoel seu esposo e a si como esposa bem querida]¹⁶⁵, tb^m [também], q’[que], m^{tas} [muitas], p^a [para]; em outra carta,¹⁶⁶ prova^l

¹⁶³ BPR, s.d., op. cit., p. 7-9; [grifos nossos; ortografia da época].

¹⁶⁴ GOMES, 1960, op. cit., p. 5-6; BATISTA, 2005, op. cit., loc. cit.; idem, s.d., op. cit., loc. cit. [ver as referências de fontes impressas; cf. também, FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Divisão de Arquivo do estado, 1979

¹⁶⁵ AHMIFBC. Cx. Correspondência 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza. Ouro Preto, 02/09/1873

[provável], thes^{to} [tesouro, repartição pública], por exemplo; em outra carta,¹⁶⁷ corr^e [corrente]; corr^{os} [corridos]; a isso poder-se-ia chamar os automatismos da escrita, como, por exemplo escrever-se regularm^{te} e não regularmente, lembr^{as} e não lembranças, particularm^{te} e não particularmente, e assim por diante. Estes automatismos, ou seja, esta tendência à redução da escrita - presume-se - abreviaria o tempo de manuscrita das cartas, o que sugere um modo, um hábito, uma prática de escrita em superação de um fazer dir-se-ia arcaico, ultrapassado pela caligrafia no final do século em análise. Pretende-se dizer também que em toda a série algumas mulheres são mais ou menos propensas a utilizar deste artifício caligráfico, tendo em vista que todas, sem exceção, utilizam as reduções e abreviaturas em sua escrita. Maria Leonor, Elisa, Constância, por exemplo, são comedidas neste aspecto; este comedimento, no entanto, só é compreensível quando comparamos suas escritas às cartas de Carolina Augusta, Maria Ideltrudes, Ana Carolina, Francisca Salles e Maria Magdalena. O hábito das reduções e abreviaturas na escrita das palavras nas cartas destas mulheres missivistas é pronunciado, dir-se-ia destacável numa leitura rápida, *flutuante*, num simples passar de olhos; são as constantes ocorrências de abreviaturas como D^s [Deus]; p^r [por; para]; a^s [anos]; q['] [que], sup^{or} [superior]; comp^e [compadre]; comd^e [comadre]¹⁶⁸, etc., são apenas exemplos do grande corolário de expedientes escritos para reduzir o tempo escrita das cartas, expedientes que corroboram, de certa forma, com a ideia da letra cursiva: indolente, preguiçosa, despreziosa, etc.¹⁶⁹

Não obstante, chama-se atenção para dois pontos; (i) presume-se que leitor e autor coevos compartilham dos significados destas reduções, tal a intensidade e frequência de ocorrências nas cartas; a isso chama-se *automatismos da escrita*; as dificuldades hodiernas dos pesquisadores em decodificar tais expedientes sugerem isto, tendo em vista que não é corrente na escrita contemporânea o uso de reduções no nível encontrado na amostra; daí a importância de trabalhos como o da historiadora Maria Flexor Occhi a propósito das abreviaturas paleográficas;¹⁷⁰ (ii) no entanto, há uma evidente perda na resolução destas

¹⁶⁶ AHMIFBC. Cx. Correspondência 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza. Ouro Preto, 06/07/1873

¹⁶⁷ AHMIFBC. Cx. Correspondência 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Sousa; Ouro Preto, 10/06/1873

¹⁶⁸ APLM. Notação LAP-2/5- doc. 50, cx. 04; Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG). 06/08/1871; APLM. Notação LAP-2/1- doc. 23, cx.01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para destinatário não identificado. Caeté (MG); 22/08/1876; APLM. Notação LAP-2/1- doc. 55, Cx.01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, para seu filho João Pinheiro. Jequery (MG); 20/07/18[-]; APLM. Notação LAP -2/1- doc. 21, cx.01, op.cit.

¹⁶⁹ BERWANGER; LEAL, 2008, op. cit., p. 39.

¹⁷⁰ Cf. FLEXOR, 1979, op.cit., loc. cit.

abreviaturas [e na escrita, como um todo] do ponto de vista da apreensão da prática da escrita; ou seja: ao proceder as transcrições dos documentos manuscritos e “enquadrá-los” à escrita moderna, contemporânea, com o propósito de compreendê-los e interpretá-los, ou de melhor “ler” tais documentos, perde-se a noção de como os missivistas escreviam, de como era a escrita cotidiana no passado.

Considere-se que os procedimentos dos melhores manuais de transcrição paleográfica ditam “resolver a escrita”, decifrar, decodificar.¹⁷¹ Isto faz parte do ofício do historiador, sem dúvida. Mas, quando se observa as transcrições no formato popular nos trabalhos acadêmicos, percebe-se que nada sabemos *sobre como* tais documentos foram manuscritos. É o caso exemplar da coletânea de cartas de Bárbara e Cristiano Ottoni, citadas anteriormente;¹⁷² as cartas estão resolvidas, decodificadas, prontas para a interpretação, qualquer que seja; porém, do ponto de vista da prática do escrito somente o contato com as fontes no arquivo resolveria os problemas inerentes à caligrafia, a paleografia das cartas, aos hábitos de escrever dos missivistas. E há, sem dúvida, uma perspectiva histórica na forma em que as pessoas dominam o meio material. Em certa medida, compreende-se o documento pela metade; i.e., numa perspectiva *conteudista* e *contextualista* suprime-se a heurística, o potencial do documento manuscrito como objeto palpável, visual, concreto, significante *per sí*.

3.3.4. Maiúsculas, capitulares, parágrafos

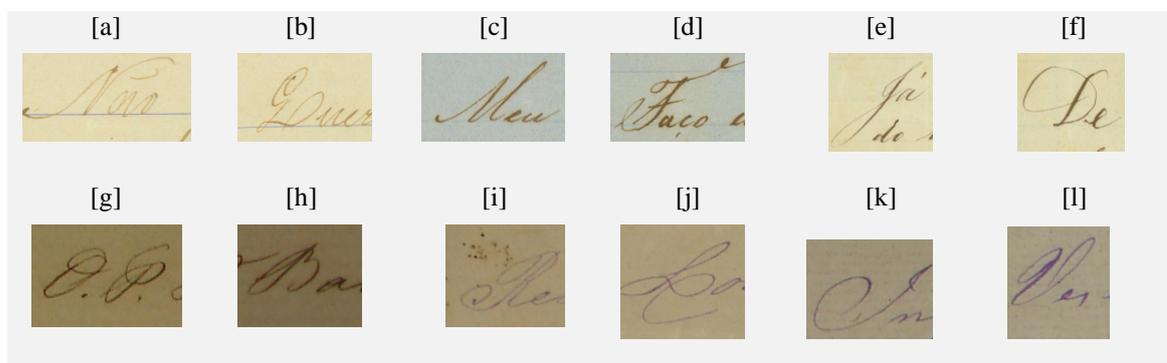
Numa *leitura flutuante* são as letras maiúsculas que demonstram os progressos das mulheres com relação às lições paleográficas. Em toda a série há uma demonstração do enorme esforço das missivistas em dominar o “desenho” destas letras, em copiá-los, em transformá-los para si como valor e estilo. Tais desenhos, projetos, proposições, são, de certa forma, uma redução possível das letras capitulares dos antigos documentos cartoriais, sem as medidas e rebuscamentos do passado. No paleógrafo de Duarte Ventura e no *Curso Graduado*, estas letras capitulares antigas, góticas, românicas, etc., são apresentadas lado a lado de uma solução minimalista, por assim dizer, para a escrita do dia a dia, para os escritores comuns, populares. Estas capitulares, por outro lado, estão muito distantes da

¹⁷¹ Cf. BLANCO, 1987, op. cit., loc. cit.; BERWANGER, LEAL, 2008, op. cit., p. 39.

¹⁷² OTTONI; OTTONI, 1978.

escrita tipográfica sugerida nos mesmos compêndios, nas páginas iniciais, na capa, nos índices, na formatação geral destes livros de leitura e escritura. Poder-se-ia dizer que num mesmo *pagus*¹⁷³ confluem vários tipos de escrita, do medievo ao coevo e, principalmente, uma proposta de escrita para o futuro: a escrita cursiva das maiúsculas e minúsculas da língua portuguesa para o uso popular. Neste sentido, não há como negar a importância destes livrinhos didáticos no contexto da educação de várias gerações de escritores e leitores brasileiros. Observe-se uma amostra subtraída da série de cartas em análise:

FIGURA 25 – Fragmentos de cursividades das letras maiúsculas¹⁷⁴



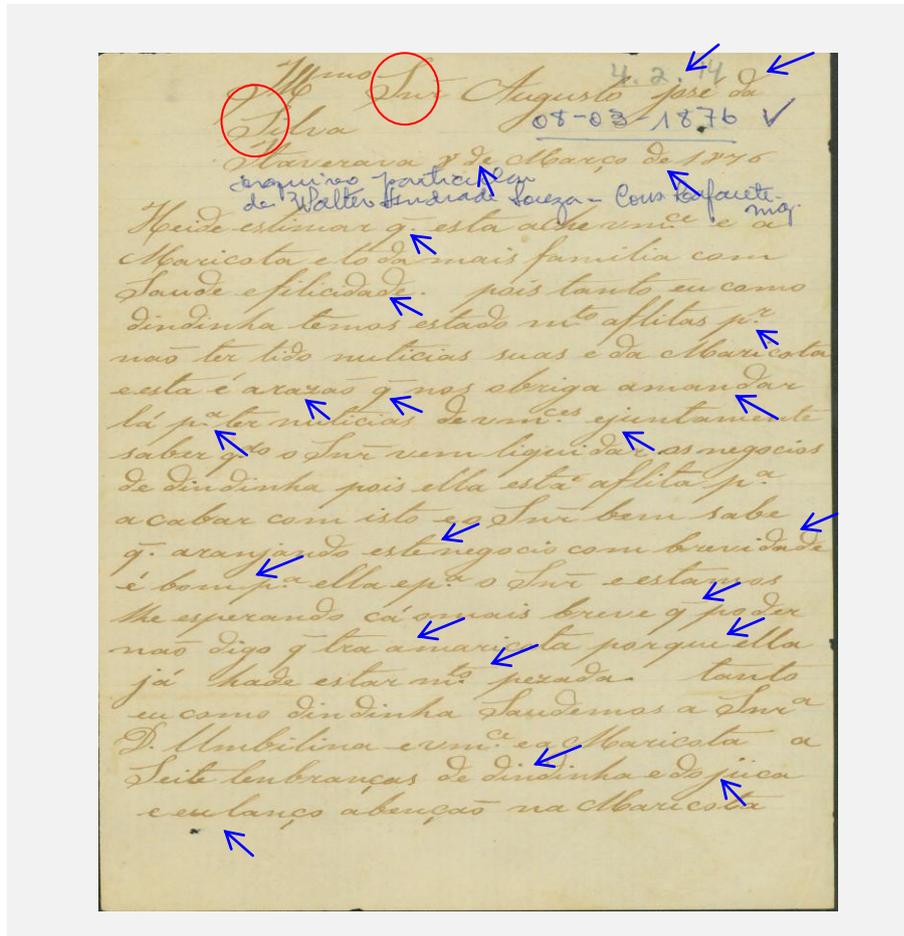
Nesta amostra pode-se observar que as grafias das letras N, Q, M, F, J, D, O, P, B, R, L, I e V, respectivamente, atendem em maior ou menor nível ao padrão referencial dos paleógrafos. A menção de tais lições caligráficas interessa porque estas remetem às cartas e confirmam o estilo pessoal de cada missivista; daí não se poder comparar caligrafias sem uma referência externa, sem um parâmetro confiável; ou seja, a escrita cursiva praticada só é compreensível em comparação à escrita ensinada nas escolas e a escrita tipográfica veiculada nos meios de informação vigentes pelo simples fato de que ninguém, nem por autodidatismo, aprende a escrita sem uma referência visual externa. Dai poder-se, por exemplo, caracterizar e escalonar cada estilo pessoal a uma matriz-comum e delas dizer qual está mais próxima ou

¹⁷³ Cf. idéia de *pagus*. nota 54, cupraticado

¹⁷⁴ Referências: [a] e [b]: APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 07 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre sua doença e o sofrimento de Etelvina com a morte do noivo. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; [c] e [d]: APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 98, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Senhora do Porto (MG); 27/04/18[--]; [e] e [f] APMLAP. Notação LAP-2/4- doc. 52, cx.04, op.cit.; [g] e [h]: AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira; para seu esposo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG); 08/01/1873; [i] e [j], AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira de Souza; para seu irmão Fernando; de Papagaio (MG); 03/03/1873; [k] e [l], AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Isabel Maria de Oliveira, prima do Barão de Camargos; para este; de Inficionado (MG), 18/03/1873

mais distante deste padrão. Considere-se alguns exemplos, observando a *mise-en-page* da carta,¹⁷⁵ ou seja, o aspecto geral da escrita a uma leitura visual:

FIGURA 26 - Carta-referência I (*mise-en-page*)¹⁷⁶



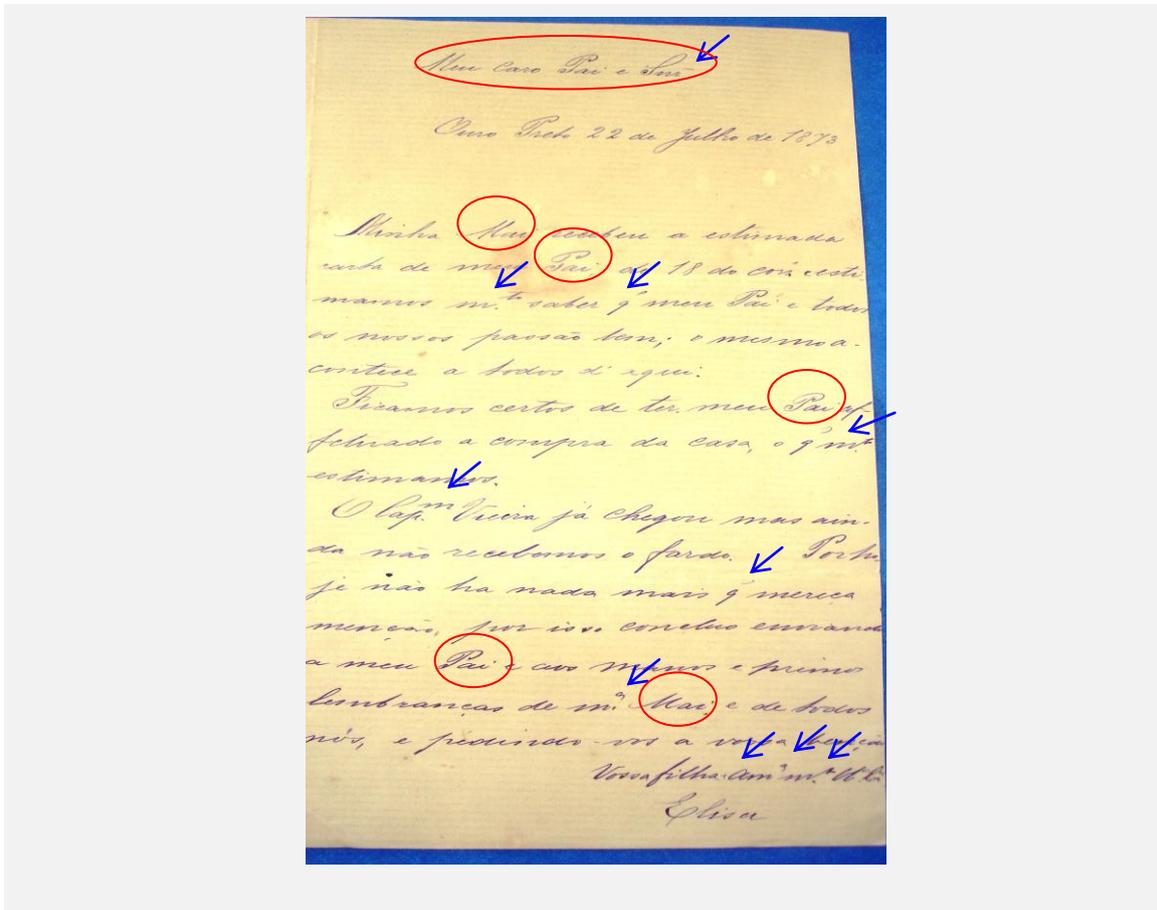
Percebe-se nesta breve leitura a ocorrência e a recorrência de várias não-conformidades paleográficas, assinaladas com setas alusivas ao erro: (i) o “d” virado; (ii) o uso excessivo de reduções e abreviaturas; (ii) o espaçamento reduzido entre palavras, causando o efeito de rebuscamento da escrita; (iii) o uso de maiúsculas no meio da sentença; (iv) o uso de minúsculas indevidas (por exemplo, em nomes próprios). Não há, nesta análise nenhum juízo de valor, tal como dizer que a caligrafia de Marianna Angélica é “boa” ou “ruim”; ou se é “correta” ou “equivocada”; pretende-se apenas mostrar *como* Angélica escrevia; observe-se outra escrita na próxima amostra:

¹⁷⁵ O termo *mise-en-page* veio das noções pragmáticas de MARQUILHAS, Rita. Conceitos de Pragmática Linguística na *mise-en-page* do texto escrito. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fabesp, 2005, p. 83.

¹⁷⁶ APMFARP. Notação Cx. 3, série 4, Diversos, pacotilha 2. Carta de Marianna Angélica da Conceição; para Augusto José da Silva; de Itaverava (MG); 08/03/1876

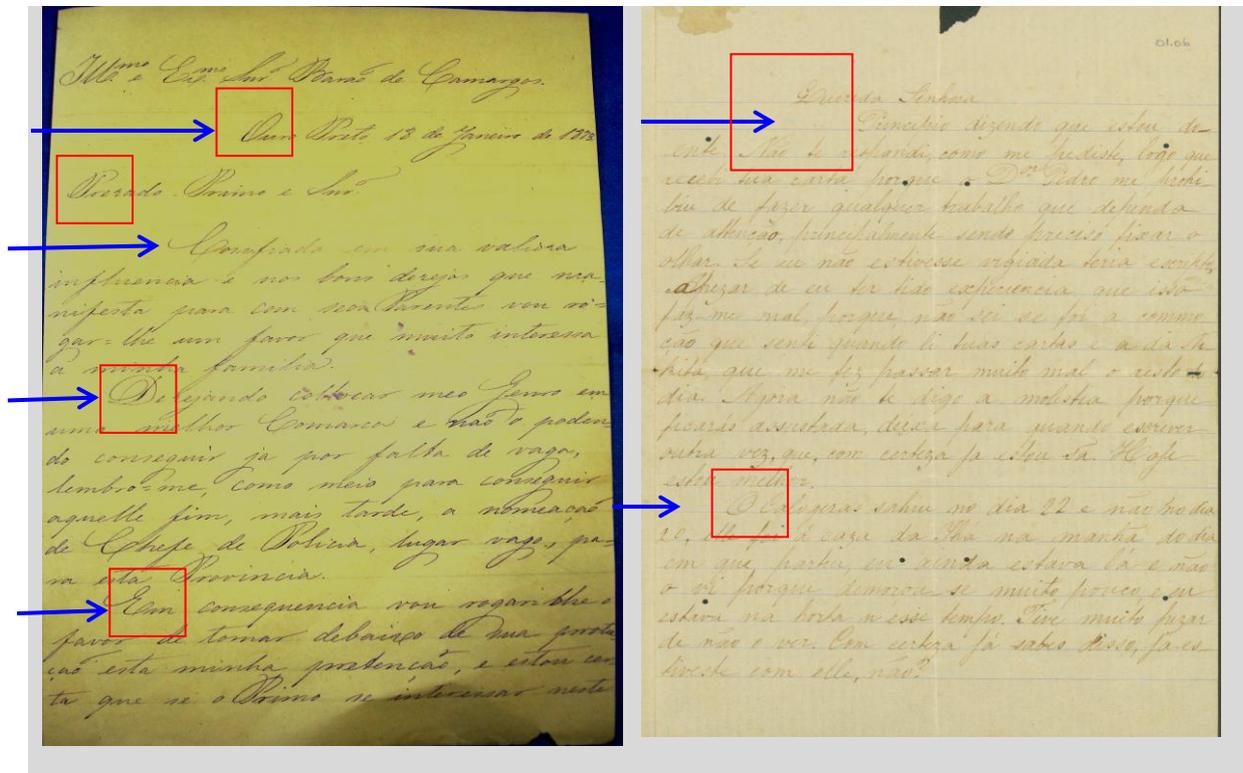
práticas de cursividades diferentes; dir-se-ia que Francisca encontra-se paleograficamente mais atualizada do que Marianna. Analise-se o caso de Elisa:

FIGURA 28 - Carta-exemplo III (*mise-en-page*)¹⁷⁸



Fora o automatismo das reduções, o “estilo” de Elisa neste quase bilhete funciona paleograficamente; ou seja, tal escrita está atualizada, segundo as lições de BPR e do *Curso Graduado*; percebe-se a reverência à figura do pai e da mãe como o uso de maiúsculas nos vocativos; percebe-se que apesar de sugerir uma escrita apressada, do pouco assunto aludido, a missivista tem um padrão muito próximo das lições caligráficas, a julgar ao menos o “desenho” das letras, sobretudo as maiúsculas; percebe-se a preocupação com o parágrafo, com a frase, com a oração. Tal esforço não aparece nas amostras de Francisca ou de Marianna. Analisando a série, como um todo, percebe-se claramente que o “desenho” das letras maiúsculas capitulares incidirá diretamente na “arquitetura” das cartas, causando um efeito de razoabilidade e zelo caligráfico, muito próximas, ademais, da escrita tipográfica dos livros de romances, conforme se pode observar nas seguintes amostras:

¹⁷⁸ AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira; para seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG) 22/07/1873

FIGURA 28 - Cartas-exemplo IV (*mise-en-page*)¹⁷⁹

3.3.5. Apelidos, vocativos e diminutivos

Nesta seção analisa-se outro tipo de automatismo missivista: o uso dos apelidos, diminutivos de família e formas de referências a pessoas, que são, sem dúvida, expedientes bastante pronunciados nas cartas das mulheres¹⁸⁰ a ponto de serem identificados - em algumas cartas - imediatamente a uma *leitura flutuante*. Permite-se começar pelas mulheres mais moderadas, neste aspecto, para ampliar a discussão no final desta seção.

Maria Leonor, por exemplo, é econômica em apelidos familiares; aos filhos trata pelo prenome: Fernando, Francisca, Lourenço, Elisa, etc. Refere-se a eles genericamente,

¹⁷⁹ AHMI / FBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Joanna Perpétua de Oliveira Santos; para Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; prima do Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG); 18/01/1873; APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 06 de 08], op. cit.

¹⁸⁰ Ver, p. ex., as cartas das filhas de Karl Marx em PERROT, 2005, op. cit., loc. cit.; há referências nestas cartas aos apelidos inclusive dos gatos e cachorros de uma típica família burguesa na França finissecular oitocentista; no caso, o famoso patriarca e suas três filhas não diferem em termos de demonstrações de respeito e apreço de nenhuma outra família no final daquele século; sobre nomes e apelidos, ver LEVI, 2000, op. cit. p. 186 et seq.

sempre na forma possessiva *nossos meninos*, como a conversar com seu interlocutor distante - Manoel seu marido. Poder-se-ia destacar esta escrita próxima da oralidade, da intimidade requerida entre marido e mulher.

O mesmo acontece com relação aos irmãos: Maria Leonor sempre antecede a escrita das referências a eles com um carinhoso “mano” ou “mana”;¹⁸¹ parecerá aos leitores uma forma bastante informal na escrita comedida desta matriarca, mais do que, por exemplo, a grafia “irmão” ou “irmã”, bem mais informais; poder-se-ia inferir que os laços de fraternidade permitem-lhe tal “liberalidade”; porém esta espécie de “concessão” em Maria Leonor é um dos aspectos mais pronunciados das escritas do feminino. Percebe-se isto quando analisamos os tratamentos a outras pessoas agregadas ou próximas do núcleo familiar burguês: amigos, parentes, compadres, etc. Usualmente Maria Leonor chama os parentes pelo sobrenome precedido por um artigo definido [o Baeta; o Primo Fernando, etc.]¹⁸² e antecede os compadrios com as reduções comp^e [compadre Joaquim Baeta] ou comd^e [comadre Ana].

Estes vocativos estão carregados de um carinho respeitoso,¹⁸³ como a estabelecer ao mesmo tempo a posição relativa e o papel de cada personalidade citada na escala de apreciação da matriarca. Este tipo de escrita aparece com mais realce nos tratamentos dispensados ao marido: “meu esposo do coração”, repete em várias cartas endereçadas ao marido; ou ainda, nos protocolos finais, “sua esposa do coração”; o detalhe: sempre reduzindo o termo “coração” [C.], como se fora um excesso dizê-lo numa simples carta. Claro: Maria Leonor também utiliza diminutivos, como procedem todas as missivistas da série [“Toniquinho”, “Tonico”, “Anita”, “Maricota”]; mas a marca da matriarca é a parcimônia no escrever e se referir a pessoas de dentro e de fora do núcleo de intimidade familiar.

Elisa acompanha o estilo discreto da mãe; pai e mãe são tratados sempre na forma possessiva *Meu Pai, Minha Mãe*; para seus irmãos repete a forma de tratamento da mãe [Mano Lourenço; Mano Antônio Pedro], sempre uso de letras maiúsculas para os termos pai, mãe, mano, mana. Mas, a relação a *sua posição* relativa na família é realçada nas cartas que escreve a seu pai, a maioria da subsérie; Elisa sempre repete a fórmula protocolar “Meu prezado [ou prezadíssimo] *Pai e Senhor*” [grifos nossos], inferindo e demarcando, ao mesmo tempo, sua posição de filha respeitosa diante da figura do patriarca. Interessante observar que Elisa escreve várias de suas cartas para sua mãe [minha mãe manda dizer..., minha mãe pede

¹⁸¹ AHMIFBC. 08/01/1873, op. cit.; AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Papagaio, 18/02/1873

¹⁸² AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Ouro Preto, 14/05/1873

¹⁸³ Cf. algumas questões de distância respeitosa e familiaridade em cf. BOURDEIU, 1983, op. cit. p. 94-99

para dizer..., etc.].¹⁸⁴ Ou seja, serve de interlocutora ou como tradutora na “conversa” dos pais, sobre variados assuntos, inclusive dos negócios da família. Francisca e Maria Leonor [filha] repetem o mesmo estilo da irmã Elisa, com relação ao tratamento, vocativos, referências e reverências a pessoas;¹⁸⁵ percebe-se aqui os mesmos procedimentos e protocolos, sobretudo em relação aos pais, irmãos e parentes próximos. Isto não que dizer que individualmente não tenham um estilo próprio, que não detectar-se-ia idiossincrasias epistolares, por assim dizer, mas que há uma linha de conduta, uma etiqueta missivista, uma linha imaginária da qual não se afastam e procuram sua referência para equilíbrio.

Presume-se que tal “equalização” de estilos se deve, presume-se, ao compartilhamento da escrita, ou seja, ao ditado da mãe para a escrita das filhas ou das filhas para a escrita da mãe, ou das irmãs para a escrita da irmã; isto aparece nitidamente nas recomendações nos protocolos finais [“todos pedem a benção”; “lembranças de minha Mãe e de todos nós, pedindo-vos a vossa benção”, “mandam recomendações a...” etc.].¹⁸⁶ Aparece como adendos, recados, aposições, co-endereçamentos, etc. Objetar-se-ia com certa razão que tais protocolos podem parecer apenas por formalidades missivistas, nos modos automáticos de dizer e escrever, como fórmulas sociais padronizadas na escrita; considere-se que a escrita da carta é um evento conhecido por várias pessoas da família, inclusive no momento de sua execução, o que permite pensar no cultivo de um procedimento diga-se “familiar”. Maria Leonor sabe que Elisa pretende escrever ao esposo; Elisa, por sua vez, responde a última carta do pai a sua mãe para esta; Maria Leonor [filha] sabe que Elisa escreve e decide escrever também, para não parecer relapsa com as coisas e negócios da família; e assim por diante. Este “protocolo familiar” tende a ser ainda mais comedido e discreto, e menos íntimo, portanto, nas cartas endereçadas ao Barão e à Baronesa de Camargos pelas parentes mais afastadas neste núcleo mais ampliado, suas primas por exemplo, que em geral escrevem cartas para agradecer ou pedir favores, excluindo-se quase completamente o uso de vocativos e tratamentos mais afetuosos, como apelidos e diminutivos; é o caso das cartas de Isabel

¹⁸⁴ AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira, ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Papagaio, 28/02/1873; AHMIFBC. 03/03/1873, op. cit.

¹⁸⁵ AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Francisca Teixeira Baeta [...], ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Papagaio (MG), 01/03/1873; AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor [filha] [...], ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Papagaio (MG), 27/07/1873

¹⁸⁶ AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira, ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Ouro Preto (MG), 04/06/1873

Oliveira, Joanna Perpétua, Francisca Benedita Duarte.¹⁸⁷ Aqui são entram o excelentíssimo senhor, o título do baronato, as medidas nobiliárquicas de praxe.

Observe-se outro fator bastante relevante para a análise deste aspecto: a idade das missivistas por ocasião da escrita das cartas. Isabel e Francisca agradecem a pensão [ou “esmola” no dizer da época] recebida pela família do Barão; presume-se idades provectas a julgar a necessidade de auxílio pecuniário do parente mais abastado. Joanna pede uma “colocação” para o genro, inquirindo o Barão sobre cargos vagos na chefatura de polícia em qualquer lugar da província; ou seja, já é ela própria matriarca de sua própria família. São mulheres maduras, vividas, na época.

Veja-se que o estilo reservado de Carolina Augusta, irmã do Alferes Luis Antônio Pinto, mãe do futuro político João Pinheiro da Silva [1860-1908], corresponde com este perfil de mulher missivista, com este *modus operandi*. Na ocasião da escrita de suas cartas já é matriarca, tem filho estudando no Seminário de Mariana [Joazinho] e também passa por apuros financeiros a ponto de recorrer ao irmão através de uma carta.¹⁸⁸ Repete-se aqui a mesma fórmula: apelidos e diminutivos para filhos, irmãos, pais e mães; uma leve abertura para parentes próximos; e certa reserva para os conhecidos e amigos. Maria Magdalena, sogra do alferes, desabafa: “como pode viver no mundo um mulher sem amparo com uma filha de 13 anos”;¹⁸⁹ ao que parece à época da escrita da sua série de cartas já é viúva, tendo o genro como esteio familiar e ombro a quem lamuriar suas dificuldades financeiras. Francisca de Salles, irmã do alferes, nascida em 1844, tinha cerca de 27 anos quando escreveu sua série de cartas é outro exemplo; percebe em seu estilo as mesmas reservas na referências às pessoas que cita [“Carlos”, “D. Alexandrina”; “Dr. Joaquim”, etc.]; no entanto, nos protocolos finais, encerra suas cartas com um afetuoso “sua irmã que te ama”, “(...) do coração”.¹⁹⁰ Ou seja: contém-se até o instante final, quando desaba de amores pelo irmão ingrato que não manda notícias e não lhe responde as cartas. Não se pretende dizer que com o passar do tempo e com o amadurecimento das mulheres as escritas de cartas tornam-se mais sisudas e formalizadas; apenas que nestes casos há um determinado controle emocional, ou seja, uma forma de dizer

¹⁸⁷ AHMIFBC. Carta emitida por Isabel Maria... 18/03/1873, op. cit.; idem, 20/06/1873, op. cit.; AHMIFBC. Cx. Correspondências de 1873. Carta emitida por Joanna Perpétua de Oliveira Santos, ao seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG), 10/06/1873; idem, 18/01/183, op. cit.; AHMIFBC. Carta emitida por Francisca Benedita, 15/01/1873, op.cit.

¹⁸⁸ APLMLAP. Notação LAP -2/1- doc. 21, cx.01, op.cit.

¹⁸⁹ APLMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 51, cx.04, op. cit.

¹⁹⁰ APLMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 50, cx. 04, op. cit.; APLMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 53, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG); 01/11/1873; APLMLAP. notação LAP-2/5- doc.54, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG). 09/03/1873

(e, portanto, de escrever) mais discursiva (no sentido ideológico) e literária (no sentido estilístico) de mencionar, referenciar e de reverenciar pessoas do trato social, como a separar com palavras as pessoas de dentro e as pessoas de fora da casa patriarcal.

Neste sentido, observe-se o *modus operandi* de Constância Guimarães; seu estilo de escrever chega ao ponto de ser acentuado entre as demais neste aspecto, tal é o exagero de tratamentos familiares, apelidos e diminutivos caligráficos; o fato de ter 16 anos quando escreve é um aspecto relevante; mas, considerar-se-á também a quem escreve e os assuntos que escreve para quem escreve. Em uma carta-bilhete, por exemplo, Constância utiliza 5 apelidos de família [Sinhoca; Nikita; Fanny; Luluca; Norica], além do próprio cognome Constancinha.¹⁹¹ Em outra carta não tão extensa quanto a última, cita Ihá, Caluta, Julinha, acrescentando a lista mencionada. Mas, é interessante os termos dispensados aos conhecidos fora desta órbita de intimidade: Sr. Gorceix, o Calógeras, Tia Maria, Tio J. Caetano.¹⁹²

Em resumo, Constância, em sua informalidade caligráfica, em sua escrita descompromissada com protocolos e, portanto, mais próxima da oralidade cotidiana do falar em família, sintetiza alguns procedimentos de escrita de cartas: primeiro quanto ao automatismo das reduções e dos diminutivos de nomes; nenhuma das mulheres dispensa este tipo de escrita ou deixa de citar nomes neste formato familiar e afetuoso; percebe-se apenas que umas utilizam o expediente do que outras; segundo, o uso destes dêiticos sociais de grande expressividade oral marca a posição relativa das mulheres na esfera familiar, delimitam seu espaço de atuação na família e seu lugar na sociedade. Constância escreve para suas primas, adolescentes como ela, provavelmente com o mesmo nível de instrução escolar, normalistas como ela, românticas e sonhadoras como ela; escreve sobre os rapazes que visitam sua casa, que assediam a casa das moças em idade de namorar, noivar e casar; confia veladamente seu interesse pelo Calógeras, o mais bonito deles, sem perder de vista os demais possíveis pretendentes; portanto, no seu capricho caligráfico, no seu esmero com as palavras, apreende-se que ela pretende causar um efeito, imprimir um estilo e demonstrar sua capacidade pessoal de elaborar uma escrita, sem abrir mão da intimidade familiar, de usar expressões conhecidas no âmbito de seu círculo social. Daí poder-se pontuar alguns eventos discursivos circunstanciais, em vista de tudo o que foi mencionado nesta seção, estabelecer uma espécie de *continuum tipológico* dos protocolos de tratamento mais comuns na série de cartas considerada, tomando as cartas de Constância como referência principal:

¹⁹¹ APMCG. Notação CG 1, cx.01, carta 01 de 08, op.cit.

¹⁹² APMCG. Notação CG 1, cx.01, carta 02 de 08, op. cit.

(i) *apelidos simples* [como Norica, Nikita, Fanny, por exemplo] são os protocolos para as pessoas mais próximas da família, com quem se compartilha grande intimidade;

(ii) *apelidos híbridos* [como Zizinha Marçal, Zizinha Alves, por exemplo] são os tratamentos para conhecidos, para pessoas onde se percebe uma intimidade relativa, parcimoniosa, em geral amizades próximas da família; considere-se que citar estes nomes textualmente sugere que o destinatário conhece sobre quem se fala;¹⁹³ muitas vezes, tais vocativos substituem ou complementam a informação sobre a pessoa de quem se fala: ao citar para as primas do Rio de Janeiro os nomes de Angelina Catão e Etelvina, pessoas conhecidas do núcleo familiar dos Guimarães, em Ouro Preto, entender-se-á que as leitoras das cartas conhecem Angelina Catão e Etelvina; a partir disso completa-se a informação: a primeira ficou viúva; a segunda perdeu o noivo e enlouqueceu. Da mesma forma, entende-se que Sinhoca e Nikita conhecem Zizinha Marçal e Zizinha Alves; ambas as últimas casaram-se “recentemente”, informam as cartas; do contrário poder-se-ia utilizar uma forma impessoal qualquer ou simplesmente nada dizer sobre estes acontecimentos corriqueiros pelo simples fato que o destinatário desconhece parte capital da informação: o nome usual, i. e., a identificação social da pessoa de quem se fala, neste caso o apelido conhecido por autor e leitor;

(iii) *nomes simples*, referências ao prenome e ao sobrenome da pessoa de quem se fala; é uma forma mais respeitosa e ao mesmo tempo distante de referenciar; este é o caso do tratamento entre irmãos, conforme mencionou-se anteriormente, precedido da expressão “mano”; este é caso nas cartas das jovens, também de pessoas conhecidas que orbitam o círculo da família, como os rapazes que assediam as moças em idade de casar; por exemplo Calógeras, Jaguaribe, Afonso Albino;¹⁹⁴ o Fernando não é o Fernandinho; o Antônio não é o Tônico nem o Toniquinho; esta é a distância que se pretende aludir;

¹⁹³ APMCG. Notação CG 1- Cx.01, carta 04 de 08, op. cit.; idem, notação CG 1- Cx. 01, carta 06 de 08, op. cit.; idem, notação CG 1- Cx. 01, carta 07 de 08, op. cit.

¹⁹⁴ APMCG. Notação CG 1- Cx.01; carta 05 de 08, op. cit.; idem, notação CG 1- Cx. 01, carta 08 de 08, op. cit.; Afonso Albino é a forma de Constancia referir-se a Afonso seu primo, Alphonsus de Guimaraens, o poeta simbolista

(iv) *nomes simples precedidos por vocativos profissionais* com referência a uma atividade específica, como Dr. Paulo, Pe. Cândido, Dr. Joaquim; é muito comum encontrar-se este tipo de tratamento nestas cartas pessoais; estas pessoas frequentam a casa e o cotidiano familiar, ou seja, participam da vida íntima das missivistas, como é o caso dos médicos e dos padres; o Dr. Paulo assiste Constância em seus espasmos da tuberculose; o padre assiste Maria Magdalena em seus achaques espirituais; e assim por diante; da mesma forma, infere-se, os destinatários parecem conhecer de quem se fala; ou seria inútil e desnecessário mencioná-los;

(v) *títulos nobiliárquicos*, como Barão de Camargos; este tipo de tratamento é dispensado em família, como percebe-se nas cartas de Maria Leonor, Elisa e suas irmãs; mas aparece necessariamente nas cartas das parentes pedindo favores, como é caso das primas Isabel e Joanna Perpétua; neste caso, há uma posição relativa da mulher de dentro e de fora da família aristocrática em relação a figura do patriarca; isto é, as formas de tratamento mudam conforme afastam-se as relações sociais da órbita do *pater familias*;

(vi) *diminutivos* como Julinha, Tônico, Chiquinha, aparecem afetuosamente em várias passagens das cartas; é um expediente bastante comum nas cartas das mulheres desta série, dir-se-ia um *automatismo epistolar* originado da fala cotidiana, dos modos de conversar em família, dos diálogos no reduto da intimidade cotidiana, nas cozinhas entre quitandas e cafés, entre pessoas que, presume-se, respeitavam-se afetuosamente; este tipo de tratamento fraterno implica na grande carga de oralidade e é isso que interessa a este estudo; não dir-se-ia que pesquisadores *conteudistas* ignoram as implicações destes “diálogos” na forma textual.¹⁹⁵

Engana-se quem entende estas reduções como uma limitação literária; pelo contrário, tais inserções implicam num ritmo textual diferente, numa performance, num

¹⁹⁵ “Titília” e “Demonão” e, principalmente, os modos que ambos referiam de si para si na intimidade (alocuções, vocativos, etc.), são objetos de investigação acadêmica, de trabalhos como o de SOTO, 2007, op. cit., p. 130-138; ver também em GALVÃO; GOTLIB, 2000, op. cit., em particular o ensaio de Flávio Aguiar para as cartas de D. Pedro I e da Marquesa de Santos, p. 101-111.

andamento discursivo bastante particular, como uma impressão digital ou como uma marca pessoal que o autor acrescenta ao *seu texto*. Considerando-se a sequência pessoal de cada missivista em relação aos vocativos, apelidos e diminutivos que emprega a cada seção de escrita, jamais encontrar-se-á um padrão ou uma explicação razoável para estes expedientes, não mais, como fez-se aqui, que sugerir um *continuum tipológico* onde caberiam infinitas composições e possibilidades. Por outro lado, não considerar estas implicações do texto indica menoscabo com a origem da palavra escrita, ou seja, com a fala de todo dia;¹⁹⁶ implica em desconsiderar que a fala resulta o texto e que o texto resulta a fala, numa relação quase infinitesimal, conforme ensina Walter Ong.¹⁹⁷

3.3.6. Dêiticos ilocutórios

Entenda-se por dêiticos ilocutórios a pontuação textual, ou seja, as marcas que pretendem simular a fala, as pausas, os fôlegos, o andamento, a melodia do dizer oral, perdida na sua transposição textual num plano qualquer de expressão, por exemplo, no papel da carta. Refere-se aqui ao ponto [.] , à vírgula [,] , ao ponto-e-vírgula [;] , ou seja, as ilocuções mais comuns da escrita na forma de grafismos caligráficos. Na visão de Rita Marquilhas, estes dêiticos se ampliam a uma leitura pragmática, conforme observa-se no quadro:

TABELA 3 – Proposta de Rita Marquilhas para a identificação de dêiticos na *mise-en-page*¹⁹⁸ do texto escrito:

<i>Mise en page</i> (elementos gráficos)	Pragmática (conceitos linguísticos)
espaço branco, parágrafo, colunas, linha, entrelinha, página, margens, cabeçalho, rodapé, índice, número das páginas e das notas, título;	dêixis discursiva (textual);
aspas, itálico, negrito, maiúsculas, travessão, pontos de interrogação e de exclamação, reticências;	atos ilocutórios;
menção do nome do autor; assinatura, rubrica, nome do destinatário;	dêixis pessoal;
data;	dêixis temporal;
local: editor;	dêixis espacial (local);
fórmulas de endereço e de despedida, presença/ausência de rasuras, materialidade do suporte	dêixis social
figuras, nomes/assinaturas das testemunhas, citações.	dêixis circunstancial (nocional, modal)

¹⁹⁶ Cf. EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. São Paulo: Martins fontes, 2001, p. 1-22.

¹⁹⁷ ONG, 1987, op. cit., p. 17-19; 86-87

¹⁹⁸ MARQUILHAS, 2005, op. cit. p. 83.

Numa visão mais ampliada dir-se-ia que o termo deixis ilocutória corresponde a todo sinal de pontuação utilizado em língua portuguesa escrita formal, que é, conforme mencionou-se aqui, o código da linguagem da série de cartas em estudo. Em que isto implica nos resultados de nossas explicações? Considere-se um exemplo: Ucy Soto, em seus estudos sobre as alocações e tratamentos em cartas pessoais, utiliza a seguinte passagem nas cartas de Bárbara Ottoni: “*tenho uma criada que disse que sabia fazer tudo que eu mandasse ela fazer então perguntei e Pão doce você sabe fazer sei então mando todos os sábados fazer*”¹⁹⁹ Este é, segundo a pesquisadora, o linguajar doméstico da avó oitocentista; observe-se esta passagem: “tenho uma criada quer disse que sabia fazer tudo que eu mandasse ela fazer. Então perguntei: E pão doce? Você sabe fazer? Sei [respondeu ela]. Então mando todos os sábados fazer.” Na primeira passagem temos uma transcrição da carta de Bárbara; na segunda passagem temos a hipótese de Soto sobre o escrito de Bárbara, que é o mais aproximado da razoabilidade do texto em termos de coerência e coesão.²⁰⁰ É nesse sentido que os dêiticos ilocutórios são essenciais neste estudo: para apresentar uma hipótese sobre o escrito, entendendo, como Mario Perini que a gramática nada mais é que uma descrição, que uma teoria sobre o texto escrito.²⁰¹ Observe-se um exemplo paleográfico prático; primeiro a hipótese:

Joãozinho Deus vos abençoe.

Jequery, 20 de julho de...

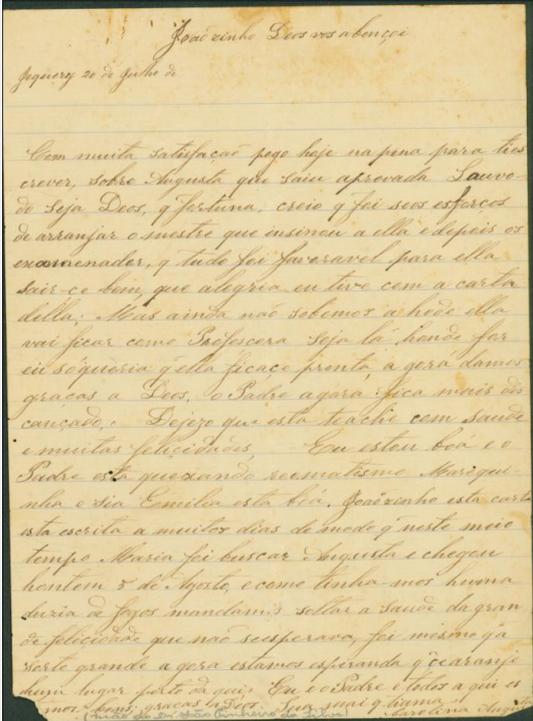
Com muita satisfação, pego hoje na pena para ti escrever sobre Augusta que saiu aprovada, Louvado seja Deus, que fortuna! Creio que foi seus esforços de arranjar o mestre que ensinou a ela e depois os [ilegível], que tudo foi favorável para ela sair-se bem; que alegria eu tive com a carta dela. Mas, ainda não sabemos aonde ela vai ficar como professora. Seja lá onde for, eu só queria que ela ficasse pronta. Agora, damos graças a Deus, o Padre [Pai] agora fica mais descansado. Desejo que esta [carta] te ache com saúde e muitas felicidades. Eu estou boa e o Padre [Pai] está [se] queixando [de] reumatismo. Mariquinha e tia Emilia estão boas. Joãozinho, esta carta está escrita a muitos dias, de modo que neste meio tempo Maria foi buscar Augusta e chegou ontem, 5 de Agosto; e como tínhamos uma dúzia de fogos, mandamos soltar à saúde da grande felicidade que não se esperava; foi mesmo que a sorte grande; agora estamos esperando que se arranje hum lugar perto daqui. Eu e o Padre [Pai] e todos aqui estamos bons, graças a Deus. Sua mãe que te ama,
Carolina Augusta²⁰²

¹⁹⁹ SOTO, 2007, op. cit., p. 173-175.

²⁰⁰ Trata-se de uma questão de lógica, base da filosofia, a construção de argumentos sobre o escrito; frases exprimem pensamentos, são proposições, expressões que não implicam em juízos de verdade (verdadeiro/ falso), mas em fazer sentido, ser coerente, não absurdo; para isto ver MURCHO, Desidério. *Introdução á Lógica*. Ouro Preto: IFAC/UFOP, s.d., p. 1-29, no prelo; MARCUSHI, 2008, op. cit. p. 93-127.

²⁰¹ PERINI, Mário. *Princípios de linguística descritiva*. Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 31; ou seja, “a função da hipótese é fornecer uma imagem compacta da língua, de maneira que se possa, *até certo ponto*, prever o que os falantes aceitam e o que eles não aceitam” [grifos nossos].

²⁰² APMLAP. Notação LAP-2/1- doc. 55, Cx.01, op. cit.

FIGURA 30 – Transcrição de uma carta de Carolina Augusta (*mise-en-page*)


Joaõzinho Deos vos abençoi

Jequery, 20 de julho de

5 Com muita satisfação pego hoje na pena para ti es
crever, sobre Augusta que saiu aprovada Louva-
do seja Deos, q' fortuna, creio q' foi seus esforços
de arranjar o mestre que inseriu a ella e depois os
[ilegível], q' tudo foi favoravel para ella

10 sair-ce bem, que alegria eu tive com a carta
della; Mas ainda não sabemos a hode ella
vai ficar como Profesçora Seja lá honde for
eu só queria q' ella ficasse pronta, agora damos
graças a Deos, o Padre agora fica mais dis-
cançado. Dejezo que esta te ache com saude

15 e muitas felicidades, Eu estou boá e o
Padre esta quexando reomatismo Mariqui-
nha e tia Emilia esta boá. Joaõzinho esta carta
esta escrita a muitos dias de modo q' neste meio
tempo Maria foi buscar Augusta e chegou

20 hontem 5 de Agosto, e como tinha-mos huma
duzia de fogos mandamos soltar a saude da gran-
de felicidade que não se esperava, foi mesmo q' a
sorte grande agora estamos esperando q' ce aranje
hum lugar perto daqui. Eu e o Padre e todos aqui

25 es[...]mos bons; graças a Deos Sua mai q' ti ama
Carolina August^{ta}

Temos aqui uma transcrição paleográfica, ao rigor das lições de Román Blanco, de Ana Berwanger e de Jose Eurípedes Leal.²⁰³ Perceba-se duas operações neste esforço de transcrição: a leitura inicial propriamente dita e a interpretação textual/transcritiva que resultam na terceira operação, isto é, uma hipótese sobre o texto. Como se percebe, trata-se de uma “conversa” entre mãe e filho, *por escrito*; do ponto de vista da hipótese, ou seja, depois de uma atualização do escrito, temos a nítida impressão das modificações da linguagem, a despeito de qualquer juízo de valor gramatical, semântico, lexical. Observe-se que na primeira operação temos uma noção vaga de como Carolina Augusta escrevia; esta mesma noção nos sugere que tal escrita literal encontra-se muito próxima de como Carolina Augusta falava no cotidiano, assim como Bárbara perguntava a sua criada sobre a receita do pão doce.

Considere-se que na hipótese incluiu-se, a pretexto de uma interpretação [ou de uma tradução, diga-se] vários dêiticos ilocutórios: vírgulas, pontos finais, ponto-e-vírgulas, exclamações, reticências, e assim por diante. Poder-se-ia inferir, neste sentido, que a forma da escrita de Carolina Augusta não é literária, pelo menos ao gosto de uma escrita literária. Mais:

²⁰³ BERWANGER; LEAL, 2008, op. cit., p. 104-120; BLANCO, 1987, op. cit., p. 19-22

poder-se-ia inferir que Carolina pretende fazer-se entender, tem necessidade de dizer algo, como qualquer conversa entre mãe e filho; esta necessidade veio dos resultados dos exames para professora em que sua filha, Augusta, foi aprovada; que tal intento foi obtido, uma vez que sua escrita é inteligível, decodificável, apreensível, com alguma dificuldade para o padrão estético-formalista contemporâneo.

Por um lado temos a perda que é apenas uma noção aproximada *sobre como* estas mulheres escreviam [e falavam, conseqüentemente, num sentido mais amplo]. Esta perda vem em parte das atualizações, das traduções sucessivas do escrito, conforme comentou-se aqui há pouco. Atualização de quem lê e de quem escreve, diga-se a propósito; por outro lado, temos a sublimação [ou racionalização, melhor seria dizer] do escrito que são as transformações sucessivas que a linguagem escrita acumuladas no decorrer do tempo; uma delas é o domínio dos dêiticos ilocutórios que é um aspecto essencialmente histórico e diz respeito às técnicas e tecnologias do escrito.²⁰⁴ Maria Magdalena, por exemplo, domina melhor esta técnica caligráfica, apõe vírgulas sobejamente, domina os pontos razoavelmente, conforme se percebe em sua escrita, mesmo que às vezes apressada ou despojada.²⁰⁵ Mas fica nas vírgulas e pontos. Maria Ideltrudes, ao contrário, emprega grande esforço pessoal para pontuar seus escritos; assim apõe interrogativas, várias, dizendo-se, entre modesta e irônica, não saber escrever tão bem quanto o irmão e tomando ela, como diz, as iniciativas de romper o silêncio da falta de notícias em família.²⁰⁶ Ideltrudes provoca. Cobra atitude do homem referência da casa, o patriarca, ou substituto dele como parece o caso, perquire acintosamente, daí as interrogativas. Em geral, as mulheres dessa família têm essa atitude: são viúvas como Ideltrudes, filhos para criar, moram longe da cidade natal, longe dos irmãos a quem poderiam recorrer nos apertos do cotidiano. Precisam dizer isso em cartas; e dizer isso requer cuidados, escolhas de palavras, modulações, cadências, ritmos, jeitos; percebe-se isso, mesmo sem as pontuações ilocutórias necessárias, *na perspectiva da atualização do escrito*. Isto não significa que as mulheres escrevem cartas como falam no cotidiano. Em várias cartas percebe-se a diferença entre *saber* e *saber-fazer*. Poucas delas dominam plenamente esta estratégia; é o que se infere ao transcrever as seguintes passagens, sem atualizar o escrito (pede-se atentar apenas para o objeto em foco):

²⁰⁴ Cf. ONG, 1987, op. cit., p. 81- 116 [ver cap. *La escritura reestructura la conciencia*]; cf. também, a propósito da história da linguagem BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Ed. UNESP, 1995, p. 9-49; ver também BURKE, Peter; PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem* (orgs.). Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Ed. Unesp, 1993, p. 13-37.

²⁰⁵ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 51, cx.04, op. cit.

²⁰⁶ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 38, cx.04, op. cit.

Não te assustes mais com a minha molestia, que foi uma cousa atôa: tive uma congestão pulmonar, e bem sabes que essa doença só tem perigo logo que attaca. Já não lanço mais sangue. Lançar sangue, propriamente, foi só duas vezes: uma logo que adoeci e outra no dia em que recebi a tua querida carta; fora disto só algumas golfadas ou escarros, isso mesmo já há seis ou sete dias que não tenho mais nada, só uma tosse muito amoladora.²⁰⁷

(...) Mas não quero estender-me á esse respeito, isto é somente para dar-te numa notícia do Calógeras. Elle veio aqui com o Jaguaribe para me convidarem á assistir ás festas. Está cada vez mais bonito e o Jaguaribe mais sympathico (não se pôde dizer que esta creatura é bonita). Mamai achou-os muito distinctos (não como Nikita acha).²⁰⁸

O mano Fernando recebeu hontem a nossa carta de 10 q' m^{to} apreciamos por saber q' meu Pai e todos os nossos passão sem novida[de]; o q' tambem nos acontece. Tivemos aqui a Procissão de Corpo de Deus, a qual este bem boa. Hoje é o casamento da Neta do Paula Santos com o Dr. Carlos Affonso. Minha Mai manda diser a meu Pai q' os Jornaes das Familias estão nos fasendo falta. (...) ²⁰⁹

Faço esta apreçadamente não só p^{ra} saber da sua saude e do Antonico, como tambem para ti emviar esta *receita* p^a voçe me mandar o remedio, ja tomei uma garrafa e melhorei muito m^s o encomodo esta voltando p^r isso quero repetir;²¹⁰

Eu estou passando como Deos é servido: com bem pouca saúde, e obrigada a trabalhar dia e noite nas costuras q' e só do q' vivo, e aqui não da nada, e havendo aqui grande carestia acho-me endividada e sem meio algum de poder pagar. Sei que m^{to} me tens valido mas aonde eide procurar abrigo senão em um irmão q' sempre tem sido bom pa mim e assim espero me mandará um pequeno socoro então apertada occasiao.²¹¹

Pode-se perceber nestes fragmentos a atração do texto para quem examina as cartas como *representação* e para quem as aprecia como *objeto*. Independentemente do conteúdo, identifica-se nesta amostra diferentes níveis de domínio sobre as tecnologias caligráficas de simulação da fala, do dizer oral. Estas tecnologias são os dêiticos ilocutórios, a pontuação, o uso de vírgulas, pontos, ponto-e-vírgulas, dois-pontos, aspas, parênteses, colchetes, etc. Numa perspectiva não-conteudista, não-contextualista, tais marcas textuais só poderão ser identificadas no documento original, no arquivo, ao tato, *in loco*. Desta forma - se assim não foi feito - pode-se retornar ao texto, como orienta-nos Laurence Bardin,²¹² e iniciar uma *segunda leitura* e analisar os hábitos, as formas de registrar a escrita no papel. Sem dúvida, a partir daí, poder-se-á ter uma ideia aproximada de como as mulheres escreviam cartas pessoais na segunda metade do século XIX em Minas Gerais.

²⁰⁷ APMCG. Notação CG 1- Cx. 01, carta 07 de 08, op. cit.

²⁰⁸ Idem, notação CG 1- Cx. 01, carta 08 de 08, op. cit.

²⁰⁹ AHMIFBC. Carta emitida por Elisa Malvina..., 10/06/1873, op. cit.

²¹⁰ APLM. Notação LAP-2/5- doc. 98, cx.04, op. cit.

²¹¹ APLM. Notação LAP-2/5- doc. 89; cx. 04, op. cit.

²¹² BARDIN, 2009, op. cit, loc. cit.

4. VONTADES DE DIZER

4.1. REPRESENTAÇÕES DO DIZER ESCRITO

Chega-se neste ponto da monografia ao limite da materialidade e da prática da escrita texto propriamente dita; ou seja, na interface da carta pessoal como *objeto* e *representação*. Inicia-se aqui a primeira leitura, a mais comum. Em outras palavras, chegou-se à frase, à oração, ao sentido da escrita, à consistência do texto, à densidade, coerência e à coesão. Antes, lembrando a parábola de Pound, balbuciava-se a palavra, com num ditado. Exercitou-se os signos no seu dizer escrito. Agora pretende-se que esta palavra faça sentido entre várias outras palavras, como o aluno aplicado da ilustração aludida por Pound. Poder-se-ia avançar pelo discurso *ad infinitum*, pelos fenômenos sociodiscursivos, afastando da proposta deste estudo. Contenta-se aqui com o que o escrito tem de horizontal e objetivo ao nível de grafismo, de elaboração, de composição, de artifício.

O caminho conseqüente seria considerar os *tipos textuais*,²¹³ isto é, as seqüências composicionais do texto, as narrativas, as explicações, as argumentações, as injunções. Entende-se que este tipo de análise também faz parte das intenções e vontades de dizer, mas que implicam em operações bem mais complexas, conforme demonstram os estudos e representações de Jean Michel-Adam,²¹⁴ de Jean Paul Bronckart²¹⁵ de Dominique Maingueneau.²¹⁶ Pretende-se dizer com isso que a partir deste ponto começam a prevalecer operações psicológicas cada vez mais complexas e menos mecânicas como, p. ex., escolher melhores palavras, sinonímias, antinomias, testes, antíteses, flexionar verbos, substituir pensamentos, fazeres e refazeres do escrito. Neste momento do escrito, o “eu” explícito presente em qualquer enunciado perderá sua força, tenderá a “impessoalizar-se”, “esconder-

²¹³ Não se confunda *gênero*, *domínio*, *seqüência* e *tipo* textual; o *gênero* tem relação com o suporte da escrita, isto é, a *media* utilizada [carta, telegrama, email, livro, artigo científico, etc.]; o *domínio* tem relação com o uso social do texto [religioso, político, científico, filosófico, filosófico, etc.]; o *tipo* tem relação, como se disse, ao efeito pretendido pelo produtor do texto [narrar, explicar, argumentar, dialogar, etc.]; sobre isto cf. MARCUSHI, 2005, op. cit., p. 19-36; cf. também BRONCKART, 2003, op. cit., 72-77.

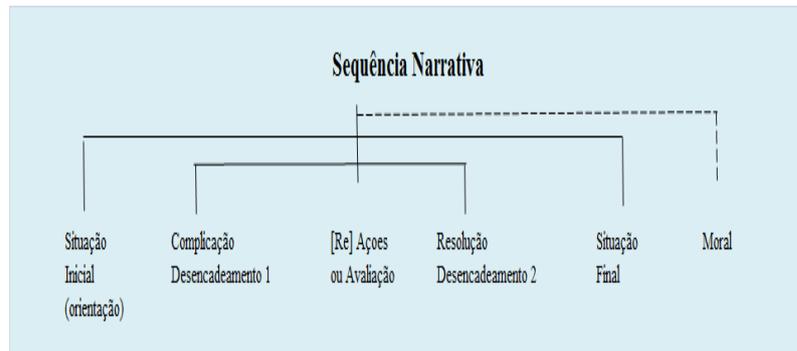
²¹⁴ BONINI, Adair. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 208-236.

²¹⁵ BRONCKART, idem, ibidem; MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, idem, p. 237-259.

²¹⁶ FURLANETTO, Maria Marta. Gênero de discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, idem, p. 260-281.

se” no discurso do escrito.²¹⁷ Estará sujeito, em outras palavras, aos contextos, às implicações sociodiscursivas das circunstâncias externas do escrito. Veja-se, como ilustração, uma sequência que compõe o tipo narrativo de composição textual narrativo:

FIGURA 31 – Sequência narrativa, segundo Adam²¹⁸



Percebe-se nesta sequência que várias operações mentais intermediárias que são encadeadas a partir de uma situação inicial, até uma solução final. A *coerência* do texto como conjunto dependerá de quão coesa for a composição deste texto – sentença, frase ou oração.²¹⁹ É neste nível do texto que o discurso aparece, ou seja, no nível ideológico da escrita, na escrita primária, aquela que ocupou os estudos de Bakhtin e que fundamentam a o pensamento linguístico desde então.²²⁰ Isto significa: encontrar-se-á no discurso a persuasão, os simulacros, as tentativas de dizer outra coisa além da coisa, e também as primeiras falsificações, cópias e repetições, as primeiras estratégias de convencimento.²²¹ Observe isso, também na sequência argumentativa proposta por Michel Adam:

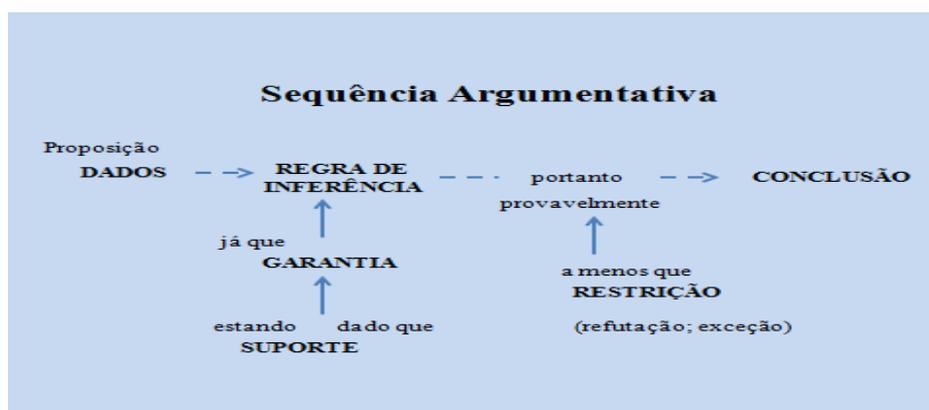
²¹⁷ BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Trad. Maria Glória Novak; Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005, p. 284-293; O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-90.

²¹⁸ Apud BONINI, 2005, op. cit., p. 222.

²¹⁹ Cf. BRONCKART; MARCUSCHI, EUNAUDI, 1987, op. cit.

²²⁰ Cf. BAHTKIN, Mikhail (V. VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da linguagem. 3. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 31-38; ver também as ponderações sobre a filosofia da linguagem do chamado *Círculo de Bakhtin* em FÁRACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogos: as idéias linguístas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 99-157.

²²¹ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Lisboa: Relógio D'Água, 2000, p. 419 et seq.; ver também prefácio de José Gil, p. 9-29

FIGURA 32 – Sequência argumentativa, segundo Adam²²²

Em todo caso, o que está em curso é a construção do discurso. E o discurso, sabe-se disso a partir dos conteúdos das cartas mencionados nesta monografia, são construídos pelas intenções de dizer o escrito. É o que sugere a seguinte esquematização:

TABELA 4 – Os tipos textuais, segundo Anna Rachel Machado²²³

Tipos	Efeito pretendido
Descritivo	Fazer o destinatário ver <i>em pormenor</i> elementos de um objeto de discurso, conforme a <i>orientação dada a seu olhar</i> pelo produtor
Explicativo	Fazer o destinatário <i>compreender</i> um objeto de discurso, visto pelo produtor como incontestável, mas também como de difícil compreensão para o destinatário
Argumentativa	Convencer o destinatário da validade de posicionamento do produtor diante de um objeto de discurso visto como contestável (pelo produtor e/ou pelo destinatário)
Narrativa	Manter a atenção do destinatário, por meio da construção de suspense, criado pelo estabelecimento de uma tensão e subsequente resolução
Injuntiva	Fazer o destinatário agir de certo modo ou sem em determinada direção

Chama-se atenção novamente para a intenção presente em todas as sequências tipológicas do texto; convencer, fazer agir, orientar, chamar atenção, criar suspense, etc. Estas “estratégias” acontecem imediatamente acima da linha do escrito e ocupam o pensamento moderno; a pergunta comum é o que o autor quis dizer quando escreveu. Esta é a ocupação teórica de Bakhtin, a escrita primária, ou seja, o nível ideológico da escrita, resultado, em certa medida, da heteroglossia e da circulação de idéias nas sociedades, nas comunidades de

²²² Apud BONINI, 2005, op. cit. p. 220; para ver as sequências descritivas, explicativas, dialogais, cf. p. 218-225.

²²³ MACHADO, 2005, op. cit., p. 246-247 [grifos da autora]; existem técnicas para a identificação destes tipos textuais; p. ex.: (i) a identificação dos tempos verbais; (ii) a identificação de dêiticos espaço-temporais; (iii) identificação de adjetivações; etc.; para isto, cf. MARCUSHI, 2005, op. cit., p. 25-29, em particular o quadro apresentado na p. 29, versando sobre os traços lingüísticos das frases e orações.

vida e de sentido.²²⁴ O resultado do escrito aparece na interface texto/discurso. Justo aqui, segundo Jean-Jacques Rousseau, a palavra enfraquece, perde sua força de significar coisas. ou seriam as coisas que se apresentam de forma violenta aos olhos de quem aprecia?²²⁵ Daí a força proporcional para convencer e dissuadir. Nisso concorda Walter Benjamin ao apontar um estado natural da palavra, *adamítico* no seu dizer, isto é, uma forma original de *apreciar* as coisas do mundo.²²⁶ Esta perda irrecuperável, segundo a arqueologia dos saberes de Michel Foucault,²²⁷ resulta a representação, o discurso científico e as formas “modernas” de pensar. Por isso o abecedário fantástico de Jorge Luiz Borges surpreendeu tanto o pensador francês: a palavra afinal tem o poder de organizar, separar semelhanças, reunir diferenças, classificar e desclassificar índices, itens, coisas, simular, dissimular, esconder vestígios.²²⁸ Esta é, afinal, uma forma original de apreender a palavra.

Neste sentido que um pessimista razoável como Ludwig Wittgenstein duvidou da linguagem, dizendo ser ela, a linguagem, uma falsificação do pensamento. Para ele, a linguagem é “um traje que disfarça o pensamento”.²²⁹ Um aforismo, uma reflexão pouco abaixo da superfície do senso-comum – e dir-se-ia, abaixo da linha do texto - derrubaria o edifício do pensamento moderno, isto ele quer dizer, ou seja, uma dúvida razoável: o escrito quer dizer o que pretende dizer?²³⁰ Podemos daqui ampliar novamente voltando a Umberto Eco, a Barthes e às cartas das mulheres mineiras da segunda metade do sec. XIX.

²²⁴ Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UNB, 1987; BERGER; LUCKMANN, 1996, op. cit.; 2005, loc. cit.

²²⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre as origens das línguas*. Trad. Fúlvia Moretto. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008, p. 111-116; ver o ensaio de apresentação *A força e a violência das coisas*, de Bento Prado Jr., p. 7-94 e entender-se-á a atualidade do discurso de Rousseau. Para este *philosophe*, “numa língua escrita são os sons, os acentos, todos os tipos de inflexões que dão maior energia à linguagem e tornam uma frase, comum em outro contexto, própria apenas ao lugar em que se encontra. As maneiras usadas para consegui-lo estendem, alongam a língua escrita e, passando dos livros ao discurso, enfraquecem a própria palavra.” [p. 116].

²²⁶ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984; ver apresentação da obra pelo tradutor, *As ideias e as coisas*, p. 13-23; cf. também nota sobre ECO, 2010, p. 55 e GOODMAN, 2006, p. 35-72, supra, item 2.1.

²²⁷ FOUCAULT, 1985, op. cit., p. 50-60.

²²⁸ Idem, *Prefácio*, p. 5-6; cf. BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; sobre isto cf. também LAROSSA, Jorge. Os paradoxos da repetição e a diferença. Notas sobre o comentário de texto a partir de Foucault, Bakhtin e Borges. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 115-145.

²²⁹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus lógico-philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Ed. USP, 2008, p. 165; encontramos-nos na instância metafísica da relação *verdade/realidade* da qual pretende-se ficar apenas na periferia; cf. para isto JACQUARD, Albert; PLANÉS, Huguette. *Filosofia para não-filósofos*. Trad. Guilherme de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 191-198; há também sérias objeções sobre a idéia que o emissor, autor, artista etc. deseja de fato fazer-se compreender; para isto cf. BENJAMIN, 2011, op. cit. p. 49-73.

²³⁰ Um renomado sociólogo contemporâneo objeta a capacidade hodierna dos cientistas sociais para elaboração de perguntas simples; por exemplo, *como escreviam?* Cf. SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência posmoderna. In: *Estudos Avançados*, vol. 2, n. 2, São Paulo, p. 46-71, mai./ago., 1988

Para Eco, os não-ditos pertencem à esfera da interpretação, do *intentio lectoris*, do *lector fabula*, das elaborações, das composições e realizações materiais do ser. Inclui-se aqui as artes, o pensamento escrito e todas as abstrações registradas ou não sobre as coisas do mundo, conforme já mencionou-se aqui a pouco. Daí não poder-se criticar ou julgar peremptoriamente a obcecada procura hermenêutica pelas intenções primeiras do autor, as *superinterpretações* [*intentio auctoris*]. A hermenêutica é o esforço de interpretação, a leitura dos ditos e não-ditos, o investimento da compreensão, o exercício heurístico de descobrir e descobrir-se, ação solitária, transcendente.²³¹ O leitor-ideal, segundo Eco, atualiza o dito, intui o não-dito, elabora hipóteses sobre esta realização, cria algo novo a partir desta reflexão solitária quando duvida, presume, teoriza a apreciação, qualquer que seja a fonte que a ele se apresenta, arte e realização.

Parece ser este também o pensamento de Barthes; quando infere que a carta de amor é *vazia* e, ao mesmo tempo, *cheia* de significados, percebe os não-ditos, intui os vazios, abre espaços para uma reflexão acima da superfície. É o que se percebe na citação que faz de Goethe: “*porque recorri novamente a escritura? Não é preciso, querida, fazer pergunta tão evidente, porque, na verdade, nada tenho para te dizer; entretanto tuas mãos queridas receberão este papel*”.²³² Com isso, não será mais preciso retomar à obsessão de Barthes, a escrita primária, a prática do escrito, o ponto zero da linguagem, o *pagus* onde todas as escritas se equivalem, da criança balbuciando e desenhando o encontro de vogais e consoantes ao grande literato envolvido com sua obra-prima, aquela que pretende imortalizar seu humano e falível nome.²³³ Resume-se aqui toda a verticalidade do estilo, da literatura e dos discursos. Mas também, a horizontalidade do escrito, da prática caligráfica, da elaboração manuscrita, da busca pelo domínio das letras e palavras da linguagem gráfica. É nesse sentido que sugere-se esta última leitura das cartas pessoais em questão, tentando responder uma questão simples, mas capciosa: existe uma escrita do feminino, no final do século XIX?

²³¹ Em história, cf. PROST, 2008, op. cit. p. 133-152; SOARES, Luiz Eduardo. Hermenêutica e Ciências humanas. In: *Estudos Históricos*, vol. 1, n. 1, 1988; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1932>; acessado em 12/07/2010; Sobre a transcendência do trabalho científico sob uma perspectiva sócio-antropológica, cf. VELHO, 1978, op. cit., p. 36-46.

²³² BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 32 [grifos nossos].

²³³ KUNDERA, 2006, op. cit., p. 135-156.

4.2. HYPOMNEMATAS E ARQUIVOS

Esquece-se por *conteudismo* ou *contextualismo* que qualquer carta pessoal como documento e expressão de si é um microarquivo; ao considerar apenas conteúdos, embaça-se visão mais ampliável: que, no nível de sua materialidade, as cartas são macrocosmos; neste sentido não há diferença alguma entre a carta pessoal e o arquivo que a preserva:

o arquivo (...) não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da própria memória. *Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior.* Não esqueçamos jamais esta distinção grega entre *mneme* ou *anamnesis*, por um lado, e *hupómnema*, por outro. O arquivo é hipomnésico.²³⁴

O que faria uma mulher como Maria Magdalena “dormir” sobre a escrita da carta, à meia-noite?²³⁵ Que necessidade teria para escrever, nestas circunstâncias? Presume-se que já teria encerrado seus afazeres diários de mulher, cerrado portas e janelas, fechado cortinas, colocado os pequenos para dormir. Imagina-se (por que não?) o silêncio da casa, o crepitar das cinzas do fogão de lenha, o ronronar dos gatos da casa. Há mais que defender ou desculpar-se pelos desaforos e faltas do filho Antônio, portador da carta que deu origem a este esforço de escrever. Sua série pode ser observada como um registro hipomnésico, assim como um diário de apontamentos daquilo que Carolina Augusta chama viver “sem novidades” ou que Francisca Salles chama de passar “na forma de costume”.²³⁶ Esta escrita permite a liberdade de, por exemplo, chamar o irmão de negligente e mesquinho,²³⁷ por seus descasos com sua correspondência particular, com os negócios de família, com a falta de atenção devida com as irmãs solitárias, casadas, viúvas, cheias de filhos para criar, desamparadas pelo destino e pela sorte.

Em todas as cartas da série encontrou-se isso, *intenções de dizer*, de registrar, de argumentar, de explicar, de narrar o cotidiano modorrento, a vida monocórdia cheia de não-novidades, sempre o mesmo ritmo, a mesma “quieteza”, algo que sexagenária Bárbara confiava ao neto Misael, “algo pior que o silêncio”. Estas cartas são, em uma palavra,

²³⁴ DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo. Uma impressão freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2001, p. 22; pergunta-se ele [p. 7-8]: “como fazer as correspondências entre o momento, o índice, a prova e o testemunho?” Esta é uma questão vital para a investigação da história.

²³⁵ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 47, op. cit.

²³⁶ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 50, cx. 04, op. cit.

²³⁷ APMLAP. Notação LAP-2/1- doc. 22, cx.01. op. cit.

hipomnematas, que são, por sua vez, nada mais que arquivos para lembrar e esquecer.²³⁸ Ocorre que os arquivos das instituições estão cheios de escritos dessa natureza, de homens, poetas, escritores, políticos, jurisconsultos, intelectuais, doutores e patriarcas. E é com estes escritos que escreve-se a história.

Explica-se assim essas pequenas memórias e escritos lamuriosos dessas *irmãs esquecidas*. Aqui a pequeno-burguesia candente finissecular não aparece tão fugaz e insípida, nem as mulheres tão submetidas ao destino que lhes é conferido como fazem crer as remissões aos hábitos refinados, rapapés e etiquetas barroquistas dos romances de época, escritos em geral por homens. Esta mulher que escreve cartas pessoais sofre, lamuria, chama atenção a si, criatura abandonada e distanciada. Carolina, Augusta, Francisca, Magdalena, Ideltrudes, todas sem exceção desabafam com o irmão que, ao que parece, se presta a “ouvi-las”. Observando assim, percebe-se as cartas como arquivos de si, objeta-se a escrita “perdida”,²³⁹ a escrita menor, dispersiva, sem conteúdos. Não é verdade. As cartas de Francisca Salles são bem esclarecedoras neste sentido. Ela diz “com minha agulha faço para comer e vestir” o que é pouco, uma miséria para uma mulher assim, cheia de filhos. Por isso, em precisa de um lugar para findar os dias de mulher e manda um portador levar uma carta pedindo “um adjutório, afim de, com menos dificuldade eu efetuar a compra da dita casa”,²⁴⁰ porque seu ingrato irmão não faz conta afinal de como uma mulher sofre neste mundo, onde Deus de tudo é servido.²⁴¹]

Um contraste enorme com as mulheres do patriarca abastado, onde o assunto preferido são os negócios da família, as realizações dos *nossos meninos* no trato com a fazenda, com os empregados, com as posses moventes e semoventes, enquanto o pai cuida da política e dos assuntos de homem público que é.²⁴² Ou ainda, com a adolescente provinciana que confia seu cotidiano interminável com as suas primas da Corte, filhas do desembargador de justiça, homem de letras e jurisprudência, primas a quem a moça tenta impressionar com sua escrita, como a equivaler-se em inteligência e capacidade, uma vez que sabe que suas cartas serão lidas e consideradas em família. Ou ainda, com as parentes mais

²³⁸ Cf. p. ex. FRAIZ, 1998, op. cit.

²³⁹ Cf. ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998

²⁴⁰ APMLAP. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG); 20/04/1877; notação LAP-2/5- doc.58 Cx.04

²⁴¹ APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 85, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Nossa Senhora do Porto (MG); 28/03/1886.

²⁴² OTTONI; OTTONI, 1979, op. cit., loc. cit.

distantes que locupletam-se da posição prestigiosa do parente mais rico para obter favores e pequenas pensões para viver. Há submissão nestas cartas, é latente; mas também muita comensalidade, histrionismo, pequenas transgressões da ordem cotidiana androcêntrica sob a qual as mulheres são .²⁴³

Fosse sintetizar o que é uma *escrita do feminino* neste período, considerando toda a série de cartas analisadas nesta investigação, considerando todas as operações textuais desde a escolha do papel, todas as estratégias de grafia, incluindo o peso da mão sobre as palavras, toda a distinção protocolar, as ornamentações manuscritas, os maneirismos e automatismos epistolares, considerando apenas a superfície do escrito, dir-se-ia que as mulheres escrevem como querem e podem escrever: reticentes, introspectivas, reservadas, econômicas com palavras, sem jamais perder a calma e a ternura de dizer.

²⁴³ Como se verá em MAGALHÃES, 2009, op. cit, loc. cit.; FREITAS; CUNHA, 2001, idem; D'INCAO, 2009, op. cit.; PRIORE, 2009, op. cit., e em muitos outros estudos da condição feminina no Brasil através dos tempos.

5. CONCLUSÃO

Procurou-se desenvolver nesta monografia uma linha, diga-se, barthesiana de pensar o escrito. Primeiro: *a palavra é violência, poder e dominação*, conforme observou-se em vários momentos da apresentação de argumentos, implícita ou explicitamente, sobretudo quando recorreu-se a esta famigerada noção de “ideologia” que circunvizinham os estudos da linguagem. Em síntese: ao criticar a palavra escrita *por escrito*, quanto não estamos reproduzindo ideologias e visões antepassadas e produzindo palimpsestos? Combater a palavra, na linha barthesiana, é desvelar-lhe os subterrâneos, os alçapões da composição, o seu “aflorar” na linha horizontal da prática do escrito, reafirmando uma velha lição de autoexpição do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, em obra supracitada: conhecer-lhes os alçapões e labirintos do grande teatro da criação literário/artística, mais aristotélica do que se pensa.

Segundo: operacionalizar a *horizontalização* da palavra escrita significa decidir-se por uma metodologia e, antes, responder pela possibilidade ou impossibilidade desta escolha. Este foi o momento decisivo: abandonar a força gravitacional, por assim dizer, da verticalidade, das literaturas, do discurso, das literaturas, o *conteudismo*, o *contextualismo*, dilemas epistemológicos que *assombram* a escrita da história, problema também colocado enfaticamente no decorrer da exposição, sobretudo no momento da escolha das fontes, do recorte espaço-temporal, dos instrumentos e aparatos teóricos adequados. Daí porque buscar respostas em semiólogos, lingüistas, filólogos, críticos literários, etc., *en passant* na verdade, reconhecendo ser este apenas o início de uma trajetória neste campo disciplinar. Este foi o limite da interpretação proposta e executada.

Terceiro: as metodologias escolhidas, o uso da paleografia e da análise pragmática do escrito, tinham um limite de aceitação, limite este estabelecido pelo início da imaterialidade da escrita. Daí porque optou-se aqui por interromper a análise no princípio da elaboração das estratégias do discurso; ou seja, a narrativa, a explicação, a argumentação, a injunção, etc.. Percebe-se a tempo que é nessa linha que trabalha o historiador, a pesquisadora média da história, na busca de eventos, acontecimentos, visões de mundo, estados de espírito, circunstâncias deste gênero. Aqui, segundo Skinner, supracitado, investiga as intenções do escrito, não como escrito ou texto, mas como discurso consolidado.

Considerando a proposta teórico-metodológica assim explicitada, poder-se-ia voltar às premissas iniciais e reescrevê-las assim:

(i) *o escrito é sempre horizontal*, levando-se em conta a sua materialidade que aparece na superfície de sua elaboração;

(ii) *o texto, o discurso, as literaturas, o estilo são verticalizações do escrito*, na medida em que estes excedem à prática do fazer escrito, isto é, do registro da palavra no seu meio físico;

(iii) *sendo horizontal a escrita do texto, as metodologias aplicáveis para a sua compreensão em sua horizontalidade deverão ser diferenciadas das técnicas de interpretação discursivas, literárias e estilísticas*; ou seja: os instrumentos teóricos abstrativos da crítica do texto, sobretudo aqueles que buscam erudição, estilo, elegância e gênio criativo não permitem apreender como são escritas as cartas pessoais das mulheres mineiras do século XIX finissecular.

É nesse sentido, concluí-se, que tais cartas pessoais podem ser apreendidas como elaborações de elevado nível de complexidade composicional, tendo em vista, principalmente, a razoável energia intelectual despendida pelas missivistas na elaboração da cursividade caligráfica, no uso de dêiticos sociodiscursivos e no uso de protocolos e expedientes socialmente preestabelecidos. Neste contexto, permita-se, o gênero “exala” suas materialidades e oralidades em diferentes modulações e ritmos discursivos, somente apreensíveis no contato direto com as fontes *in loco*, ao tato e à vista. Tais composições podem ser percebidas também como performances pessoais, como objetos de interpretação, a depender simplesmente da identificação e da aplicação rigorosa de metodologias adequadas à horizontalidade da prática da escrita.

6. REFERÊNCIAS

6.1. MANUSCRITAS

(I) ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

A - EMITIDAS POR MARIA LEONOR

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira; para seu esposo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG); 08/01/1873;

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Papagaio, 18/02/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Ouro Preto, 14/05/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondência 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Sousa; Ouro Preto, 10/06/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondência 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza. Ouro Preto, 06/07/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondência 1873. Carta emitida por Maria Leonor de Magalhães Teixeira, ao seu esposo Manoel Teixeira de Souza. Ouro Preto, 02/09/1873

B - EMITIDAS POR ELISA MALVINA TEIXEIRA

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira, ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Papagaio, 28/02/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira de Souza; para seu irmão Fernando; de Papagaio (MG); 03/03/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira, ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos. Ouro Preto (MG), 04/06/1873

AHMIFBC. Caixa Correspondência 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira, ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; Ouro Preto, 10/06/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Elisa Malvina Teixeira; para seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG) 22/07/1873

C - EMITIDAS POR MARIA LEONOR [FILHA]

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Maria Leonor [filha] [...], ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Papagaio (MG), 27/07/1873

D - EMITIDAS POR FRANCISCA BAETA TEIXEIRA

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Francisca Teixeira Baeta [...], ao seu pai Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Papagaio (MG), 01/03/1873

E - EMITIDAS POR FRANCISCA BENEDITA DUARTE

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Francisca Benedita Duarte; para seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Mariana (MG); 15/01/1873

F - EMITIDAS POR ISABEL MARIA DE OLIVEIRA CATA PRETA

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Isabel Maria de Oliveira [C.] Preta; para seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Inficionado (MG); 18/03/1873;

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Isabel Maria de Oliveira; para seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Inficionado (MG); 20/08/1873

G - EMITIDAS POR ISABEL MARIA DE OLIVEIRA

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Isabel Maria de Oliveira, prima do Barão de Camargos; para este; de Inficionado (MG), 18/03/1873

H - EMITIDAS POR JOANNA PERPÉTUA DE OLIVEIRA SANTOS

AHMIFBC. Cx. Correspondências 1873. Carta emitida por Joanna Perpétua de Oliveira Santos; para Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; prima do Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG); 18/01/1873

AHMIFBC. Cx. Correspondências de 1873. Carta emitida por Joanna Perpétua de Oliveira Santos, ao seu primo Manoel Teixeira de Souza, dito Barão de Camargos; de Ouro Preto (MG), 10/06/1873

(II) ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (APM)

FUNDO LUIZ ANTÔNIO PINTO

I - EMITIDAS POR ANA CAROLINA

APMLAP. Notação LAP -2/1- doc. 20, cx.01. Correspondência pessoal de Ana Carolina Ferreira para seu pai, Alferes Manoel Joaquim Ferreira Mendanha; Vila de Curvelo (MG); 06/10/1881

J – EMITIDAS POR MARIA MAGADALENA

APMLAP. Notação LAP- 2/5 – doc. 43, cx. 04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto, madrasta do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG); 29/01/1871

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 47, cx. 04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto, madrasta do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG); 20/06/1871

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 51, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto; madrasta do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto e para Antônio, seu filho. Ouro Preto (MG). (1871)

APMLAP. Notação LAP-2/4- doc. 52, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Magdalena de São José Pinto; madrasta do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG). (1871)

K - EMITIDAS POR CAROLINA AUGUSTA

APMLAP. Notação LAP -2/1- doc. 21, cx. 01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para [seu irmão] destinatário não identificado; Caeté (MG); 04/02/1872

APMLAP. Notação LAP-2/1- doc. 22, cx.01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para destinatário não identificado; s.l.; 1874

APMLAP. Notação LAP-2/1- doc. 23, cx.01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para destinatário não identificado. Caeté (MG); 22/08/1876

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 44, cx. 04. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, mãe de João Pinheiro, para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Caeté (MG); 02/05/1871

APMLAP. Notação LAP-2/1- doc. 55, Cx.01. Correspondência pessoal de Carolina Augusta de Moraes, para seu filho João Pinheiro. Jequery (MG); 20/07/18[--]

L – EMITIDAS POR MARIA IDELTRUDES DE MORAES

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 38, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Ideltrudes de Moraes, irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Ouro Preto (MG); 26/04/1870

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 55, cx.04. Correspondência pessoal de Maria Ideltrudes de Moraes; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Caeté (MG); 18/11/1874

M - EMITIDAS POR FRANCISCA SALLES DE MORAES PINTO

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 50, cx. 04; Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG). 06/08/1871

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 53, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG); 01/11/1873

APMLAP. notação LAP-2/5- doc.54, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Nossa Senhora do Porto (MG). 09/03/1873

APMLAP. Notação LAP- 2/5- doc.74, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto, irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Nossa Senhora do Porto (MG); 28/09/1882

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 86, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Caeté (MG); 04/08/1886

APMLAP. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Caeté (MG); 16/09/1886; notação LAP-2/5- doc. 87, cx.04

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 89; cx. 04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto. Caeté (MG); 10/06/1889

APMLAP. Notação LAP-2/5- doc. 98, cx.04. Correspondência pessoal de Francisca de Salles de Moraes Pinto; irmã do Alferes Luiz Antônio Pinto; para o Alferes Luiz Antônio Pinto; Senhora do Porto (MG); 27/04/18[--];

COLEÇÃO CONSTÂNCIA GUIMARÃES

O - EMITIDAS POR CONSTANCIA GUIMARÃES

APMCG. Notação CG 1, cx.01 [carta 01 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre a partida de Nikita; Ouro Preto (MG); 27/05/1887

APMCG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 02 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre a falta de notícias e visita de Calógeras; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; considere-se aqui as marcas de dobradura e as indicações [setas] referentes à direção da escrita em relação ao papel.

APMCG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 03 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre respostas de cartas da prima, greve das normalistas e vida estudantil em Ouro Preto. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]

APMCG. Notação CG 1- Cx.01; [carta 04 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca e Nikita sobre sonhos, saúde, visita do tio, casamento de Zizinha Marçal e Zizinha Alves. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]

APMCG. Notação CG 1- Cx.01 [carta 05 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca pedindo discrição nas cartas, para não mencionar o nome de Calógeras e sobre a dúvida de Afonso Albino entre os cursos de Direito e Engenharia. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]

APMCG. Notação CG 1- Cx. 01 [carta 06 de 08] Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre seu estado de saúde, colocação de Calógeras nas provas, cartas escritas às escondidas, viúves de Angelina Catão, noivo de Etelvina e a volta de Nikita; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]; Notação CG 1- Cx. 01; [carta 06 de 08]

APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 07 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre sua doença e o sofrimento de Etelvina com a morte do noivo. Ouro Preto (MG); s.d. [1887?]

APMCG. Notação CG 1- Cx. 01; [carta 08 de 08]. Carta de Constância Guimarães para Sinhoca sobre seu estado físico e emocional, comemorações do aniversário da Escola de Minas, visita de Calógeras e Jaguaribe e bilhete para a prima Julinha; Ouro Preto (MG); s.d. [1887?];

APMCG. Notação CG 2- Cx.01; Textos [datilografados] de José Guimarães Alves sobre a família de Joaquim Caetano da Silva Guimarães e Romana Guimarães Dechamps, tios de Constância Guimarães. Notas explicativas sobre as expressões usadas por Constância Guimarães em suas cartas; s.d.

APMCG. Notação CG 2 - Cx. 01; Notas [datilografadas] sobre as cartas de Constância Guimarães relatando o cotidiano em Ouro Preto; notação CG 2 - Cx. 01; sobre a importância dos herdeiros e seus escrúpulos, s.d.

FUNDO FAMÍLIA RODRIGUES PEREIRA

P - EMITIDAS POR MARIANNA ANGÉLICA DA CONCEIÇÃO

APMFARP. Notação Cx. 3, série 4, Diversos, pacotilha 2. Carta de Marianna Angélica da Conceição; para Augusto José da Silva; de Itaverava (MG); 08/03/1876

Q - OUTROS

MUSEU CASA ALPHONSUS DE GUIMARAENS. Notação Cx. 01, doc. 9. Certificado de casamento de Alphonsus de Guimaraens com Zenaide Silveira de Lima. Ofício de Registro Civil da Cidade de Conceição do Serro, 07/08/1921

6.2. PUBLICADAS

ADEOTADO, William Magalhães. O romantismo do século XIX na formação da linguagem: oralidade na obra de Bernardo Guimarães e legitimação da língua. In: SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Scortecci, 2001, p. 21-54

ALBERTI, Verena. A existência da história: revelações e risco da hermenêutica. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 17, p. 31-57, 2006

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 490.

ANDRADE, Mário. *Cartas a Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981

- APM. Notação CG001. Acervo de fotografias. Constância Guimarães; 11,3 x 0,8 cm; p&b; [1885-1888?][erroneamente apontada pelo arquivo como irmã de Alphonsus, o poeta]; s.l.; s.d.
- APM. Notação CG004. Acervo de fotografias. Casal Pandiá Calógeras e Elisa [Sinhoca];; 8,7 x 12,2 cm; p&b; s.l.; s. d.
- APM. Notação CG003. Acervo de fotografias. Anna Guimarães [Nikita ou Miquita]; 8,5 x 6,3 cm; p&b; s.l.; s.d.
- APM. Coleção Jornais Mineiros; disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php>; acessado em 01/02/2011
- APM. Inventário da Coleção Constância Guimarães. Jan. 2005. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colecoes/CG/INVENTARIO%20DA%20COLECAO%20CONSTANCIA%20GUIMARAES.pdf; acessado em 15/06/2010
- APM. Inventário da Coleção Família Rodrigues Pereira. Jan. 2005b. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos_colecoes/FRP/INVENTARIO%20DA%20COLECAO%20FAMILIA%20RODRIGUES%20PEREIRA.pdf; acessado em 15/06/2010
- APM. Inventário do Fundo Alferes Luiz Antônio Pinto. Ago. 2007. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=37; acessado em 15/06/2010
- ARAÚJO, Valdei Lopes. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional Brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos completos*. [org. Djalma Moraes Cavalcante]. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003, 2 vol.
- BAHTKIN, Mikhail (V. VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da linguagem. 3. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986
- _____. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UNB, 1987
- _____. Adendo; os gêneros do discurso; o problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Estética e criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-335.
- BANCO NACIONAL de Teses e Dissertações; Disponível em <http://bdtd.ibict.br/>; acessado em 15/04/2011
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luis Antero Reto; Augusto Pinheiro. 4. Ed. Lisboa: Edições 70, 2009

- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981
- _____. *O rumor da língua*. Trad. António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987
- _____. *O grau zero da escritura*. Seguido de novos ensaios críticos. 2. ed. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- _____. *Elementos de Semiologia*. Trad. Isidoro Blikstein. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006
- _____. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007
- BATISTA, Antônio Augusto. Papéis velhos, manuscritos impressos: paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das letras; São Paulo: Fabesp, 2005, p. 87-116
- _____. Paleógrafos ou livros de leitura manuscrita: elementos para o estudo do gênero. In: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Batista/batista.htm>; acessado em 08/05/2011
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 57-77
- BASTOS, Maria Helena Câmara. Uma face do amor; a arte de escrever cartas. In: *Congresso de Leitura do Brasil*. (14:2003, Campinas); disponível em http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Cinda.html#b; acessado em 21/02/2011;
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008
- BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social de gêneros diferenciados. In: _____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa oficial do Estado, 2002
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Trad. Maria Glória Novak; Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005, p. 284-293
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-90
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984
- _____. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994

- _____. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Suzana Kampff; Ernani Chaves. São Paulo: Ed. 34; Duas Cidades, 2011
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Modernidad, pluralismo y crisis de sentido. ¿Qué necesidades humanas básicas de orientación deben ser satisfechas? *Estudios Públicos*, n. 63, Invierno, 1996; disponível em <http://courseware.url.edu.gt/PROFASR/Estudiantes/Facultad%20de%20Ciencias%20Pol%C3%ADticas%20y%20Sociales/Poder%20y%20Pluriculturalidad%20Social%20en%20Guatemala/Textos%20te%C3%B3ricos%20de%20apoyo/Luckman%20y%20Berger-%20Modernidad,%20Pluralismo%20y%20crisis%20de%20sentido.pdf>; acesso em 01/02/2011
- _____. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. 2. ed. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2005
- BERNARDO GUIMARÃES (1825-1884), obra e vida, in: <https://sites.google.com/site/sitedobg/Home/iconografia/de-teresa-guimaraes-para-raul-guimaraes-de-albuquerque>; acessado em 15/04/2011
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de Paleografia e de Diplomática*. 3. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008
- BLANCO, Ricardo Román. *Estudios paleográficos*. São Paulo: Laserprint, 1987
- BLOCH, Marc. *Introducción a la historia*. Trad. Pablo González Casanova. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1982
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- BPR. *Leitura manuscrita*. Lições coligidas por BPR. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: livraria Francisco Alves; s.d.
- BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 208-236
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. [Org. Renato Ortiz] Trad. Paula Monero; Alícia Auzmendi. São Paulo: Ed. Ática, 1983
- _____. *Escritos de educação*. 10 ed. Trad. Petrópolis: Vozes, 2008
- _____. A classe como representação e como vontade. In: _____. *O poder simbólico*. 15. ed. Trad. Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2011, p. 157-161
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003

- BRUNO, Pedro. *A Pátria* (óleo, 278 x 180 cm, moldura). Rio de Janeiro: Museu da República: Coleção Presidência da República, 1919. Disponível em http://www.republicaonline.org.br/index_site.htm; acessado em 10/01/2009
- BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Ed. UNESP, 1995
- _____. *História social e teoria social*. Trad. Klauss Gerhardt e Roneide Majer. São Paulo: Ed. UNESP, 2002
- _____; PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem* (orgs.). Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Ed. Unesp, 1993
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos históricos*, n. 21, p. 43-58, 1998; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2071>; acessado em 08/08/2011
- CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não-escrita [cap. 10]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Uso e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 1998 p. 139- 147.
- CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura Brasileira: o caso de Gregório de Mattos*. 2. ed. Salvador, FCJA, 1989
- CARDOSO, Maria Rothier. Jogos de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. In: *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, n. 4, p. 59-70, 1985
- CARVALHO, José Murilo de. República-mulher: entre Maria e Marianne. In: _____. *A formação das almas*. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 75-96
- CARVALHO, Maria da Conceição. *Cordialmente, Eduardo Frieiro: fragmentos (auto) biográficos*. Belo Horizonte, 2008. Tese (Doutorado em literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional Brasileira. In: FREITAS, Marco Cezar. *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 329-353
- CASAGRANDE, Rosangela Fonseca. *Análise da correspondência entre Manuel Bandeira e Ribeiro Couto*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 65- 119;
- CERVONI, Jean. Trad. *A enunciação*. Trad. L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989, p. 16-18.
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: _____. *História da vida privada 3* (org.). Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 112-161

- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998
- _____. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priore. 2 ed. Brasília: Ed. UNB, 1999
- _____ ; BORDIEU, Pierre. A leitura: uma prática social; debate entre Pierre Bordieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 231-253
- COLEÇÃO Brasileira da USP; disponível em <http://www.Brasiliana.usp.br/dicionario/>; acessada em 03/03/2011
- COSTA, Suely Gomes. Tornado à “simpleza antiga”. Rio de Janeiro, fins do século XIX. *Tempo*, Niterói, v.12, n. 24, p. 173-193, 2008
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007
- CUNHA, Maria Teresa santos. Os dizeres das regras. Um estudo sobre os manuais de civilidade e etiqueta. In: Anais do 3º Congresso Brasileiro de Educação. Curitiba, SBHE; disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/488.pdf>; acessado em 07/05/2011
- CURSO GRADUADO de leitura manuscrita em 21 lições composto para a mocidade Brasileira. 8. ed. Rio de Janeiro: B. –L. Garnier, 1888
- DARNTON Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 229.
- _____. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: _____. *Os dentes falsos de George Washington*. Um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 40-41; 50.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo. Uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2001
- D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 223-188
- DURKHEIM, Emile. A educação – sua natureza e função. In: _____. *Educação e sociologia*. Trad. Lourenço Filho. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978
- EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: _____. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. São Paulo: Martins fontes, 2001, p. 1-22
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000
- _____. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. Atílio Cancian. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004
- _____. *Interpretação e superinterpretação*. Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

- _____. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Literatura – Texto. Discurso. Vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987
- FÁRACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogos: as idéias linguístas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009
- FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação no Brasil. A constituição histórica do campo e sua configuração atual. In: _____. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da Educação*. São Paulo: Autores Associados, 2005, p. 88-87
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 141-188
- _____. *O avesso da memória*. Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1999
- _____. *Barrocas Famílias*. Vida familiar em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 4. ed.. São Paulo: Ática, 1995
- _____. (org.). *Introdução à lingüística II*. Princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Divisão de Arquivo do estado, 1979
- FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1991, p. 331-370
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. 3. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1985
- _____. *Eu, Piérre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão; um caso de parricídio do século XIX*. Trad. Denize Lezan de Almeida. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997
- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Revista Estudos históricos*, vol. 11, n. 21, p. 59-87, 1998; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2060>; acesso em 11/12/2010
- FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; CUNHA, Maria Amália de Almeida. Dimensões da condição feminina no final do século XIX, nas páginas do Diário “Minha Vida de Menina” (1893-1895). *Horizontes*, Bragança Paulista, n. 19, p. 29-41, jan./dez., 2001
- FURET, François. Da história-narrativa à história-problema. In: _____. *A oficina da história*. Trad. Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa: Gradiva, 19[8-], p. 81-89

- FURLANETTO, Maria Marta. Gênero de discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 260-281
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Metodo*. Salamanca: Sígueme, 1993
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (orgs.). *Prezado senhor, Prezada senhora*. Estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- GASTAUD, Carla Rodrigues. *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e praticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Educação), UFRS
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- _____. *Os Andarilhos do Bem: feitiçaria a cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Trad. Jonatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988
- _____. *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: *Estudos históricos*, n. 21, p. 121-127, 1998; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2069>; acessado em 15/08/2011
- GOMES, Lindolfo. *Exercícios de leitura manuscrita*. Trechos selecionados para o 3º. e 4º. ano das escolas primárias. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960
- GOODMAN, Nelson. *Linguagens da arte*. Uma abordagem a uma teoria dos símbolos. Trad. Vítor Moura; Desidério Murcho. Lisboa: Gradiva, 2006
- GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. Trad. Waldemar Ferreira Netto. São Paulo: Paulistana, 2006
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. Reiventando a tradição: sobre Antiquariado e Escrita da História. *Humanas*, Porto Alegre, v. 23, n. 1 – 2, p. 111-143, 2000
- GUYOTJEANNIN, Olivier. A erudição transfigurada. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Trad. Marcella Mortara; Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV, 1998
- HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória histórica. In: _____. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p. 53-89
- HARTOG, François. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. Trad. Francisco Murari Pires. *Revista de História*, São Paulo, n. 148, p. 9-34, julho, 2003
- HESPANHA, António Manuel. Organização arquivística e história do poder. *Vértice*, 2. Série, n. 4, p. 111-112, jul. 1998
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória, e resíduo histórico. Uma reflexão sobre os arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Revista Estudos históricos*, vol. 10, n. 19, p.

- 41-66, 1997; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2041>; acessado em 09/10/2010
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. As iniciativas dos republicanos. In: _____. *História da Educação Brasileira: leituras*. São Paulo: Thompson Learning, 2003, p. 57-66
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984
- HOT, Amanda Dutra. *Cartas à Viscondessa: cotidiano e vida familiar no Brasil Império (Ouro Preto, 1850 – 1902)*. Mariana, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciência Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto
- IBGE. Série Estatística & Série Histórica do IBGE, in: http://seriestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=0&no=10; acessado em 30/06/2011
- IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Campinas: 2004. Tese de doutoramento. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Universidade Estadual de Campinas
- JACQUARD, Albert; PLANÉS, Huguette. *Filosofia para não-filósofos*. Trad. Guilherme de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 191-198.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2003
- JINZENJI, Mônica Yumi. *Gênero Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010
- KELLY, Kevin. A tecnologia nos faz melhores. *Revista VEJA*, Especial Tecnologias; disponível em http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia_2007/p_046.html; acesso em 09/01/2011
- KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência verbal*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2002
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003
- KOSELECK, Reinhardt. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006
- KUNDERA, Milan. *A cortina. Ensaio em sete partes*. Trad. Tereza Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- LAROSSA, Jorge. Os paradoxos da repetição e a diferença. Notas sobre o comentário de texto a partir de Foucault, Bakhtin e Borges. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 115-145

- LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: _____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 525-541
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 167-182
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LIMA, José Arnaldo Coelho de Aguiar. *As novenas em Mariana*. Mariana: Ed. do autor, 2011
- LIMA, Kleverson Teodoro de. *Práticas missivistas íntimas no início do século XX*. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais
- LOPES, Eliane Martha Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Introdução; História da Educação: uma disciplina, um campo de pesquisa. In: _____. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 443-481
- MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 237-259
- MAGALHÃES, Bernardina Botelho de. *O diário de Bernardina: da Monarquia à República, pela filha de Benjamin Constant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009
- MARCUSHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005
- _____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- MARQUES, A. H. de Oliveira. Paleografia. In: SERRÃO, Joel (org.). *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas Editores, 1981, p. 528-534
- MARQUILHAS, Rita. Conceitos de Pragmática Linguística na *mise-en-page* do texto escrito. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fabesp, 2005, P. .
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de lingüística* (org.). São Paulo: Contexto, 2008
- MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. *Pedro e Luísa. Construções de si: a escrita epistolar de D. Pedro II e da Condessa de Barral*. Florianópolis, 2009. Tese (Doutorado em Teoria da Literária). Universidade Federal de Santa Catarina
- MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema Brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980
- MENDES, Ubirajara Dolácio. *Noções de paleografia*. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1953

- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Breve história da literatura Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977
- MOISÉS, Massaud. *A literatura Brasileira*. O simbolismo (1893-1902). 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1962, vol. 4
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Cartas muitas íntimas; escrúpulos de herdeira. In: *Revista Brasil de Literatura*. Disponível em: http://revistaBrasil.org/revista/arqmorto/arquivo_morto.html; acesso em 17/01/2011
- NORA, Pierre. Entre memória e história; a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993
- OLIVEIRA, Nelson Henrique Moreira de. *Apostila de Paleografia*; Material referente a primeira oficina de paleografia oferecida pelo PET – História. Rio de Janeiro: UFRJ, s.d.; disponível em http://www.ufrj.br/graduacao/PETHistoria/arquivos_PET/atividades/paleografia/Apostila_Oficina-Paleografia-I.pdf; acessado em 08/05/2011
- ONG, Walter. *Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra*. Trad. Angélica Scherp. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1987
- OTTONI, Cristiano Benedito; OTTONI, Bárbara Balbina de Araújo Maia. *Cartas aos netos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1978
- PACE, Tácito. *O simbolismo na poesia de Alphonsus de Guimaraens*. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1984
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa do século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, n. 104, p. 144-161, julho, 1998
- PAULA, Débora Clasen de. “*Da mãe e amiga Amélia*” – cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XIX). São Leopoldo, 2008. Dissertação (Mestrado em História). UFRS
- PERINI, Mário. *Princípios de linguística descritiva*. Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 1998
- PETITAT, André. O surgimento dos sistemas escolares estatais: premissas e contradições. In _____ . *Produção da escola/ produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 141-149
- PIMENTA, Reinaldo. *A casa da Mãe Joana*. Curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. 10 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832

- POE, Edgar Allan. *Filosofia da Composição*. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 1998
- PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005
- PROCHASSON, Christophe. “Atenção: Verdade!”; arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. Trad. Dora Rocha. *Revista Estudos históricos*, vol. 11, n. 21, p. 105-119, 1998; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2064>; acessado em 15/03/2011;
- PROST, *Doze lições sobre a história*. Trad. Guilherme Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008
- RAÍZES, por Lusa Vilar; 12/02/2011; in: <http://raizeslusavilar.blogspot.com/2011/02/paleografo-do-seculo-xix-parte-i.html>; acessado em 15/04/2011;
- RANUN, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 211-266
- REIS, Jose Carlos. *A história entre a ciência e a filosofia*. São Paulo: Ática, 1996
- RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia: a escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)*. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica
- RICOUER, Paul. *Sobre a tradução*. Trad. Patrícias Lavelle. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre as origens das línguas*. Trad. Fúlvia Moretto. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência posmoderna. In: *Estudos Avançados*, vol. 2, n. 2, São Paulo, p. 46-71, mai./ago., 1988
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 63-96
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação & Realidade*, 20(2), p. 71-99, jul./dez., 1995
- SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *História da família no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1998

- SILVA, Milena de Souza da. *Cotidiano, escrita de si e coronelismo: a correspondência de Manoel de Freitas Valle filho a Borges de Medeiros (1903-1916)*. Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em Histórias) – PUCRS
- SILVA, Otoniel Machado da. *Retórica, roda de compadres, solidão e achaques da velhice: o Machado de Assis das cartas*. João Pessoa, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPB
- SILVEIRA, Marco Antonio. *O universo do indistinto*. Estado e sociedade nas Minas Gerais setecentistas (1735-1808). São Paulo: Hucitec, 1997
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Trad. Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- SOARES, Luiz Eduardo. Hermenêutica e Ciências humanas. In: *Estudos Históricos*, vol. 1, n. 1, 1988; disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1932>; acessado em 12/07/2010;
- SOTO, Ucy. *Cartas através dos tempos; o lugar do outro na correspondência Brasileira*. Niterói: Ed. UFF, 2007
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o “contextualismo linguístico” na perspectiva de Quentin Skinner. *Revista Fênix*, vol. 5, n. 4, p. 1-19, out./nov./dez. 2008; disponível em http://www.revistafenix.pro.br/PDF17/ARTIGO_16_VANDERLEI_SEBASTIAO_D_E_SOUZA_FENIX_OUT_NOV_DEZ_2008.pdf; acessado em 15/03/2011.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 401-442
- VASCONCELOS, Eliane. Carta missiva. *Revista Brasil de Literatura*. Disponível em: http://revistaBrasil.org/revista/arqmorto/arquivo_morto.html. Acesso: 07/02/2011
- VEIGA, Cyntia Greive. Educação estética para o povo. In: _____. LOPES, Eliane Marta; FARIA FILHO, Luciano (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 413
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 36-46
- VILLALTA, Luiz Carlos. Os clérigos e os livros nas Minas Gerais da segunda metade do século XVIII. In: *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 19-52, jan./dez., 1995
- VIRGILIO, Carmelo (org.). *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: INL, 1969
- WADI, Yonissa Marmitt. A história de Pierina e as interpretações sobre processos de sofrimento, perturbação e loucura (RS/Brasil, século XX). In: *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 21, p. 83-103, jan./dez. 2003; disponível em [http://161.111.47.133/PDF/Yonissa%20Wadi%20\(Horizontes\).pdf](http://161.111.47.133/PDF/Yonissa%20Wadi%20(Horizontes).pdf); acessado em 07/06/2011

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. Ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus lógico-philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Ed. USP, 2008

APÊNDICE

FIGURA 33 - Fac-símiles dos Paleógrafos ***



*** [a] CURSO GRADUADO de leitura manuscrita em 21 lições composto para a mocidade Brasileira. 8. ed. Rio de Janeiro: B. -L. Garnier, 1888; [b] BPR. *Leitura manuscrita*. Lições coligidas por BPR. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves; s.d.; [c] GOMES, Lindolfo. *Exercícios de leitura manuscrita*. Trechos selecionados para o 3º e 4º ano das escolas primárias. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.